

**Universidades Lusíada**

Parente, André Jorge Martins, 1985-

**A forma de construção da paisagem :  
intervenções ligeiras na Comporta**

<http://hdl.handle.net/11067/3358>

**Metadados**

|                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Data de Publicação</b> | 2017-06-01                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Resumo</b>             | A presente dissertação centra-se no tema “a forma de construção da paisagem”, remetendo para o estudo de intervenções ligeiras na Comporta. Com o objectivo de abordar estratégias de integração de construções ligeiras na Paisagem, nomeadamente as que estabelecem uma relação com o tempo e com a sua envolvente, foram apresentados, numa primeira parte, conceitos relacionados com a Paisagem, levando à selecção dois casos de estudo, inseridos na mesma paisagem mas com estratégias de intervenção disti... |
| <b>Palavras Chave</b>     | Arquitectura paisagística - Portugal - Setúbal, Construção da paisagem - Portugal - Setúbal, Casa na Comporta (Setúbal, Portugal), Cais palafítico da Carrasqueira (Setúbal, Portugal)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Tipo</b>               | masterThesis                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Revisão de Pares</b>   | Não                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Coleções</b>           | [ULL-FAA] Dissertações                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:20:36Z com informação proveniente do Repositório



**UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA**

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado integrado em Arquitectura

## **A forma de construção da paisagem: intervenções ligeiras na Comporta**

**Realizado por:**

André Jorge Martins Parente

**Orientado por:**

Mestre Arqt. Alberto de Sousa Oliveira

### **Constituição do Júri:**

|                           |                                                             |
|---------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Presidente:               | Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Brazinho |
| Orientador:               | Mestre Arqt. Alberto de Sousa Oliveira                      |
| Assistente de orientação: | Mestre Arqt. Carlos Manuel Lampreia da Silva                |
| Arguente:                 | Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel                   |

Dissertação aprovada em: 27 de Fevereiro de 2013

Lisboa

2012



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

## A forma de construção da paisagem: intervenções ligeiras na Comporta

André Jorge Martins Parente

Lisboa

Dezembro 2012





U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

A forma de construção da paisagem:  
intervenções ligeiras na Comporta

André Jorge Martins Parente

Lisboa

Dezembro 2012



André Jorge Martins Parente

## A forma de construção da paisagem: intervenções ligeiras na Comporta

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Orientador: Mestre Arqt. Alberto de Sousa Oliveira

Assistente de orientação: Mestre Arqt. Carlos Manuel  
Lampreia da Silva

Lisboa

Dezembro 2012

## Ficha Técnica

**Autor** André Jorge Martins Parente  
**Orientador** Mestre Arqt. Alberto de Sousa Oliveira  
**Assistente de orientação** Mestre Arqt. Carlos Manuel Lampreia da Silva  
**Título** A forma de construção da paisagem: intervenções ligeiras na Comporta  
**Local** Lisboa  
**Ano** 2012

### Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

PARENTE, André Jorge Martins, 1985-

A forma de construção da paisagem : intervenções ligeiras na Comporta / André Jorge Martins Parente ; orientado por Alberto Sousa Oliveira, Carlos Manuel Lampreia da Silva. - Lisboa : [s.n.], 2012. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - OLIVEIRA, Alberto de Sousa, 1945-

II - SILVA, Carlos Manuel Lampreia da, 1964-

LCSH

1. Arquitectura paisagística - Portugal - Setúbal
2. Construção da paisagem - Portugal - Setúbal
3. Casa na Comporta (Setúbal, Portugal)
4. Cais palafítico da Carrasqueira (Setúbal, Portugal)
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
6. Teses - Portugal - Lisboa

1. Landscape architecture - Portugal - Setúbal
2. Landscape construction - Portugal - Setúbal
3. Casa na Comporta (Setúbal, Portugal)
4. Cais palafítico da Carrasqueira (Setúbal, Portugal)
5. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
6. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. SB472.P37 2012

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Mestre Arqt. Carlos Lampreia, pela sua disponibilidade, dedicação e orientação.

Ao Arqt. Manuel Aires Mateus e à Direcção-Geral das Artes, pela disponibilização de elementos que se revelaram fundamentais para o cruzar de informação aqui implícita, bem como pela forma prestável como sempre responderam aos meus pedidos.

À Arq.<sup>ta</sup> Margarida Portugal, pelas conversas e discussões sobre arquitectura que, em muito, contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos inúmeros Professores da Universidade Lusíada de Lisboa e, da Universidad Complutense de Madrid, que contribuíram com as suas aulas e referências para a minha formação como Arquitecto e para o produto final deste trabalho.

À equipa da Associação dos Arquitectos da Parede, por todo o apoio, confiança e disponibilidade, prestados nestes últimos dois anos.

Aos meus pais, família e amigos, que sempre estiveram presentes, e compreenderam os meus períodos de ausência para a dedicação a este curso.



“Qualquer pessoa faz uma casa; a capacidade de tornar poéticas as suas memórias e a liberdade de os fazer é talvez o que define a arquitectura. As memórias são a coisa mais central que se pode estruturar num projecto de arquitectura. Experiências arquitectónicas todos temos, e tantas. O nosso problema é a consciência delas.”

MATEUS, Manuel Aires. (2011) – Services in a (post)Arquitectura.pt. Reference Services Review. Entrevista aos Arq.tos Aires Mateus.



## **APRESENTAÇÃO**

### **A forma de construção da paisagem: intervenções ligeiras na Comporta**

André Jorge Martins Parente

A presente dissertação centra-se no tema “a forma de construção da paisagem”, remetendo para o estudo de intervenções ligeiras na Comporta.

Com o objectivo de abordar estratégias de integração de construções ligeiras na Paisagem, nomeadamente as que estabelecem uma relação com o tempo e com a sua envolvente, foram apresentados, numa primeira parte, conceitos relacionados com a Paisagem, levando à selecção dois casos de estudo, inseridos na mesma paisagem mas com estratégias de intervenção distintas.

O Cais Palafítico da Carrasqueira, onde é feita uma abordagem ao uso natural da materialidade, pelo não-arquitecto; e a Casa da Comporta dos Arquitectos Aires Mateus que preserva uma cultura, trabalhando a materialidade sob um olhar tecnológico, pelo arquitecto.

É reforçada a ideia de que cada paisagem tem marcada a sua História, caracterizada pelo seu posicionamento geográfico e pela sua cultura e isso não deverá ser indiferente ao Arquitecto.

A escolha destas duas obras mostrou-se adequada na medida em que nos permite observar a forma como a paisagem interage com o Homem, como Homem se deixa influenciar pela mesma e, como esta tem implícita uma forma de construir.

**Palavras-chave:** Paisagem, Identidade do Lugar, Intervenções Ligeiras, Materialidade.



## **PRESENTATION**

### **The way of construction of landscape: light interventions in Comporta**

André Jorge Martins Parente

This dissertation focuses on the subject of "the way of construction of landscape", referring to the study of light interventions in Comporta.

With the aim of approaching integration strategies of small constructions in the landscape, in particular how to establish a relationship with time and with its surroundings, were presented in a first part, related concepts with a landscape, leading to the selection of two case studies, inserted in the same landscape but with different intervention strategies.

The "Cais Palafítico da Carrasqueira", where is made an approach to the natural use of materiality, by a non-architect; and the "Casa da Comporta dos Arquitectos Aires Mateus" that preserves a culture by working a materiality under a technological look, by the architect.

Is reinforced the idea that every landscape has marked its history, characterized by its geographical position and its culture, and it should not be indifferent to the architect.

The choice of these two works proved to be the most appropriate because it allows to observe how the landscape interacts with the man, how the man is influenced by the landscape and how the landscape has implied a form of build.

**Palavras-chave:** Landscape, Identity of the place, Light interventions, Materiality.



## ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ilustração 1 – “Curvas do Douro”. (Rocha, Porto, 2009) .....                                                                                                          | 29 |
| Ilustração 2 – “Olhar Lisboa”. (Ilustração nossa, Lisboa, 2010) .....                                                                                                 | 29 |
| Ilustração 3 – “Arriba Portuguesa”. (Ilustração nossa, Cabo de São Vicente, 2010) .....                                                                               | 31 |
| Ilustração 4 – “Praia da Comporta”. (2012) .....                                                                                                                      | 31 |
| Ilustração 5 – “The amphitheatres of Muyu-uray”, Peru. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.7) .....                                            | 36 |
| Ilustração 6 – “Woven Palaces – a house in the royal quarter of Bakuba”, Congo. Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.136) .                      | 38 |
| Ilustração 7 – “Woven Palaces – a detail of the Palace of Justice at Aloa Bay”, Solomon Islands. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.137)..... | 39 |
| Ilustração 8 – “Vegetal Roofs”, Japan. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.143).....                                                           | 40 |
| Ilustração 9 – “Vegetal Roofs”, Japan. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.145).....                                                           | 40 |
| Ilustração 10 – “Pile Dwellings”, Italy. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.107).....                                                         | 41 |
| Ilustração 11 – “Pile Dwellings”, Congo. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.108).....                                                         | 41 |
| Ilustração 12 – “Pile Dwellings”, China. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.109).....                                                         | 42 |
| Ilustração 13 – “The Sahara Circle”; “The Sahara Line”; “The Dusty Boots Line The Sahara”; LONG, Richard. (The Sahara Desert, Long, 1988) .....                       | 43 |

|                                                                                                                                                                                                                            |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ilustração 14 – “Déodate Magnin, Povo Lacustre”, (final do séc. XIX, Museu Laténium, Suíça). (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.8-9).....                                     | 45 |
| Ilustração 15 – “Comunidade palafítica em Amarales, no Pacífico colombiano”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.13) .....                                                     | 46 |
| Ilustração 16 – “Principais aglomerações de palafita”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.19) .....                                                                           | 47 |
| Ilustração 17 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.16) .....                                                                   | 48 |
| Ilustração 18 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.16) .....                                                                   | 48 |
| Ilustração 19 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.17) .....                                                                   | 49 |
| Ilustração 20 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.17) .....                                                                   | 49 |
| Ilustração 21 – “Palafitas do lago de Maracaíbo” , Venezuela. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.20) .....                                                                    | 50 |
| Ilustração 22 – “Conjuntos Urbanos” 1) terraço; 2) cozinha; 3) sala de jantar; 4) quarto; 5) casa de banho; 6) galeria exterior. (Palafita: da arquitetura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.18) ..... | 50 |
| Ilustração 23 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012) .....                                                                                                                                         | 52 |

|                                                                                                                                                                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ilustração 24 – “Divisões Geográficas”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.127).....                                                                                                                          | 53 |
| Ilustração 25 – “Economia Agrícola”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.125).....                                                                                                                             | 54 |
| Ilustração 26 – “Tipos de Povoamento”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.125).....                                                                                                                           | 54 |
| Ilustração 27 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012) .....                                                                                                                                            | 55 |
| Ilustração 28 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012) .....                                                                                                                                            | 55 |
| Ilustração 29 – “Localização das comunidade da Póvoa de Santa Iria e da Carrasqueira nos estuários do Tejo e do Sado”. ( SOUTO, Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico, SOUTO 1998, p.4) ..... | 57 |
| Ilustração 30 – “Movimento de ranchos para o distrito de Setúbal em 1956”. (MAGALHÃES,Dos Ranchos Migratórios em Portugal, Relatório Final do Curso de Engenharia Agrónoma, MAGALHÃES, 1956).....                             | 59 |
| Ilustração 31 – “Aspecto das tradicionais barracas da Carrasqueira (1997)”. (SOUTO, Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico, SOUTO, 1998 3, p.7) .....                                          | 60 |
| Ilustração 32 – “O passado e o presente”, Comporta. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                                                                                            | 61 |
| Ilustração 33 – “Carrasqueira”. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                                                                                                                | 62 |
| Ilustração 34 – “Entrada no Cais”. (Ilustração nossa, Carrasqueira, 2012) .....                                                                                                                                               | 63 |
| Ilustração 35 – “Prolongamento da Paisagem” (Ilustração nossa, Carrasqueira, 2012) .....                                                                                                                                      | 64 |

|                                                                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ilustração 36 – “Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                          | 65 |
| Ilustração 37 – “Planta Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012) .....                          | 66 |
| Ilustração 38 – “Cortes do Cais Palafítico da Carrasqueira – Marés”. (Ilustração nossa, adaptado de Ilustração 37, 2012) .....             | 68 |
| Ilustração 39 – “Marés”. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                                    | 69 |
| Ilustração 40 – “Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Tico, Comporta, 2008) .....                                                            | 70 |
| Ilustração 41 – “O desgaste da madeira”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                      | 71 |
| Ilustração 42 – “O antigo e o recente”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)                                                             | 72 |
| Ilustração 43 – “O lodo no Cais”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                             | 73 |
| Ilustração 44 – “As cores do Cais”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                           | 74 |
| Ilustração 45 – “À saída do Cais Palafítico”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                 | 74 |
| Ilustração 46 – “Pluviosidade”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.160) .....                                              | 76 |
| Ilustração 47 – “Materiais”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.174) .....                                                 | 77 |
| Ilustração 48 – “Sistema tradicional de taipais para compactação de um taipal.”. (Dissertação de Mestrado em Construção, 2006, p.22) ..... | 78 |
| Ilustração 49 – “Esquema da construção em taipa”. (CORRAL, Madrid, 1979)                                                                   | 78 |
| Ilustração 50 – “Encaniçado”, Alte, Loulé. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.182).....                                    | 79 |
| Ilustração 51 – “Construção em Colmo”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.174).....                                        | 80 |

|                                                                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Ilustração 52 – “Habitação de Pescadores na costa arenosa”, Casa Branca, Alcácer do Sal. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.208) ..... | 81 |
| Ilustração 53 – “Povoação do Vale do Sado”, Arez, Alcácer do Sal. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.224) .....                        | 82 |
| Ilustração 54 – “Mapa Tipológico”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.226-227) .....                                                   | 83 |
| Ilustração 56 – “Cabanas dos Pescadores”, Comporta. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                     | 84 |
| Ilustração 57 – “Casa na Comporta” (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                                      | 85 |
| Ilustração 58 – “Implantação da Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012) .....                                             | 87 |
| Ilustração 59 – “Implantação e Alçado da Casa na Comporta”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011).....                                                  | 88 |
| Ilustração 60 – “Planta e Corte das Casa na Comporta”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011) .....                                                      | 89 |
| Ilustração 61 - “Pátio - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, 2012) .....                                                                             | 90 |
| Ilustração 62 – “Sala - Casa na Comporta”. (Garrido, Comporta, 2011).....                                                                              | 92 |
| Ilustração 63 – “Volátil: pó de talco, vela, cheiro a gás”. (No place like, Meireles, 1980-84, p. 48) .....                                            | 93 |
| Ilustração 64 – “Quartos: Planta Suite   Planta e Corte Volume em caniço”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011) .....                                  | 95 |
| Ilustração 65 – “Interior - Casa na Comporta”. (Garrido, Comporta, 2011).....                                                                          | 96 |
| Ilustração 66 – “Paisagem - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012) .....                                                                | 97 |

|                                                                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 67 – “Exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012) .....                                                | 97  |
| Ilustração 68 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                      | 98  |
| Ilustração 69 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                      | 98  |
| Ilustração 70 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                      | 99  |
| Ilustração 71 - “Areia, palha e madeira” - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                  | 99  |
| Ilustração 72 – “Orientação das Cabanas no Passado”, Esquema interpretativo com base na Ilustração 59. (Ilustração nossa, 2012) .....  | 100 |
| Ilustração 73 – “Orientação das Cabanas no Presente”, Esquema interpretativo com base na Ilustração 59. (Ilustração nossa, 2012) ..... | 101 |
| Ilustração 74 – “Detalhe – Volumes Suite”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011) .....                                                | 102 |
| Ilustração 75 – “Volumes Suite - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                            | 103 |
| Ilustração 76 – “Detalhe – Volume em caniço - Quartos”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011).....                                    | 104 |
| Ilustração 77 – “Volume Quartos - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                           | 105 |
| Ilustração 78 – “Detalhe – Volume em caniço – Sala”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011) .....                                      | 106 |
| Ilustração 79 – “Interior Exterior – Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                                        | 107 |

|                                                                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Ilustração 80 – “Volume em caniço – Sala e Cozinha”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011) .....                                  | 108 |
| Ilustração 81 – “A Casa e a Envolvente”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012) .....                                                | 109 |
| Ilustração 82 – “A Casa e o Cais”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.0 e min.4).....                  | 110 |
| Ilustração 83 – “A Praia e a Pesca”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.6 e min.5).....                | 111 |
| Ilustração 84 – “Vai para casa?”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.9 e min.10).....                  | 112 |
| Ilustração 85 – “Partilha de conhecimentos”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.11 e min.12).....      | 112 |
| Ilustração 86 – “A chegada a Casa”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.14) .....                       | 113 |
| Ilustração 87 – “O convívio”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.15 e min.18).....                     | 113 |
| Ilustração 88 – “O princípio e o fim”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.0 e min.18).....             | 113 |
| Ilustração 89 – “Localização do Cais Palafítico e das Casas na Comporta”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012)..... | 115 |
| Ilustração 90 – “Integração das Intervenções na Paisagem.”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012).....                              | 117 |



## ÍNDICE

|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. Introdução.....                                                            | 23  |
| 2. A Paisagem .....                                                           | 25  |
| 2.1. A descaracterização da paisagem .....                                    | 32  |
| 2.2. Materialidade e paisagem .....                                           | 35  |
| 3. Intervenções ligeiras na Comporta, o Cais Palafítico da Carrasqueira ..... | 45  |
| 3.1. Origem das Palafitas.....                                                | 45  |
| 3.2. Contexto histórico e cultural da Carrasqueira .....                      | 52  |
| 3.3. O cais como intervenção.....                                             | 62  |
| 4. Intervenções ligeiras na Comporta, as casas na areia de Aires Mateus.....  | 75  |
| 4.1. Contexto histórico e cultural.....                                       | 75  |
| 4.2. Intervenção à “Casa da Comporta” de Aires Mateus.....                    | 85  |
| 4.3. Curta-Metragem “Casa na Comporta” de João Salaviza.....                  | 110 |
| 5. Conclusão.....                                                             | 115 |
| 5.1. Comparação dos casos de estudo.....                                      | 115 |
| 5.2. Conclusão .....                                                          | 118 |
| Referências .....                                                             | 121 |
| Bibliografia.....                                                             | 125 |



## 1. INTRODUÇÃO

Este tema surge no âmbito do trabalho final de curso desenvolvido na disciplina Projecto III cujo o objectivo se baseou no desenho da zona ribeirinha de Lisboa através de intervenções pontuais integradas na sua envolvente e na sua paisagem.

O estudo que se segue procura abordar estratégias de integração de construções ligeiras na Paisagem, nomeadamente as que estabelecem uma relação com o tempo e com a sua envolvente, remetendo para um diálogo com a natureza e com a própria cultura, através da utilização de materiais próprios do lugar ou pela cuidada utilização de outros. Ou seja, pretende-se também perceber de que forma a materialidade promove a integração da arquitectura na paisagem.

Para isso foram escolhidos dois casos de estudo cuja análise se baseou na visita aos mesmos, evocando três pontos distintos: a paisagem envolvente (Lugar), a contextualização da obra no percurso do autor e o estudo do projecto com base no conteúdo programático, na materialidade e nas referências envolventes.

Os casos de estudo encontram-se inseridos na mesma paisagem, o que tornou esta investigação mais interessante, uma vez que num mesmo local nos deparamos com dois tipos de estratégias abordadas pelo autor: o uso natural da materialidade, pelo não-arquitecto; e o preservar de uma cultura, trabalhando a materialidade sob um olhar tecnológico, pelo arquitecto.

No decorrer das várias visitas realizadas, foram feitas observações bastante cuidadas e muito rigorosas da paisagem. A observação do meio envolvente é o ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico, já que este resulta de uma complexa composição de elementos naturais e sociais em constante relação uns com os outros. Através da observação compreendi que cada paisagem tem as suas próprias características, que revelam uma forte intervenção do Homem e reflectem os valores sociais e os padrões culturais daqueles que a habitam.

Surge assim um capítulo destinado ao tema Paisagem onde será feita uma descrição do conceito com respectiva contextualização histórica, acompanhando com exemplos e analogias. Serão abordados temas como paisagem natural e cultural, identidade do lugar, arquitectura vernacular.

De seguida será abordado o tema da relação da materialidade com a paisagem, com o intuito de introduzir conceitos que levem à reflexão e ao relacionamento dos casos de estudos.

O primeiro caso de estudo é o conjunto Palafítico da Carrasqueira na Comporta, onde será feita uma análise baseada na história e cultura locais, técnicas construtivas, vivências e quotidiano, e a forma de como isso se reflecte nas suas construções. Da génese vernacular, as intervenções respeitam e relacionam-se com a envolvente: água – terra, que hoje fazem parte de uma reserva natural, onde o tempo surge como protagonista.

O segundo caso de estudo são as Casas na Areia dos Arq.tos Aires Mateus, também localizada na Comporta, a cerca de 2,5km do Cais Palafítico. A mesma análise será feita e relacionada com a anterior. Da génese erudita, os autores preservam a memória do lugar e trabalham com a paisagem como objecto projectual. Ao reabilitarem as antigas casas de pescadores respeitam as vivências do passado e adequam-nas às do presente.

A investigação efectuada pretende fortalecer a ideia de que a forma de construção da paisagem associada às características de simplicidade, austeridade formal, aparência imaterial e leveza, tem grande influência na arquitectura enquanto elemento integrador na paisagem natural.

Analisando e comparando a forma da construção da paisagem de cada um dos casos de estudo, é meu intuito destacar a importância da integração da obra na Paisagem, no acto de concepção da mesma.

Ultimamente vem-se a verificar que existem obras de grande qualidade, que utilizam os mínimos meios para alcançar o máximo, superando os limites do próprio objecto, relacionando-o com o lugar, cultura e paisagem.

Ao longo deste estudo pretende-se entender que conceitos, técnicas e relações contribuem para a integração de uma Construção Ligeira na Paisagem.

## 2. A PAISAGEM

O termo Paisagem tem origem no latim: *pagus*, que significa país, no sentido de lugar, um determinado sector territorial. Em inglês, *landscape*, deriva das palavras *land* que significa “terra”, e *scape* “uma visão ampla, cenário” ou “uma imagem ou representação”.

Tradicionalmente, assume-se paisagem como o território abrangido pelo olhar, isto é, como o domínio do visível – aquilo que a vista permite alcançar.

A noção de paisagem, para a Geografia, não deve ser confundida com a do paisagismo, que se relaciona com a estética de um jardim ou parque. Para a ciência geográfica, a paisagem deve ser entendida como indicadora de um conteúdo vivo e de processos dinâmicos, isto é, como algo que se encontra em constante transformação.

Geograficamente, este termo abarca um conjunto de elementos que nos são traduzidos através dos sentidos da audição, visão, olfacto e tacto. Neste contexto, a paisagem é formada por volumes, cores, movimentos, odores, sons, memórias, tempo... afirmando-se como um sistema complexo e dinâmico, onde interagem diferentes factores, tanto naturais como culturais.

Os geógrafos consideraram a paisagem para além da forma. Troll (1950)<sup>1</sup>, ao referir-se à paisagem, concebia-a como o conjunto das interacções entre o Homem e o Meio. Tal conjunto apresenta-se sob dupla possibilidade de análise: a da forma (configuração) e da funcionalidade (interacção de factores geográficos incluindo a economia e a cultura humana). Para ele, paisagem é algo além do visível, é o resultado de um processo de articulação entre os seus elementos constituintes. A paisagem deve ser “estudada na sua morfologia, estrutura e divisão além da ecologia da paisagem, nível máximo de interacção entre os diferentes elementos”. Esta análise, segundo o autor, poderia ser de ordem exclusivamente natural - paisagens naturais; ou de ordem humana - paisagens culturais, cujos conceitos serão desenvolvidos mais à frente.

---

<sup>1</sup> Geógrafo Alemão (Gabersee, Baviera, 1899-1975) Considerado um dos mestres da geografia Botânica, de Ecologia e da Geografia Física. Autor de diversas obras sobre biogeografia, morfologia glacial, geografia cultural dos Andes e de África e sobre os problemas do subdesenvolvimento.

A construção do conceito de espaço geográfico implica ainda a identificação de duas categorias: o tempo e o espaço, onde cada um se apresenta com a sua concepção.

Quer a nível do espaço como a nível do tempo, a paisagem é uma entidade possível de ser analisada à escala humana: o Homem enquanto observador e o Homem enquanto ser com uma história. Marc Antrop<sup>2</sup>, em “Geography and Landscape Science” (Antrop, 2000, p. 9-35) afirma que, “A paisagem percebida é imediatamente analisada pelo observador, comparada e avaliada com o seu conhecimento e experiência prévia”. No mesmo livro, o autor resume ainda três aspectos comuns entre a maioria das definições de paisagem: “1) uma entidade ou fenómeno holístico; 2) uma parte da terra que é percebida e, assim relativa ao observador em entendimento e avaliação; e 3) um fenómeno dinâmico com uma história única”. Ou seja, para além dos seus antecedentes e presente, podemos concluir que a interpretação da paisagem passa também pela natureza e experiência de quem a interpreta.

“No litoral de Portugal, foi proposto a vários grupos de pessoas que identificassem excertos de paisagem que considerassem interessantes, bem como respectivos elementos que merecessem destaque e quais as sensações transmitidas a cada um dos inquiridos” (Almeida, 1999, p.37-46 e p.181-186).

Com este inquérito, para além do reconhecimento das paisagens mais qualificadas, foi possível identificar os indicadores que mais valor atribuem às paisagens. Neles destacam-se os elementos que se encontram associados à presença de água e vegetação, e à morfologia – rio, mar, praia, rochas, pinheiros, árvores, estratificações, relevo, vinhas, monte, povoamentos, casas de madeira, cidade, ponte. Relativamente às sensações foram identificados aspectos bastante positivos como a tranquilidade, a calma, a frescura, o bem-estar, sossego, paz, descontração, liberdade e grandiosidade. Constata-se assim que o acto de observar a paisagem tem implícito um pensamento, uma história, uma memória...

---

<sup>2</sup> Marc Antrop (1946- ) geógrafo especializado na ciência das paisagens, detecção remota, GIS (*Geographic Information Systems*) e planeamento. Lecionou na Universidade de Ghent (Bélgica) os cursos de ciência da paisagem, gestão da paisagem e planeamento, avaliação do impacto ambiental e GIS. Membro da Comissão Nacional de Geografia da Academia de Ciências e vice-presidente da Comissão Real para a Proteção de Monumentos e Paisagens em Flandres. Em 2003 recebeu o *Distinguished Scholarship Award of the International Association for Landscape Ecology* e foi proclamado *Doctor Honoris Causa* na Universidade de Tartu, na Estónia em 2007.

A paisagem é intangível, não é um espaço. Se tirarmos a paisagem de um determinado lugar o espaço não deixará de existir. Segundo o autor Milton Santos<sup>3</sup> em "A natureza do espaço" (Santos,2006) "A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre Homem e Natureza. O espaço são as formas e a vida que as anima" (Santos,2006); "A paisagem dá-se como conjunto de objectos reais concretos" (Santos,2006). Neste livro, o autor concebe paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma.

Nesta perspectiva, é nos possível fazer a distinção entre paisagem e espaço. Paisagem surge como algo intemporal, que conjuga objectos do passado e do presente; é um sistema material. Espaço, é sempre um presente, uma situação única; é um sistema de valores que está permanentemente em transformação.

Para algo ser considerado paisagem tem de ser formado por um conjunto de elementos que formem um todo coerente cuja disposição, associação, distribuição mais ou menos lógica protagonizam e atribuem uma identidade própria a esse lugar abrangido pelo olhar. Esses elementos são a morfologia do terreno, a hidrografia, a vegetação e todas as instalações e transformações exercidas pelas comunidades humanas, que, atribuem a cada paisagem uma dinâmica própria por vezes difícil de detectar, mas passível de ser reconhecida e entendida após cuidadosas análises.

"A paisagem define-se, isto é, descreve-se e se explica partindo das formas, da sua morfologia (no sentido amplo). As formas resultam de dados do meio ambiente natural ou são as consequências da intervenção humana imprimindo sua marca sobre o espaço" (Dollfus, 1971)

A paisagem vive dos processos naturais e humanizados num determinado local. Neste sentido distinguem-se dois tipos de paisagem: natural e cultural ou humanizada. A paisagem natural é aquela que permanece como a natureza a criou (predominância de elementos naturais), sem interferência directa do Homem; a paisagem cultural ou

---

<sup>3</sup> Milton Almeida dos Santos (1926-2001) geógrafo brasileiro. Apesar de se ter graduado em Direito, destacou-se pelos seus trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. Foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970. A sua obra é inovadora ao abordar o conceito de espaço; de território onde todos se encontram, o espaço com as novas tecnologias, adquire novas características para se tornar um "conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações".

humanizada é aquela que apresenta elementos humanos ou que revela que foi alvo de intervenção humana. O desenvolvimento tecnológico, o aumento explosivo da população mundial, os movimentos migratórios e a intensa exploração dos recursos naturais são as principais causas da intervenção do Homem na transformação das paisagens.

Como já referido, a paisagem é o resultado de uma sucessão de acontecimentos naturais ou humanos sobre um determinado espaço. Pode-se então concluir que na paisagem estão registadas as acções das comunidades humanas que por ali passaram, a paisagem é portanto um produto social, o resultado da história local ou regional, como defendia George Bertrand<sup>4</sup> em “Le paysage entre la nature et la société” (Bertrand, 1978, p.2). Segundo Joan Iverson Nassauer<sup>5</sup>, em “Culture and changing landscape struture” (Nassauer, 1995, p.229) acrescenta ainda a existência de uma diversidade própria de cada cultura nas paisagens “A cultura estrutura as paisagens”; “As paisagens inculcam cultura”.

Na paisagem cultural distinguem-se ainda dois tipos: a paisagem rural e a paisagem urbana. A primeira é formada pela actividade agropecuária como os campos agrícolas e criação de gado; a segunda é constituída por elementos urbanos como as ruas, praças, pontes, edifícios, etc...

O tema Paisagem Rural tem um carácter amplo que abrange os conceitos de Paisagem Agrária e Paisagem Agrícola evocando tudo o que diz respeito ao campo como os terrenos cultivados, florestas, quintas, aldeias, e tudo o que nelas se situa como as indústrias, residências secundárias, serviços, equipamentos colectivos.

---

<sup>4</sup> George Bertrand (1932- ) geógrafo e geomorfologista francês. Em 1970, juntamente com Jean Tricart (1920-2003), foi um dos especialistas mais influentes na renovação da geografia física francês enfatizando a necessidade de uma geografia física compreensiva e o facto de que a natureza faz parte do social. Foi diretor do Laboratório CIMA (Centro Interdisciplinar de Estudos de Ambientes Naturais e Organização Rural) - CNRS da França, e do Instituto de Paisagem de Toulouse, ambos associados com a Universidade de Toulouse - Le Mirail. Conhecido por projectar a metodologia GTP (sigla para: Geosistema, Território, Paisagem): o método de análise de paisagens.

<sup>5</sup> Joan Iverson Nassauer é professor de Arquitectura Paisagista na Escola de Recursos Naturais e Meio Ambiente da Universidade de Michigan. Foca-se na sustentabilidade cultural de design ecológico em paisagens dominadas pelo homem. A sua pesquisa oferece conhecimento e estratégias para basear o design ecológico na percepção cultural, forte ciência, e envolvimento criativo com a política.



Ilustração 1 – “Curvas do Douro”. (Rocha, Porto, 2009)



Ilustração 2 – “Olhar Lisboa”. (Ilustração nossa, Lisboa, 2010)

A primeira imagem é um exemplo de uma paisagem rural agrícola. Mostra-nos os campos agrícolas do Douro, onde o Homem “desenha” o terreno para plantar as vinhas que estão na origem do vinho do Porto; A segunda imagem é uma fotografia de uma das sete colinas de Lisboa. É um exemplo de paisagem urbana, onde o Homem construiu no terreno acidentado. Esta paisagem remete ainda para o tema do “tempo”. No alto da colina, surge o castelo de São Jorge, que hoje se encontra envolvido pelas construções pós terramoto de 1755 da Baixa Pombalina.

“Com base num estudo sobre o Litoral Português podemos integrar o tema da paisagem com o meio aquático, surgindo os conceitos de paisagem hidrográfica e paisagem costeira” (Machado, 2012).

A paisagem hidrográfica é identificada pela ocorrência, de rios e os seus estuários, lagoas e lagunas, cascatas e cachoeiras, ou seja, por diferentes formas de superfícies de água no interior de um país ou terra. No caso dos estuários e das lagunas, também poderão pertencer à paisagem costeira, se observados no contexto da mesma.

Paisagem costeira, correspondente à zona litoral, é identificada pela ocorrência de enseadas, baías, praias, penínsulas, promontórios, costões, falésias, dunas, restingas, mangues, pontais, ilhas costeiras entre outras ocorrências naturais típicas do litoral.

O mar é um poderoso agente erosivo cuja acção se faz sentir sobre a linha de costa – área de contacto entre a terra e o mar. Portugal Continental, com cerca de 1450kms de costa, protagoniza no litoral um limite em constante transformação.

Actualmente essa inter-relação entre a terra e o mar, tem um papel muito importante, uma vez que a zona litoral é a mais habitada pelo Homem.

A linha de costa, em Portugal Continental, apesar do seu traçado irregular, varia de acordo com a natureza dos materiais rochosos que a constituem.

Embora o litoral Português seja dominado essencialmente por praias, existem áreas de costa predominantemente rochosa, onde podemos detectar dois tipos de costa: a costa de arriba (alta e escarpada) e a costa de praia (baixa e arenosa).



Ilustração 3 – “Arriba Portuguesa”. (Ilustração nossa, Cabo de São Vicente, 2010)

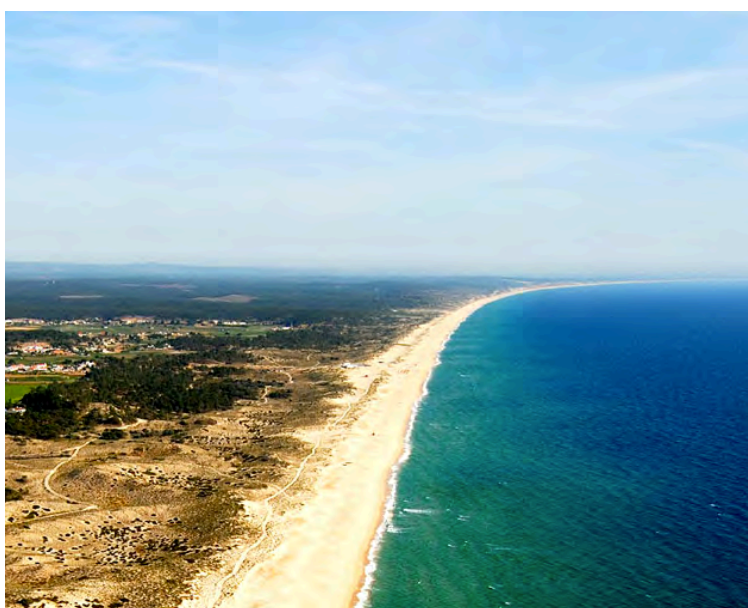


Ilustração 4 – “Praia da Comporta”. (2012)

Desde sempre, os países banhados pelo mar têm no litoral um recurso muito importante na medida em que, associados a ele, surgiram importantes actividades como a pesca, a extracção de sal, a indústria, o comércio e turismo.

As várias actividades atraíram a população para o litoral, o que levou à intensificação da acção humana nesta zona, que se manifesta por diversas intervenções mais ou menos próximas da linha de costa, e que contribuem para a mudança constante da paisagem costeira.

Daqui para a frente serão mais focados os conceitos de paisagem rural e costeira, uma vez que os casos de estudo futuramente apresentados, localizam-se nestes tipos de paisagem.

## **2.1. A DESCARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM**

“Qualquer geógrafo que procure conhecer a terra e compreender a complexa teia de relações que se estabelecem entre o Homem e o Meio, verdadeiro cerne da sua ciência tem de (...) estar atento ao tempo e ao modo das transformações sociais” (Jacinto, 1995).

A partir dos séculos XVIII e XIX, começam-se a sentir alterações na Paisagem Rural, com o início do fenómeno da urbanização associado ao desenvolvimento industrial e do sector terciário.

Em Portugal, após a Segunda Guerra Mundial, estas mudanças fizeram-se sentir de forma acelerada com o aparecimento de novas tecnologias de transporte e comunicações, como a generalização do automóvel e a utilização de transportes públicos; o desenvolvimento dos meios de comunicação social, como a rádio, a televisão e a publicidade, capazes de alterar as mentalidades e os padrões de consumo, aproximando “cada vez mais, os quadros de referência urbano e camponês” (Mateus, 1991); a melhoria do nível de vida; a evolução nos métodos de produção como a mecanização que veio revolucionar a agricultura, gerando uma menor necessidade de mão-de-obra e, conseqüentemente, um aumento do desemprego; a fixação de indústrias e de serviços privados e públicos num processo progressivo de terciarização das sociedades.

Verifica-se assim, o êxodo rural. As pessoas do campo deslocam-se para a cidade à procura de trabalho e melhores condições de vida, levando ao declínio da sociedade camponesa. Com isto, e com a modernização da agricultura surgem modificações no

meio rural implicadoras de novas funcionalidades e mobilidades: Assiste-se à emergência de uma nova função residencial no meio rural, não ligada a actividade agrícola, resultante da fixação de novos habitantes que trabalham no meio urbano e optam por povoar a periferia das cidades devido ao baixo preço da ocupação do solo; Regista-se a implantação da indústria de modo disperso ou em parques industriais organizados; Desenvolve-se a função recreativa e turística integrada na tendência de terciarização destes espaços, associada tanto à actividade hoteleira convencional (restaurantes, bares, discotecas) como a novas formas de consumo do espaço rural (agro-turismo, turismo rural, actividades desportivas); Assiste-se à implantação de empresas de comércio e serviços que traduzem a existência de novas necessidades e hábitos de consumo (como médias e grandes superfícies, armazéns grossistas, oficinas de reparação automóvel e estabelecimentos de venda de automóveis, maquinaria agrícola, moveis, etc.).

Ao percorrermos a paisagem rural reparamos na sua actual degradação ou descaracterização, sem entendermos as razões que levaram ao actual estado das coisas ou quais as consequências mais directas desse estado.

Como já mencionado, a paisagem encontra-se em constante transformação, sob a influência do meio ambiente e do ser humano. Rapidamente nos apercebemos de que a construção da paisagem se faz a partir do cruzamento de factores ambientais, em que a acção humana assume um papel determinante.

Miguel Marques Pereira<sup>6</sup>, dá a sua opinião sobre a descaracterização da paisagem. Do ponto de vista ambiental, as alterações climáticas vieram introduzir modificações na paisagem rural, com o progressivo aumento das temperaturas médias, alteração dos regimes hídricos e consequente perda de fertilidade dos solos, aumento da erosão e perda de biodiversidade dos ecossistemas. Mas foi sem dúvida a nível da actividade humana (onde se incluem os aspectos culturais, tecnológicos, economicos, etc.) que mais alterações se introduziram na paisagem.

O avanço tecnológico permitiu o desenvolvimento de ferramentas mais poderosas de transformação da paisagem rural, não apenas ao nível da escala das infra-estruturas agrícolas, mas também ao nível da própria actividade agrícola, que passou a ser cada vez mais extensiva, com consumos energéticos e de fertilizantes.

---

<sup>6</sup> Miguel Marques Pereira - arquitecto paisagista português e director da empresa Land Design.

“A inevitável mecanização da agricultura e da silvicultura contribuíram para uma alteração profunda das técnicas agrícolas, bem como da própria tipologia do emparcelamento rural, com área cada vez de maior dimensão, onde parece não haver espaço para a agricultura de subsistência, que tanto contribuía para a diversidade do mosaico cultural que caracteriza o nosso território” (Pereira, 2009).

Porém, desde algumas dezenas de anos, o espaço rural está a sofrer uma importante transformação na sua fisionomia, na sequência da industrialização da agricultura, que passou a necessitar de menos mão de obra, e do progressivo abandono das pessoas dos meios rurais para as cidades ou para o estrangeiro.

Para a descaracterização da paisagem contribuíram também as políticas agrícolas comuns e a crescente globalização de mercados, que conduziram à “especialização” da nossa paisagem rural, com a proliferação de monoculturas extensivas e de manchas florestais específicas, que destruíram as características intrínsecas da nossa paisagem outrora diversificada.

As implicações desta descaracterização ressentem-se a vários níveis, desde a perda da capacidade produtiva dos nossos solos, à menor diversidade ecológica e ambiental da nossa paisagem, à perda de actividade turística do interior e ao abandono da actividade agrícola com o consequente aumento dos fogos florestais.

“Segundo estudos geográficos da Universidade de Coimbra, e tal como podemos nós próprios verificar, actualmente, as paisagens rurais começam a despertar um interesse cada vez maior por parte de uma população citadina. A ideia de poder conhecer os trechos mais tradicionais da Europa, autênticos museus vivos e a céu aberto, são mais procurados e desejados” (Almeida, 2006),.

Para preservar a paisagem rural é importante que haja uma alteração do paradigma energético para que seja invertido este processo, privilegiando a aposta na produção local e sustentada de produtos agrícolas e silvícolas, tendo em vista uma redução dos consumos energéticos da mesma.

Esta situação poder-se-á concretizar com a vinda de pessoas desempregadas para o interior devido às crises sociais que se agravaram nos grandes centros urbanos, podendo oferecer melhores condições de vida do que aquelas que se encontram nas cidades.

Assim, cria-se uma possibilidade de melhorar e valorizar a paisagem rural.

## **2.2. MATERIALIDADE E PAISAGEM**

“A inclemência ou a amenidade do Sol, a ausência ou a abundância das chuvas, a frequência de vendavais ou a brandura das brisas, paralelamente com a riqueza ou pobreza do solo e seu relevo, a montanha, a planície, o rio e a presença do mar, encaminham o Homem para o seu destino. Ele observa e estuda todos os fenómenos que o rodeiam, estimulando a sua imaginação. Trabalha e constrói em acordo com todos eles, identificando-se coerentemente com a natureza” (Amaral, 1988, p.125)

A arquitectura procura desde sempre satisfazer as necessidades do ser humano, através do habitar, do trabalho e do lazer. Esta age como forma de demarcar a acção do Homem, distinguindo-se de outras actividades artísticas pois é um instrumento tridimensional, de que o Homem faz parte integrante.

A arquitectura desenha, organiza formas, espaços e limites, condicionados pelo tipo de usos e funções, com o fim de concretizar um espaço que atraia, eleve e conquiste o Homem a permanecer nele.

Com o objectivo de entender a forma de construção da paisagem, pretende-se analisar a materialidade das transformações, introduzindo novos conceitos e apresentando alguns exemplos de construções ligeiras inseridas na paisagem.

Define-se construção ligeira pela execução de um projecto que no âmbito da arquitectura e da construção civil se caracteriza por uma obra de pequeno porte onde poderá existir um projecto previamente elaborado, ou poderá ser executado sem qualquer estudo baseando-se apenas na experiência, e respondendo às necessidades quotidianas e citadinas.

A construção ligeira pode ainda ser caracterizada por uma escolha acertada de materiais, procurando criar relações entre o interior e o exterior, conceito esse aplicado na valorização da natureza e na cultura.

Pode ser conseguida através da simplicidade e unidade, pelo desenvolvimento de sistemas construtivos que neutralizam uma estrutura dando a ilusão da sua ausência

através da ênfase sensorial e ilusão óptica, da desmaterialização do objecto que pode conferir uma maior sensação de pertença à envolvente.

Arquitectura ligeira define-se como uma forma de arte ou técnica de projectar o ambiente habitado pelo ser humano. É uma actividade que surgiu de uma necessidade do Homem de se abrigar das intempéries e da procura da subsistência (actividade agrícola e pesca). Estas actividades foram-se desenvolvendo e evoluindo, despoletando a criatividade a nível formal e funcional.



Ilustração 5 – “The amphitheatres of Muyu-uray”, Peru. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.7)

O Anfiteatro Muyu-uray, reflexo de uma arquitectura ligeira, localiza-se no continente Americano, no Peru entre Cusco e Machu Picchu e foi construído pelas tribos dos Incas de Maras. A sua forma, à primeira vista transmite ao olhar, uma construção de um anfiteatro. No entanto, há quem diga que esta intervenção foi construída com

função de cultivo de plantas para experiências de altitude, nos vários níveis dos patamares que a forma apresenta.

O Anfiteatro Muyu-uray é um exemplo de paisagem humanizada, cujo processo de intervenção não passa pela adição de novos elementos. Através da subtracção de matéria deu-se a forma necessária à função pretendida. Através da subtracção construiu-se a paisagem conjugando a intervenção humana com a harmonia da natureza.

Este exemplo é a prova de que com recursos naturais é possível realizar intervenções com elevada qualidade, que hoje fazem parte da paisagem e são preservadas e admiradas por todos.

“Deste estado de intervenção na paisagem, surge o tema de Arquitectura Vernacular. A arquitectura vernacular é aquela que na sua materialidade utiliza recursos e materiais do próprio ambiente, apresentando um carácter local ou regional. Pode-se dizer que a arquitectura vernacular caracteriza o modo de uma comunidade habitar e intervir no território. Nela manifestam-se diversos condicionalismos geográficos, económicos, sociais e culturais, dos locais e das comunidades que as constroem e habitam. Estas implicações traduzem-se numa diferenciação regional pela utilização de materiais e técnicas locais, pela adaptação às especificidades climáticas, aos costumes da comunidade e respectiva actividade económica” (Fernandes, 2011).

À arquitectura vernacular associa-se também uma certa ideia de mimetismo, que se define como a capacidade de adaptação que certos seres vivos tomam em relação ao ambiente em que vivem. Apesar de se deixarem identificar são confundidos com outros seres.

Um exemplo de arquitectura vernacular são as Woven Palaces, construções em Bakuba no Congo (Ilustração 6) e em Aloa Bay nas Solomon Islands (Ilustração 7), onde o detalhe das paredes trabalhadas caracterizam a beleza do lugar. Estas construções despertam uma vontade de visita e vivência das mesmas, elevando-nos a pensamentos, histórias e memórias.



Ilustração 6 – “Woven Palaces – a house in the royal quarter of Bakuba”, Congo. Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.136)

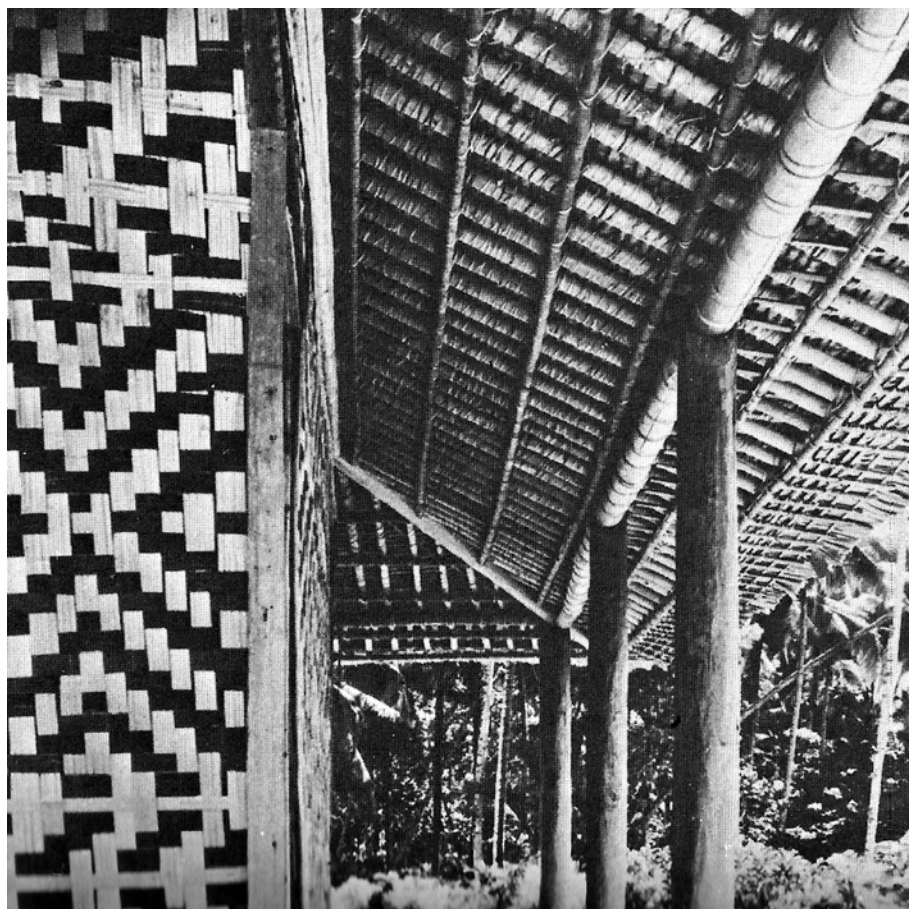


Ilustração 7 – “Woven Palaces – a detail of the Palace of Justice at Aloa Bay”, Solomon Islands. (Architecture Without Architects, RUDOFISKY, imp. 1964, im.137)

Estas construções utilizam materiais extraídos das florestas onde se localizam, e a sua forma de construção reflecte e responde às características do clima da respectiva região.

Os Vegetal Roofs no Japão são também um exemplo da influência do clima, e da vegetação na construção da paisagem (Ilustração 8 e Ilustração 9).



Ilustração 8 – “Vegetal Roofs”, Japan. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.143)



Ilustração 9 – “Vegetal Roofs”, Japan. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.145)

Estas imagens apresentam diferentes tipos de coberturas enquadradas na paisagem, onde os materiais da envolvente são utilizados na sua construção provocando uma

simbiose<sup>7</sup> entre o objecto e a paisagem.

As Pile Dwellings em Itália (Ilustração 10) são um exemplo de mimetismo cuja forma reflecte a necessidade de aproximação à água para a pesca, adoptando métodos construtivos que permitem impor-se aos limites da natureza.

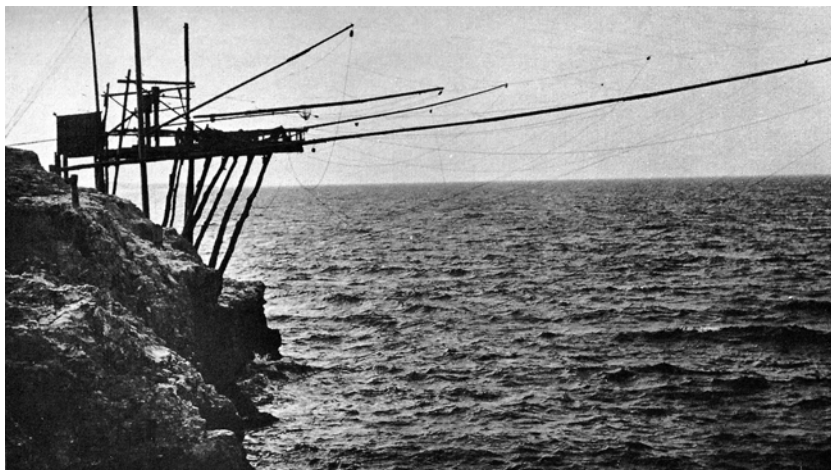


Ilustração 10 – “Pile Dwellings”, Italy. (Architecture Without Architects, RUDOFISKY, imp. 1964, im.107)

Tal como acontece em Stanleyville no Congo (Ilustração 11) onde são posicionadas estruturas de madeira que formam armadilhas para apanhar os peixes com a subida da maré.



Ilustração 11 – “Pile Dwellings”, Congo. (Architecture Without Architects, RUDOFISKY, imp. 1964, im.108)

---

<sup>7</sup> Simbiose: associação de dois ou mais seres de espécie diferente, que lhes permite viver com vantagens recíprocas e os caracteriza como um só organismo.

Também a aldeia chinesa de Ho Keou na província de Yunnan (Ilustração 12), é construída acima do nível da água, sobre estacas, para responder às funções da comunidade.



Ilustração 12 – “Pile Dwellings”, China. (Architecture Without Architects, RUDOLFSKY, imp. 1964, im.109)

Apresentados alguns exemplos<sup>8</sup> de intervenções ligeiras na paisagem, cujo objectivo da construção se vincula à adaptação e resposta de imposições criadas pelo meio, é também importante remeter para um novo conceito cuja natureza da intervenção não depende de uma necessidade, mas sim de uma vontade de criar uma relação com a paisagem.

“A Land Art, também conhecida como Earth Art ou Earthwork é o tipo de arte em que o terreno natural, em vez de prover o ambiente para uma obra de arte, é ele próprio trabalhado de modo a integrar-se à obra” (Infopédia, 2012).

<sup>8</sup> Exemplos baseados na obra “Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture”, livro de Bernard Rudofsky, originalmente publicado em 1964, que fornece uma demonstração da riqueza artística, funcional e cultural da arquitetura vernacular; Bernard Rudofsky (1905-1988), arquitecto, designer, fotógrafo, pintor, professor, director de arte, editor. Em 1928 forma-se engenheiro arquitecto na Escola Técnica de Viena (Technische Hochschule), onde após três anos obtém o doutoramento em ciências técnicas. Em 1923 inicia uma série de 35 viagens de estudo, dedicadas especialmente à arquitectura vernacular.

No decorrer das aulas da disciplina de Projecto III, foi apresentado um vídeo sobre a Land Art em que o artista plástico, Richard Long<sup>9</sup> caminha pelo deserto do Sahara e projecta a sua obra. O filme tem o título “Stones & Flies: Richard Long in the Sahara”.

“A obra de Richard Long caracteriza-se pela pequena dimensão das intervenções e pela simplicidade das manipulações do meio natural. O fundamento e objectivo básico do seu trabalho é a reflexão sobre os conceitos de natureza e sobre o processo de transformação do espaço natural pelo homem” (The Sahara Desert, 1988).



Ilustração 13 – “The Sahara Circle”; “The Sahara Line”; “The Dusty Boots Line The Sahara”; LONG, Richard. (The Sahara Desert, Long, 1988)

É fascinante como o artista no meio do deserto, que se afirma como uma das paisagens mais “limpas” existentes no mundo, compõe a sua obra, com o sentido que qualquer projecto de arquitectura deveria ter.

Richard Long vai ao local, percorre-o, analisa-o, estuda-o, tira medidas com o seu próprio corpo, procura enquadramentos, alinhamentos, proporções na natureza, caminha, procura ângulos, cores, texturas, dorme no deserto, desenvolve uma relação com ele, e no final decide onde intervir e desenha no solo areoso do deserto formas simples, perfeitamente enquadradas na paisagem, que só ali fazem sentido. Não precisamos que o artista nos explique o porquê daquela forma, ela só por si, estabelece uma relação com a paisagem e passa a fazer parte dela.

É como o projectar num vazio urbano. Por mais vazio que um determinado espaço ou local seja, há sempre algum elemento no nosso campo de visão. Existem formas,

---

<sup>9</sup> Richard Long (1946- ) escultor, fotógrafo, pintor inglês. Entre 1962 e 1965 frequentou o West of England College of Art, deslocando-se em 1966 para Londres, onde completou em 1968, os seus estudos artísticos na St. Martin's School of Art. No final dos anos 60 começa a questionar as formas tradicionais de expressão artística, nomeadamente ao nível da escultura e tenta libertar-se dos limites impostos pelos espaços de exposição das galerias ou museus, elegendo o território natural como suporte e material para as suas acções artísticas. Rapidamente se tornou no expoente máximo do movimento da Land Art em Inglaterra. Grande parte da sua obra resulta das inúmeras viagens ou passeios que fez por todo o mundo.

pistas, alinhamentos, proporções. São nesses elementos que vamos pegar. São esses elementos que passam despercebidos aos olhos de qualquer um, que passam por “nada”, que vão dar sentido à obra, que a vão fazer crescer, dar forma e vida.

Este conceito, aplicado à arquitectura, determina uma arquitectura simples, profundamente enraizada na paisagem, utilizando materiais de construção típicos da região. Existem arquitectos que utilizam as mesmas técnicas para atingir o objectivo da plena integração da arquitectura na paisagem, utilizando materiais próprios do lugar ou recorrendo a materiais de natureza diferente, mas que pelas suas características se integram no lugar.

“A arquitectura se parece com a natureza e a natureza parece artificial... Para dizer que a natureza é a arquitectura e a cultura é a natureza constitui o estado mais elevado que podemos alcançar (...) A maior aspiração de um arquitecto é ser anónimo.” (Souto Moura, 1998, p.134)

Tal como nos exemplos referidos, a Land Art tem, a meu ver, implícita a linguagem arquitectónica. As intervenções são uma composição harmónica entre escala, enquadramento, tempo, conceito, sentido, proporção e matéria.

Os exemplos de intervenções apresentados, realizadas por “não-arquitectos”, acabam por reflectir o que actualmente é uma preocupação - intervir de acordo com a poética do lugar onde os materiais locais e as técnicas construtivas, são utilizados e adaptados ao clima, ao meio e às funções.

Tal intenção poderá ser entendida nos casos que se seguem: o conjunto Palafítico da Carrasqueira na Comporta onde as intervenções respeitam e se relacionam com a envolvente: água – terra; e as Casas na Areia também na Comporta onde os autores preservam a memória do lugar e trabalham com a forma da construção da paisagem.

### 3. INTERVENÇÕES LIGEIRAS NA COMPORTA, O CAIS PALAFÍTICO DA CARRASQUEIRA

#### 3.1. ORIGEM DAS PALAFITAS

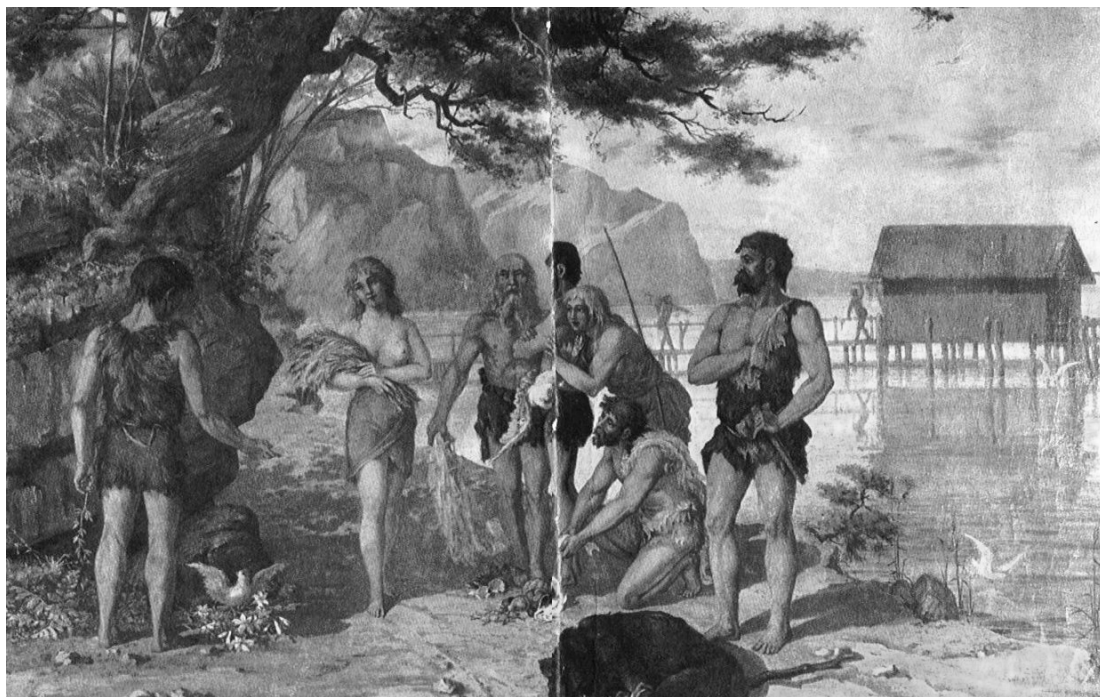


Ilustração 14 – “Déodate Magnin, Povo Lacustre”, (final do séc. XIX, Museu Laténium, Suíça). (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.8-9)

A origem da existência de construções palafíticas está relacionada com as condições ambientais e com a base económica do povo que as desenvolve, ou seja, com uma cultura.

“Cada comunidade assente em palafitas desenvolveu construções apropriadas às condições ambientais próprias do lugar: a água e o calor” (Alvarez, 2009, p. 8).

Trata-se de uma excelente forma de garantir a subsistência em determinados meios de proximidade aquática, aproveitando uma infra-estrutura natural como via de comunicação ou de protecção contra os vários tipos de ameaças que existem em terra firme, ou como função de evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Ainda que se tenham encontrado numerosos vestígios de palafitas na Europa, esta tipologia é mais própria de zonas tropicais onde predominam temperaturas elevadas, humidade e chuvas abundantes;

Este tipo de construção é elevada em relação ao nível da água, erigida sobre estacas, que abrange um amplo espectro de composições, desde habitações individuais até grande complexos de unidades ligadas entre si e a terra firme através de passareiras e diques.



Ilustração 15 – “Comunidade palafítica em Amarales, no Pacífico colombiano”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.13)

As técnicas e os materiais para a construção de uma palafita continuam a ser os mesmos desde o período neolítico<sup>11</sup>. Neste contexto, destaca-se a madeira, um dos materiais mais usados pelo Homem na construção dos seus refúgios, para se protegerem das intempéries, dos animais e dos inimigos, conservando ao longo da História.

A sobrevivência destas estruturas aquáticas ocorre, com poucas excepções, em lugares isolados do progresso técnico das culturas locais.

---

assim, as casas erguidas sobre água aproveitam o movimento do ar, protegem os seus habitantes dos animais selvagens e dos mosquitos, solucionando as mudanças de nível causadas pelas inundações.

<sup>11</sup> Grande parte dos primeiros registos de construções elevadas do tipo palafitas datam do período neolítico. As palafitas da pré-história foram descobertas no século XIX no lago de Zurique, Suíça, em lagos e regiões de pântano da Itália, Alemanha e França. A habitação sobre palafita geralmente era confeccionada em palha, madeira e ramos trançados, e o piso era revestido com barro, possibilitando desta forma o uso do fogo em seu interior.

A fim de escolherem a melhor localização para a sua casa, constroem consoante as suas necessidades no meio, assim, os materiais de construção<sup>12</sup>, as oscilações do nível da água e as possibilidades de interacção com o ambiente consolidado definem a posição e a altura da nova edificação, bem como os seus elementos complementares.

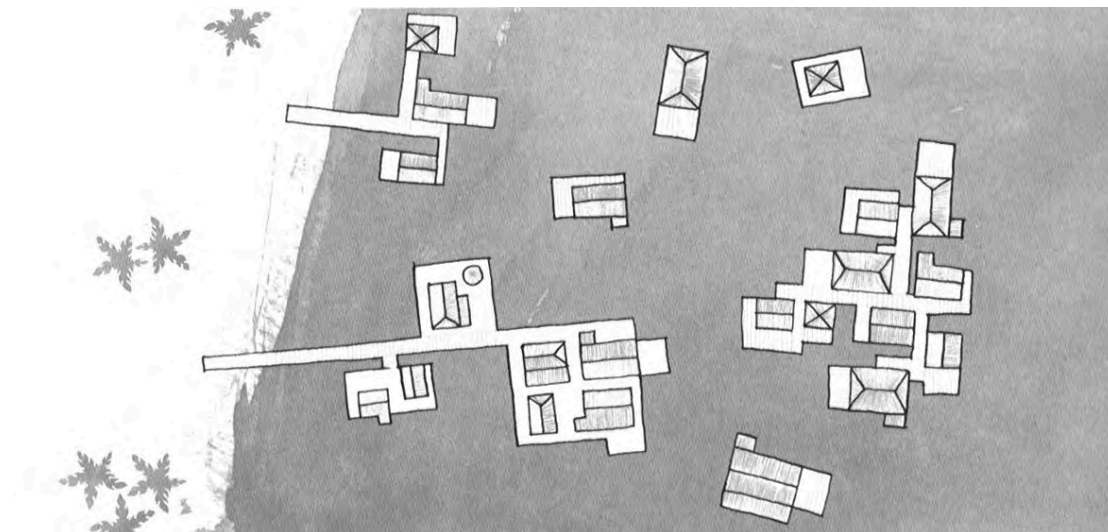


Ilustração 16 – “Principais aglomerações de palafita”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.19)

“Uma palafita é uma unidade muito compacta, de um só volume coberto, com um par de aberturas para ventilação interior. Uma vez recolhida a madeira necessária para a estrutura e paredes, a construção de uma palafita demora poucos dias.

A base para os alicerces de uma palafita forma-se com troncos que são atravessados por estacas, sendo cada uma enterrada cerca de dois metros no fundo do leito de água (mar, lago, rio, riacho).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> O material utilizado nas palafitas provém de locais próximos e normalmente são reutilizados, sendo assim, uma forma harmoniosa de cada população se relacionar com o habitat onde vive, sem danos à natureza, e fazendo com que as palafitas se tornem parte da identidade cultural do povo e da região.

<sup>13</sup> No caso das estacas não poderem ser cravadas devido à existência de um fundo demasiado denso, prepara-se um suporte de pedras que as envolva.

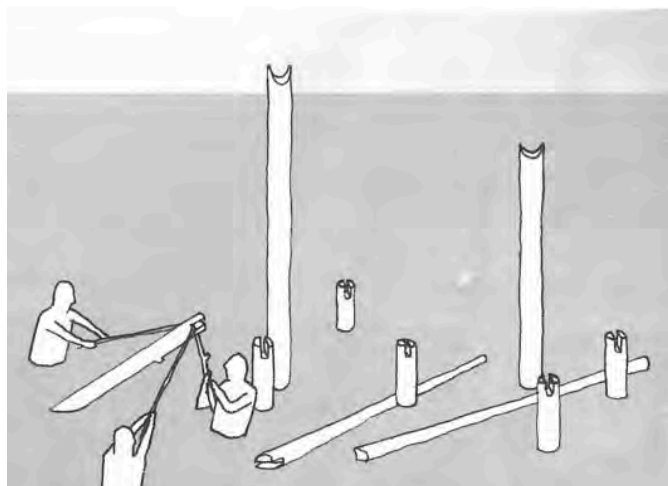


Ilustração 17 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.16)

O esqueleto é formado pelas estacas até à altura do pavimento, e por pilares até à altura da cobertura. Quando a estrutura submersa é independente da armação do edifício, constrói-se uma plataforma apoiada na primeira. As estacas enterradas sobressaem entre quatro a dez metros acima do nível da água e no extremo superior faz-se um corte em forma de U para encaixar as vigas” (Alvarez, 2009, p. 16).

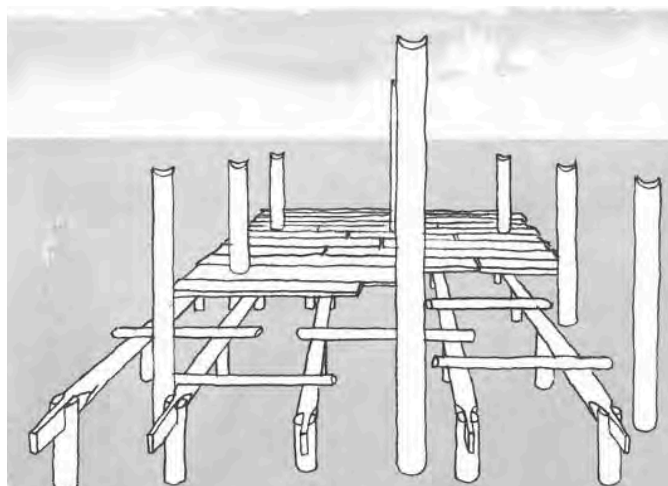


Ilustração 18 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.16)

Sobre este primeiro nível de estacas monta-se o estrado que serve de base às edificações. A plataforma converte-se em parte das fundações da palafita e sobre esta ergue-se a estrutura autónoma da casa;

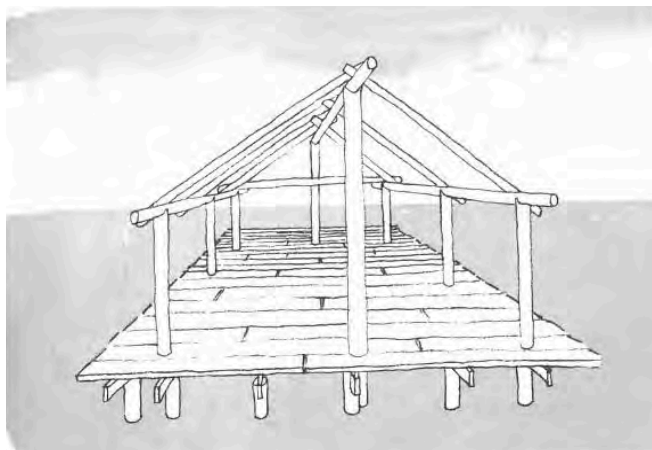


Ilustração 19 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.17)

Os pilares enterrados constituem a estrutura de todo o edifício até à cobertura. Após a obtenção de uma estrutura firme e estável, levantam-se as paredes.

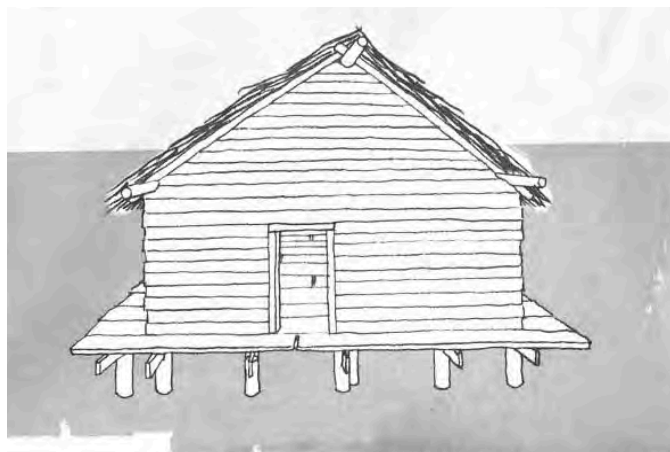


Ilustração 20 – “Passo a passo: a construção de uma palafita”. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.17)

Originalmente, as paredes formavam-se com folhas de palma entrelaçadas e cobertas de argila. Com o tempo, a palma foi sendo substituída por troncos inteiros ou tábuas de madeira sobrepostos ou, por painéis de aglomerado.



Ilustração 21 – “Palafitas do lago de Maracaíbo”, Venezuela. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.20)

Os tectos que eram de palha ou de canas de bambu, são agora em telhas de barro ou chapas de zinco.

O interior é um espaço rude e preciso, sem muitas decorações e com as divisões essenciais numa casa partilhada por famílias inteiras. As habitações do Neolítico, de planta redonda ou rectangular, eram constituídas por uma única divisão com um fogão de pedras cobertas por argila no centro. Actualmente, a unidade básica compõe-se de um mesmo espaço único usado por todos os habitantes como sala e quarto de dormir que se amplia de acordo com as necessidades e a localização. Estando o fogão encostado contra uma parede ou directamente na galeria exterior e a casa de banho num módulo, também no exterior da habitação. Com o tempo, transformaram-se numa habitação permanente com todas as divisões necessárias a uma família.

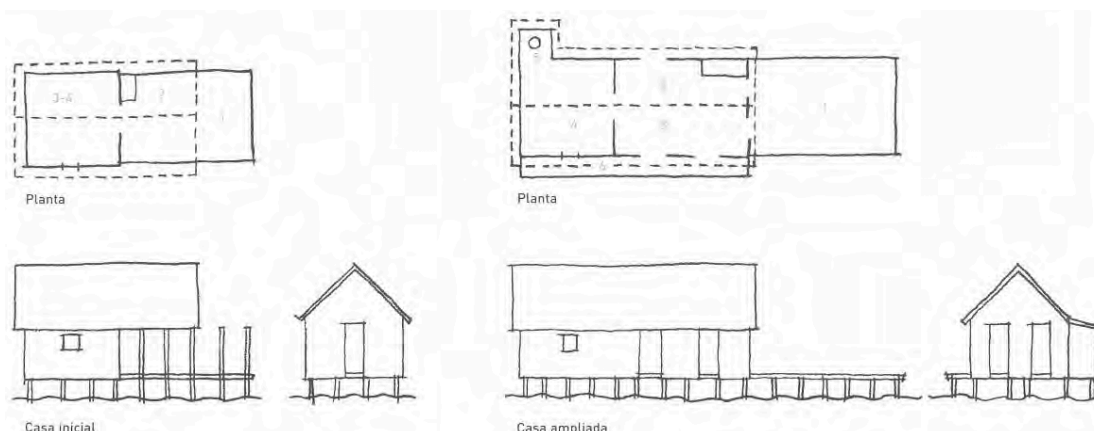


Ilustração 22 – “Conjuntos Urbanos” 1) terraço; 2) cozinha; 3) sala de jantar; 4) quarto; 5) casa de banho; 6) galeria exterior. (Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea, BAHAMÓN; ÁLVAREZ, 2009, p.18)

No Neolítico, o levantamento de uma aldeia palafítica era trabalho de várias gerações, embora uma construção nunca fosse definitiva: os incêndios constantes destruíam uma boa parte das edificações. Era uma obra em permanente desenvolvimento por parte de todos os membros da comunidade.

Os Homens pré-históricos limpavam as ribeiras de grandes árvores para as transformar em terras cultiváveis. Também faziam currais para manterem os seus animais sob controlo. As mulheres ocupavam-se da pesca e da tecelagem, preparavam os terrenos para cultivo, moíam os cereais, moldavam as panelas de argila e cozinhavam. Os homens construíam os povoados e as ferramentas de trabalho, cultivavam a terra e comercializavam com as povoações vizinhas.

Os habitantes da maioria das palafitas contemporâneas já não dependem apenas das margens, uma vez que foram ganhando terreno à água construindo com uma mistura de valvas de moluscos e terra do fundo do leito de água. Isto permitiu-lhes cultivar e criar animais ao lado das suas casas e ao mesmo tempo construir as cozinhas um pouco afastadas do edifício principal. Nestes conjuntos contemporâneos os homens continuam a dedicar-se ao comércio através da água e as mulheres à pesca.

Desde as antigas palafitas, a construção de cada estrutura implica o trabalho de todos os membros da comunidade. Por este motivo e pelas condições de isolamento em relação ao meio envolvente, esta tipologia promove uma vida em comunidade quase íntima: a população amontoa-se nos poucos espaços de uso colectivo, nos cruzamentos entre as passadeiras e nas galerias de cada habitação, e as tarefas de sustento, os acontecimentos mais familiares, as cerimónias religiosas e as celebrações quotidianas envolvem toda a comunidade.

### 3.2. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DA CARRASQUEIRA

A Carrasqueira é conhecida pelo seu um impressionante Cais Palafítico, localizado em plena Reserva Natural do Estuário do Sado, que se desenvolve ao longo de centenas de metros pelos esteiros lamaçentos do rio. A paisagem seca do lodo ganha vida com as vivas cores dos barcos e os pequenos abrigos de Pescadores que resistem ao longo dos tempos.

Este capítulo tem o objectivo de fazer um enquadramento geográfico, histórico e cultural da zona onde se inserem os casos de estudo.

Estes localizam-se no Alentejo, mais precisamente na Comporta nas zonas da Bacia e Estuário do Sado, zonas conhecidas pela diversidade e beleza da paisagem, tal como ilustra a imagem.



Ilustração 23 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012)

Os mapas que se seguem (Ilustração 24, Ilustração 25 e Ilustração 26) apresentados nos Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal<sup>14</sup>, permitem analisar as Zonas a Sul

<sup>14</sup> O Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal designa uma série de trabalhos de campo levados a cabo na década de 50 do século XX por equipas de arquitectos portugueses, com o intuito de catalogar de forma objectiva a arquitectura vernacular no território português.

Francisco Keil do Amaral (1910-1975) arquitecto formado pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, é reconhecido como uma importante figura da arquitectura portuguesa do séc.XX. Durante vários anos, desempenhou funções na Câmara Municipal de Lisboa, dedicando-se sobretudo à criação e renovação de parques verdes e jardins. Destacou-se não só como autor mas também como divulgador, publicando inúmeros artigos e monografias e lançando as bases do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, iniciado em 1955. Foi neste âmbito que aprofundou o seu interesse pela fotografia, acompanhando muitos outros arquitectos no levantamento das práticas arquitectónicas do país, que culminou no livro *Arquitectura Popular em Portugal* (Sindicato dos Arquitectos, Lisboa, 1961-62), com dois volumes, um dos quais reproduz, na capa, uma imagem sua.

de Portugal, dando-nos informações sobre as divisões geográficas, a economia agrícola e os tipos de povoamento de cada região.

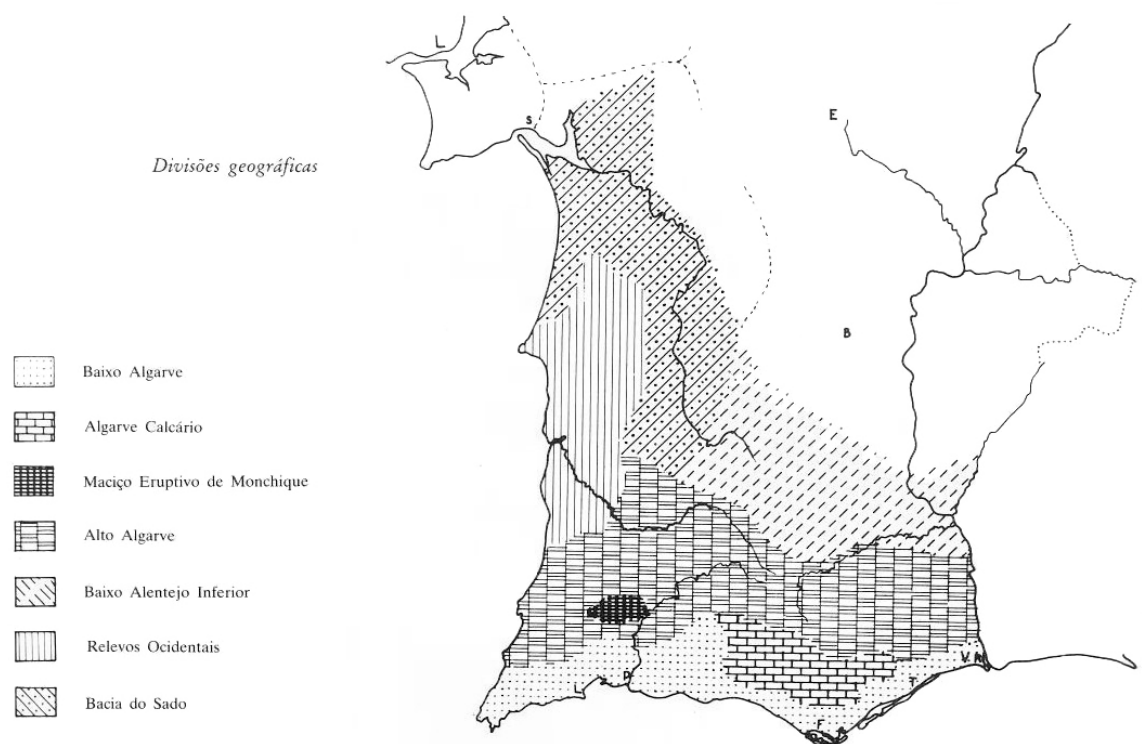


Ilustração 24 – “Divisões Geográficas”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.127)

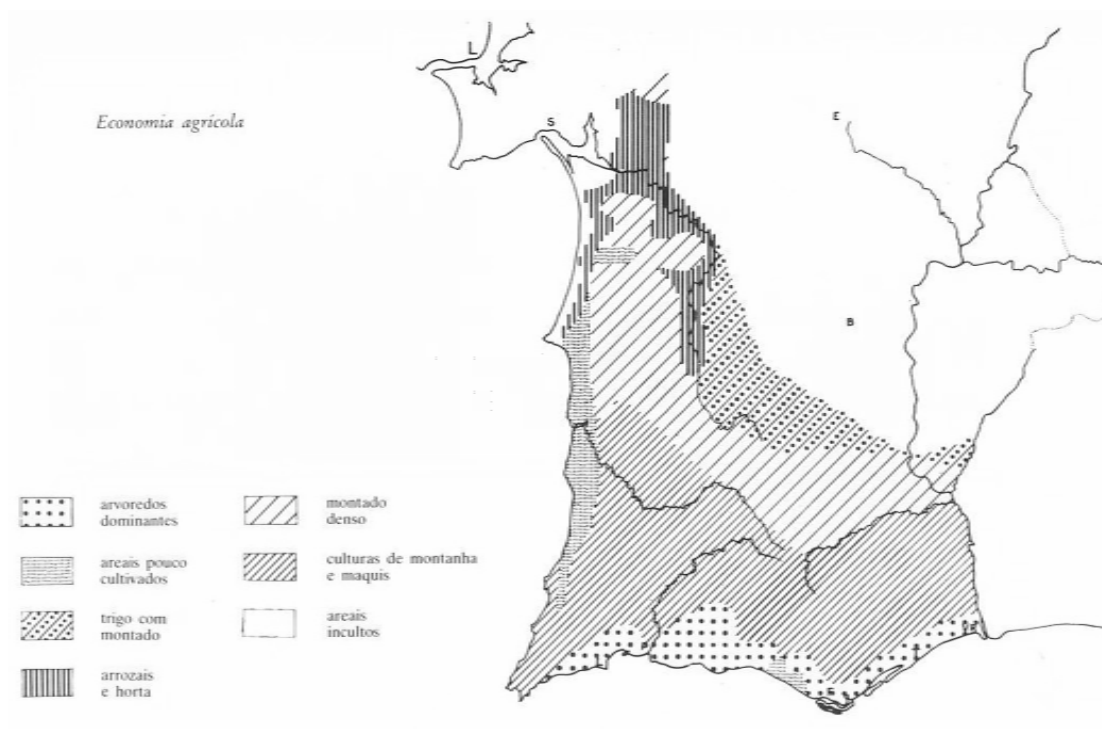


Ilustração 25 – “Economia Agrícola”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.125)

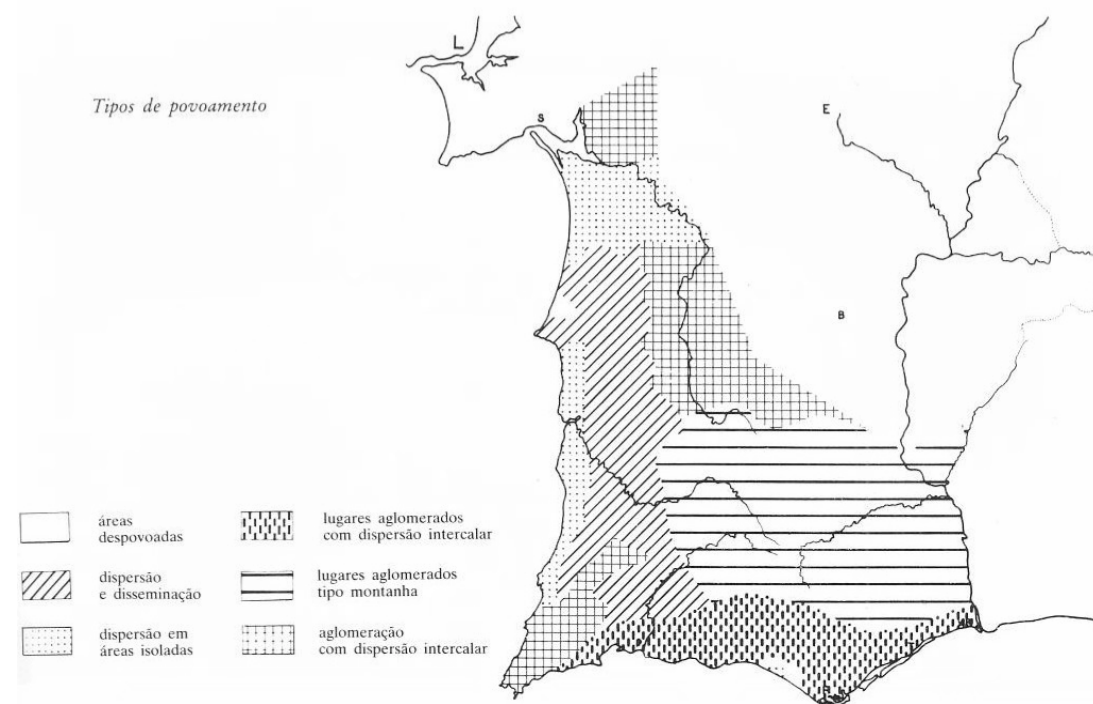


Ilustração 26 – “Tipos de Povoamento”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.125)

Esta informação é importante para entender o tipo de região onde se localizam os casos de estudo, bem como as regiões que compõe a sua envolvente, e compreender como essas características influenciam a cultura da região.

Areaís incultos, montado denso, arrozais e hortas são os elementos vegetais que fazem parte da paisagem da Herdade da Comporta.

As paisagens da Reserva Natural do Estuário do Sado são muito ricas e variadas. A água doce do rio, a água salgada do mar, os bancos de areia e de vasa, bem como as praias, dunas e sapais, constituem um ecossistema rico e produtivo associado a uma fauna e flora muito variada.

O rio Sado nasce na Serra da Vigia e percorre 180km até desaguar no Oceano Atlântico perto de Setúbal. No seu percurso quase plano, passa por Alvalade e Alcácer do Sal, sendo a sua foz em frente a Setúbal. Antes de chegar ao oceano e a jusante de Alcácer do Sal, desenvolve um largo estuário – Estuário do Sado.



Ilustração 27 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012)



Ilustração 28 – “Herdade da Comporta”. (Herdade da Comporta, Comporta, 2012)

Os depósitos de lodo banhados pelas marés mais altas e os terrenos salgados de aluvião são detentores de uma variada flora que neles habita. Existem ainda superfícies lodosas sem vegetação, habitat de bancos de bivalves como o berbigão e a navalha, onde também se pratica a colheita de poliquetas<sup>15</sup>. A Comporta e a Carrasqueira, localizam-se nas maiores manchas de sapal do estuário do Sado. Estas áreas naturais são ocupadas por gramíneas e arbustos de pequeno porte, situados junto de massas de água salgada cujo nível varia de acordo com as marés. A morraça<sup>16</sup>, domina as zonas onde o grau de salinidade é maior. Mais próximo do litoral, o vasto areal de dunas alberga dezenas de espécies vegetais. Mais para o interior encontram-se os montados (sobreiros). Nas linhas de água em redor do estuário surgem as matas ribeirinhas, onde se podem encontrar espécies como o amieiro, o freixo, ulmeiro e o salgueiro. Nas zonas de água salobra surgem ainda o junco e a tamargueira. São também observáveis no estuário do Sado um ou outro caniçal, sobretudo na orla das linhas de água e lagoas.

O estuário alberga uma grande variedade de peixes, moluscos e crustáceos que estão na origem da actividade piscatória da Carrasqueira. Da sua fauna fazem parte aproximadamente 70 espécies como o salmonete, o linguado, a tainha, a solha, a dourada, o charroco. Encontram-se ainda espécies como o polvo, o choco e a lula, o caranguejo, a camarinha, bem como uma enorme variedade de amêijoas.

“Estudos elaborados falam da diversidade de pescas artesanais que podemos ainda encontrar em Portugal. Determinadas por contextos geográficos, históricos e funcionais, podemos encontrar vários tipos:

- Pesca artesanal de base estritamente familiar;
- Pesca artesanal de base familiar;
- Pesca artesanal de transição;
- Formas atípicas.

A Carrasqueira encontra-se enquadrada no grupo da pesca artesanal de base estritamente familiar. Trata-se de uma pesca desenvolvida no seio da família, sendo exclusivamente exercida pelo casal, eventualmente com a ajuda dos filhos. Os meios

---

<sup>15</sup> Espécie de verme aquático.

<sup>16</sup> Espécie de vegetação dos pântanos e terras lamacentas que serve para estrume.

de produção, embora limitados (podendo mesmo não existir embarcação), são de propriedade da família, que utiliza parte da produção para auto consumo. Este tipo de pesca é frequentemente sazonal<sup>17</sup>, sendo complementada por outras actividades, muitas das vezes a agricultura” (Souto, 1998).

Este tipo de pesca artesanal pode-se encontrar no estuário do Tejo (comunidades avieiras) e no estuário do Sado (comunidade de agricultores pescadores da Carrasqueira) – Ilustração 29

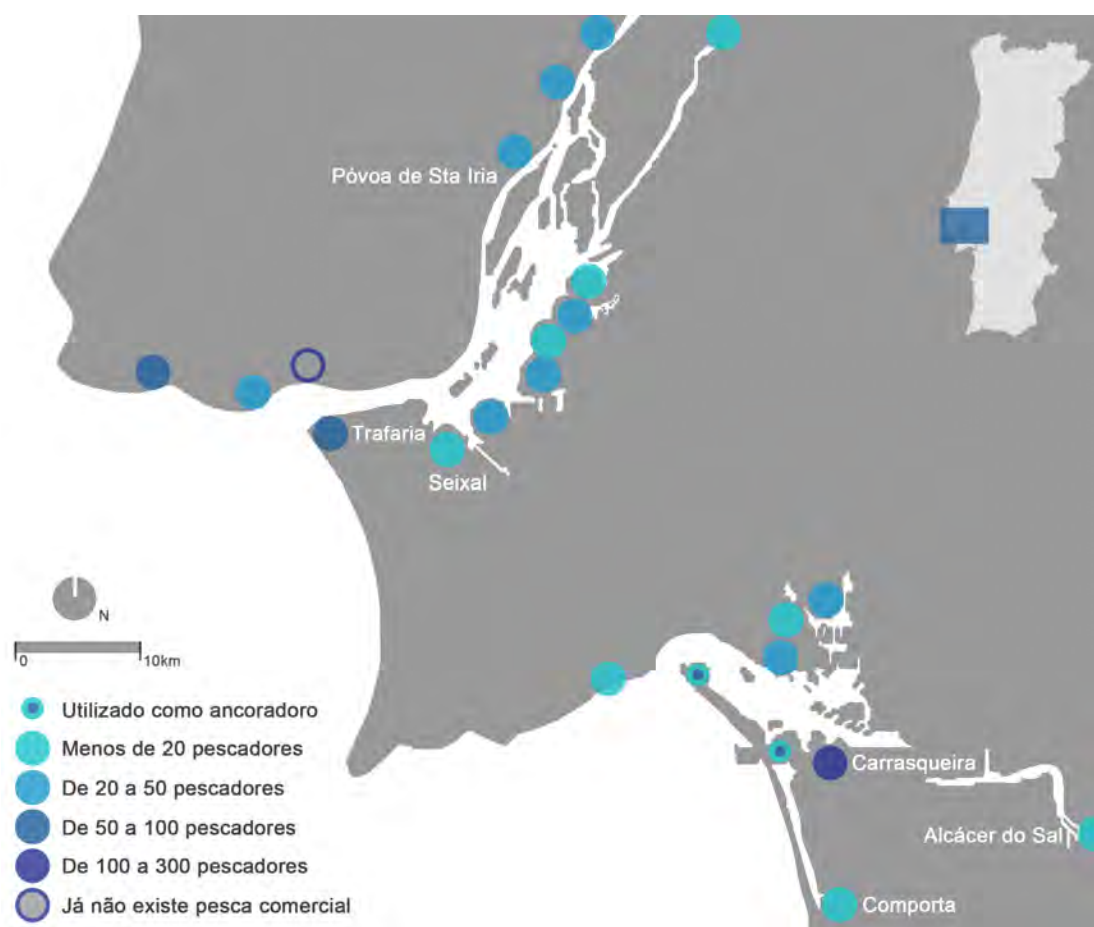


Ilustração 29 – “Localização das comunidade da Póvoa de Santa Iria e da Carrasqueira nos estuários do Tejo e do Sado”. ( SOUTO, Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico, SOUTO 1998, p.4)

A comunidade Avieira, descendente de pescadores migrantes da Praia da Vieira começaram a deslocar-se para o Rio Tejo na década de 1920, onde se dedicavam sobretudo à pesca do Sável no seu período de migração fluvial. Enquanto não se

<sup>17</sup> quer pelo estado do mar, quer pela disponibilidade de recursos, quer por limitações legais impostas à pesca

fixavam nesta região, regressando as suas origens, muitos pescadores por aqui ficavam, fazendo uma vida nómada nos seus barcos, que serviam muitas das vezes de casa e de instrumento de trabalho.

Foi em Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria e Alhandra que estes pescadores acabaram por permanecer, sendo as três regiões mais populosas de pescadores avieiros.

Uma vez sedentarizados, estes pescadores passaram a depender exclusivamente da pesca, pescando cada casal na sua embarcação, o que acontece ainda nos dias de hoje. A pesca reside num quadro estritamente familiar, onde os filhos também participavam nas tarefas. Tarefas essas que eram separadas, sendo o Homem responsável pela embarcação, e pela escolha do local de pesca, e a mulher participava na comercialização do pescado.

Estando este meio inserido num meio urbano-industrial da periferia de Lisboa, o bairro dos pescadores da Póvoa de Sta Iria, encontra-se hoje muito degradado. Embora tenha sido construído a cerca de 50 metros das águas, os pescadores acrescentaram-lhe várias barracas em madeira para a guarda de artes, e vão criando Cais Palafíticos, também em madeira, naquilo a que poderemos chamar “construção orgânica”, já que, sendo de vida curta, são também rapidamente substituídos: cada família possui o seu, o que dá ao lugar um aspecto peculiar.<sup>18</sup>

Ao contrário dos pescadores avieiros do Tejo, descendentes de “pescadores de mar”, a comunidade da Carrasqueira, que aqui se trata e que tem o mesmo tipo de pesca artesanal, e de estrutura urbana, tem origens no meio rural - Ilustração 30.

---

<sup>18</sup> Actualmente, esta pequena comunidade vê os seus filhos a abandonar a pesca e a dedicar-se a outras actividades: eles maioritariamente na indústria, elas maioritariamente no comércio de pescado, onde ajudam os pais. Quando casam, quase sempre dentro do grupo, são obrigados a abandonar o bairro, pois as casas dos pais são pequenas e não é possível construir no local.

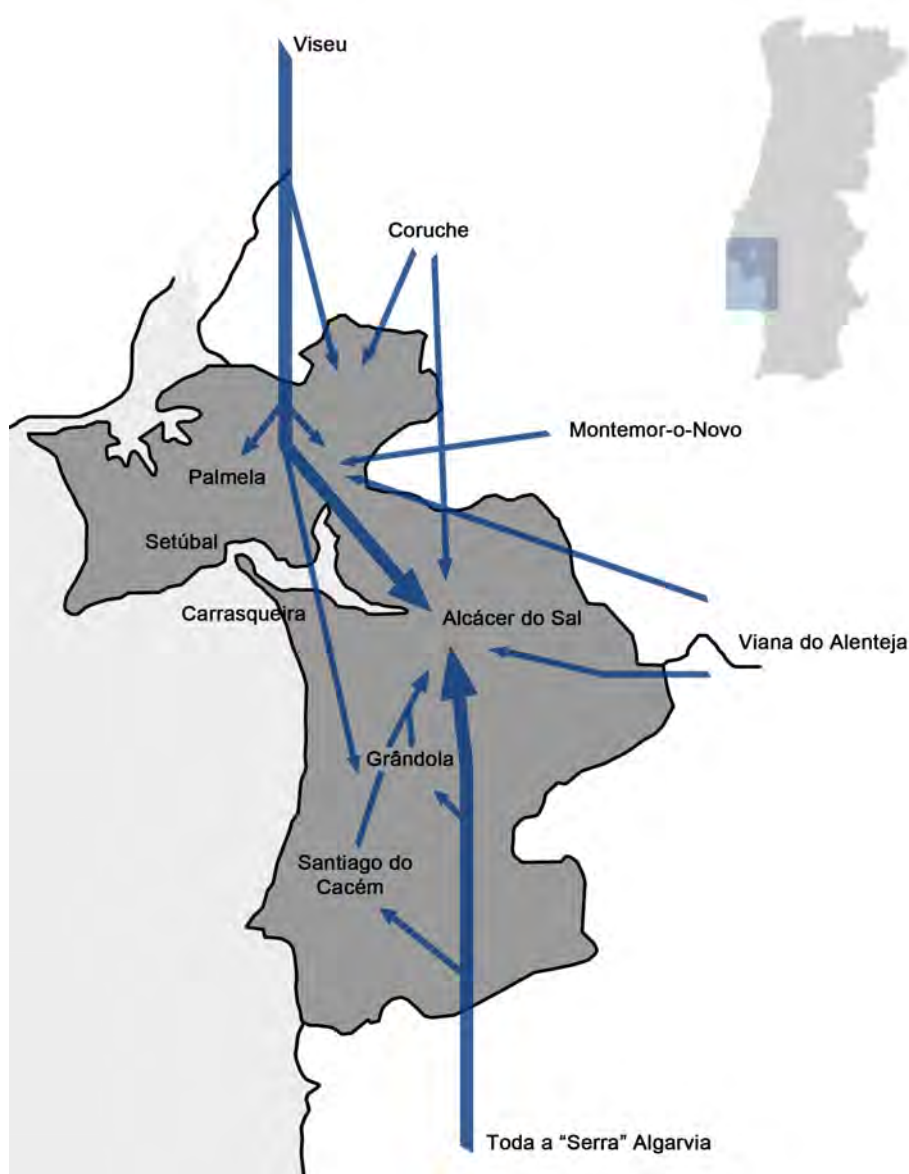


Ilustração 30 – “Movimento de ranchos para o distrito de Setúbal em 1956”. (MAGALHÃES, Dos Ranchos Migratórios em Portugal, Relatório Final do Curso de Engenharia Agrónoma, MAGALHÃES, 1956)

De facto, os actuais agricultores e pescadores da Carrasqueira são descendentes de assalariados rurais pobres que de diversos pontos do país se deslocavam para a região do Sado, que possuía e ainda possui baixa densidade populacional, onde se dedicavam a diversos trabalhos agrícolas nas extensas herdades aí existentes (maioritariamente na cultura do arroz, com intensiva mão-de-obra antes da introdução de máquinas). Sendo o trabalho sazonal, regressavam às suas terras de origem quando as exigências em trabalho diminuam. Mas nem todos, alguns iam ficando com o beneplácito dos proprietários das terras, que assim dispunham de uma bolsa de

mão-de-obra. Eram-lhes arrendadas algumas parcelas de terra, para culturas de auto-consumo, e permitiam-lhes que construíssem habitações com materiais precários. As barracas foram sendo construídas ao acaso e de forma espontânea, o que ainda hoje se comprova pelo aspecto desalinhado da localidade.<sup>19</sup>

A construção era artesanal e eram utilizados materiais que dispunham na região. A cobertura era de colmo, as paredes revestidas a caniço e estorno e atravessadas por tábuas caiadas, portas e janelas azuis. As cabanas podiam variar consoante fossem para habitar ou guardar alfaias agrícolas.

Quando eram de habitação, devido aos materiais muito combustíveis, aconselhavam ao estabelecimento de duas cabanas separadas por família: a cabana de lume, para cozinhar e tomar refeições, e a cabana grande, com quartos e salas.



Ilustração 31 – “Aspecto das tradicionais barracas da Carrasqueira (1997)”. (SOUTO, Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico, SOUTO, 1998 3, p.7)

Assim se foi vivendo até ao 25 de Abril de 1974, altura em que a herdade foi nacionalizada. As tradicionais barracas começaram, então, a ser substituídas por habitações mais condignas.

<sup>19</sup> Entretanto, há cerca de 30 anos a herdade foi devolvida aos seus proprietários, com excepção dos terrenos em que se encontravam habitações, que foram desanexados da propriedade a favor da Câmara Municipal de Alcácerdo Sal, que procedeu à sua “urbanização”.



Ilustração 32 – “O passado e o presente”, Comporta. (Ilustração nossa, 2012)

Todavia, tal só foi possível pelo crescimento dos rendimentos destes assalariados agrícolas que, ao que tudo indica, a partir do início dos anos 1960/70 terão começado a explorar os recursos vivos do estuário: primeiro a amêijoas, depois o caranguejo, hoje anelídeos poliquetas. Também parece terem sido utilizadas pequenas armadilhas nas valas dos arrozais e tapa-esteiros.

As primeiras actividades de pesca e de apanha desenvolviam-se, pois, sem embarcações e nas áreas mais próximas das habitações. O esgotamento dos recursos nessa área e as economias entretanto conseguidas terão possibilitado o aparecimento das primeiras embarcações e a necessidade de arranjar condições para acolher o crescente número de pescadores. E para que a pesca fosse possível, importava criar um acesso à água que não ficasse condicionado ao vai e vem das marés. É que, em situação de maré cheia a água atingia e às vezes galgava o “muro de maré” que defendia os terrenos agrícolas, para depois recuar na maré vazia algumas dezenas, senão centenas de metros, entrepondo uma barreira de lodo entre a terra e a água.

Assim, escolhida a melhor localização, no final de uma vala de drenagem dos terrenos agrícolas, dois pescadores lembraram-se de espetar uma estaca na borda do muro e puseram umas tábuas por cima para passarem. Os pescadores foram-se assim juntando dois a dois, construíam o seu bocado, espetavam mais estacas adiante do que estava e punham tábuas por cima, sendo que cada pescador atracava os barcos

no seu lado. Este foi um processo evolutivo que prolongou o emaranhado de estacas e tábuas por centenas de metros.

De assalariados agrícolas que buscavam um complemento nas margens do estuário em actividades de apanha, passamos a ter verdadeiros agricultores-pescadores, pois nunca abandonaram nenhuma destas actividades, constituindo-se esta comunidade na única em Portugal a dedicar-se à agricultura e à pesca, nunca tendo abandonado a apanha.

### **3.3. O CAIS COMO INTERVENÇÃO**

Assim nasce o Cais Palafítico da Carrasqueira nas década de 1950 e 1960, em plena Reserva Natural do Estuário do Sado, sob o voo rasante de garças e cegonhas, o labirinto de estacas e estrados em ziguezague que marca a paisagem. Estrutura peculiar, sendo que é hoje um dos locais mais visitados do concelho de Alcácer.

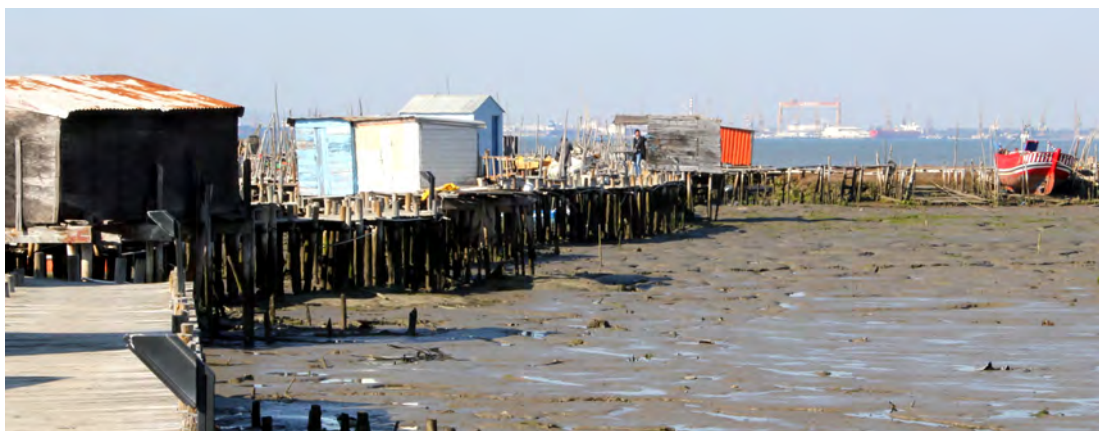


Ilustração 33 – “Carrasqueira”. (Ilustração nossa, 2012)

“Quando eu tento identificar as intenções estéticas que me motivaram no processo de projectar edifícios, chego à conclusão que os meus temas variam entre o lugar, o material, a energia, a presença, as recordações, as memórias, as imagens, a densidade, a atmosfera, a permanência e a concentração. (...) Algo que irá fazer parte de um lugar, parte de um circundante, que irá ser usado e amado, descoberto e legado, abandonado, e porém até detestado – em suma, que irá ser vivido, no sentido mais amplo” (Zumthor, 1998).



Ilustração 34 – “Entrada no Cais”. (Ilustração nossa, Carrasqueira, 2012)

A água, o lodo, as estacas verticais, as tábuas de madeira horizontais, os pequenos barcos de cores alegres, a variação das marés, as cordas e bóias desgastadas, as pequenas casas de madeira, os pescadores, o horizonte longínquo e os arrozais envolventes são o conjunto de elementos que conferem a identidade ao Cais Palafrítico e que durante o tempo variam com a mesma coerência de há 100 anos atrás. São elementos que habitam na memória daquele lugar.

“Nestas terras de margens baixas e lamacentas, o acesso aos barcos é difícil durante a maré baixa, e por isso as gentes da terra desenvolveram estes passadiços assentes em estacas de madeira enterradas em lodo. Impressiona caminhar por eles, dá-nos a sensação que estamos noutra época” (Fields, 2009).

A utilização de estacas de madeira cravadas no lodo, era a maneira mais rápida e mais barata para conseguir a construção que possibilitava a proximidade à água.

Comparando a exemplos anteriormente apresentados, pode-se assumir a existência de uma simbiose entre o material (estacas de madeira) e a paisagem (água e lodo), em que o Homem se apresenta responsável por juntar estes dois meios para construir de acordo com a sua necessidade.

Como podemos observar na Ilustração 35, a desorganização propositada, a ausência de pormenor e rigor por parte do Homem confere à paisagem um acrescento natural e um prolongamento que conjuga objectos do passado e do presente.



Ilustração 35 – “Prolongamento da Paisagem” (Ilustração nossa, Carrasqueira, 2012)

Para melhor entendimento do Cais Palafítico, torna-se relevante a introdução de alguns aspectos que caracterizam a forma de construção da paisagem: a articulação da construção rural com o natural; a construção de espaços delimitando terra/água onde se estabelece uma nova relação com a natureza; e um envolvimento das comunidades territoriais na reconstrução dos modos de vida rural ligados à água;



Ilustração 36 – “Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Ilustração nossa, 2012)

Desde os tempos históricos, o Homem foi obrigado a respeitar o limite terra/água. Atendendo a que um limite pressupõe o fim e o início de algo, começaram a surgir problemas inerentes a dois meios ambientes que apesar de diferentes, interagem entre si, e torna-se necessário respeitar a entidade de cada um.

No relacionamento terra/água podemos dizer que existe uma simbiose onde há uma relação íntima entre dois elementos, que dificilmente é quebrada. Ao se intervir nas zonas onde existe este relacionamento, está implícita uma subtileza onde a forma de construção deverá ser ligeira.

Descrevendo arquitectónicamente este Cais, poderão ser mencionados vários aspectos: a utilização simples e tosca dos materiais bem como a sua forma respondendo à função, poderão associar-se ao conceito de Land´Art e de Arquitectura Vernacular, uma vez que a paisagem é transformada através da utilização de elementos próprios do local, respondendo às necessidades impostas pelo meio.

Como se pode ver na Ilustração 37, o desenho do Cais Palafítico marca a Paisagem. A sua forma orgânica acompanha a fisionomia do terreno e desenvolve-se através de uma estrutura principal com ramificações para atracar os barcos, permitindo o acesso dos Pescadores. Os prolongamentos são feitos na direcção Oeste, onde se encontra o oceano, facilitando a saída e chegada dos barcos.



Ilustração 37 – “Planta Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012)

Respondendo à finalidade do Cais, a existência de uma delimitação espacial é evidente. O Homem tem a necessidade de dominar o espaço, procurando satisfazer as suas necessidades, neste caso, a necessidade de percorrer um espaço cujo acesso é condicionado pela variação das marés.

Através de uma mudança de tempo conferida pela subida e descida de marés, identificamos um elemento que é comum aos dois, o lodo. Este resulta da mistura de terra com restos vegetais ou de matérias animais, que se forma no fundo das águas. Esta característica permite aos pescadores enterrar as estacas e fazer os respectivos passadiços.

O seu ar desordenado deve-se à morfologia do lodo e à ausência de tempo para construir, visto que entre a maré-alta e a maré-baixa tem-se apenas cinco horas para trabalhar.

Assim é realçada uma forte relação entre a forma de construção da paisagem e a materialidade da mesma.

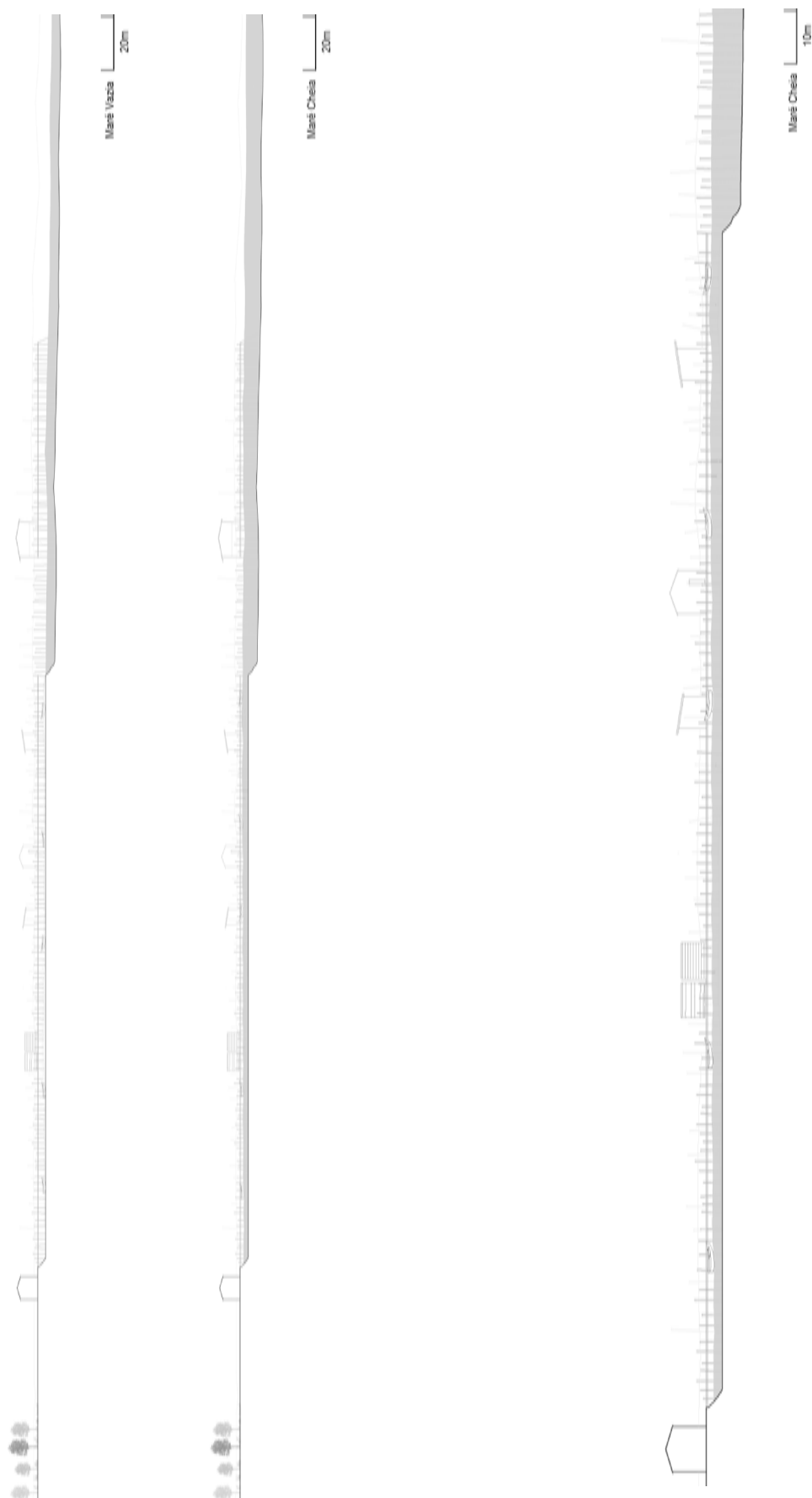


Ilustração 38 – “Cortes do Cais Palafítico da Carrasqueira – Marés”. (Ilustração nossa, adaptado de Ilustração 37, 2012)

A variação da Paisagem no Cais Palafítico é uma constante através do tempo, tanto da maré cheia como a da maré vazia, são dois tempos que caracterizam aquele lugar, obtendo sensações distintas mas igualmente ricas enquanto paisagem.



Ilustração 39 – “Marés”. (Ilustração nossa, 2012)

Maré Cheia – os barcos saem para a pesca e a água cobre o lodo que, por sua vez cobre a terra que sustenta as estacas.

Maré Vazia – o Cais apresenta-se mais colorido pelos barcos que chegaram com os seus carregamentos. A ausência de água faz submerger o lodo que impede a saída dos barcos do Cais.

“A maré está baixa e os barcos chegam pelos canais que se formam na lama. Têm nomes como Volto Já, Depressa, Carvalhinha, Rainha do Sado. São azuis, amarelos, vermelhos, cor de laranja e dão cor ao cinzento do lodo e à madeira desbotada pelo tempo” (Fidalgo; Raimond, 2008).



Ilustração 40 – “Cais Palafítico da Carrasqueira”. (Tico, Comporta, 2008)

O “não-arquitecto”, ao utilizar a madeira por razões já identificadas, adapta a sua construção à subida e descida da maré, que, ao longo do tempo vai desgastando e alterando a aparência da madeira, acabando por se integrar na paisagem.



Ilustração 41 – “O desgaste da madeira”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)

Se por um lado se notam alguns troços abandonados, por outro existe uma vontade de manter e recuperar a estrutura existente. Ao longo do Cais são facilmente identificados vários acrescentos, através do desgaste dos materiais, rapidamente distinguimos os mais antigos dos mais recentes, como se pode observar na Ilustração 42.



Ilustração 42 – “O antigo e o recente”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)

Na Ilustração 43 podemos identificar com clareza a metamorfose que as estacas de madeira sofrem, confundindo-se com a cor do lodo em Maré Baixa.

O lodo é um elemento natural importante que se encontra numa zona mista, e que interage directamente com o espaço construído pelos pescadores – o Cais Palafítico, que se encontra em permanente transformação devido à subida e descida do nível da água.



Ilustração 43 – “O lodo no Cais”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)

Na Ilustração 44 para além de sobressair as diferentes tonalidades de cores (cor do barco, as cores das madeiras, dos materiais de pesca, das lonas), são também perceptíveis as diferentes formas de trabalhar e utilizar a madeira: a forma cilíndrica das estacas para maior facilidade de penetração no lodo, as tábuas que compõe o passadiço e as madeiras que constroem os abrigos dos pescadores, utilizados para guardar os seus utensílios de trabalho. Com um só material, a madeira, temos três tratamentos diferentes de aplicação da mesma. Torna-se importante referir que quando se fala de ligeireza, não é o peso dos materiais que confere esta característica, é a forma como este é utilizado de acordo com a poética de cada lugar.



Ilustração 44 – “As cores do Cais”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)

O Cais Palafítico é uma intervenção ligeira inserida na paisagem da Carrasqueira. A forma natural e orgânica como nasce, vive, e se transforma ao longo dos tempos, faz desta obra parte da cultura de um povo.

Quem o vive, caracteriza-o pelas sensações de tranquilidade, frescura, bem-estar, descontração e liberdade que remetem para pensamentos, histórias e memórias.



Ilustração 45 – “À saída do Cais Palafítico”, Carrasqueira. (Ilustração nossa, 2012)

## **4. INTERVENÇÕES LIGEIRAS NA COMPORTA, AS CASAS NA AREIA DE AIRES MATEUS**

### **4.1. CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL**

A Bacia do Sado, terra de arrozais e hortas, montados e trigo, é quase despovoada. A população é pobre, predominando o grande proprietário absentista, a cultura dos arrozais torna-a uma região marcadamente sazonal.

Dos antigos assalariados rurais que se deslocavam para a região do Sado para trabalhar e que por algum motivo não regressavam à sua terra quando a época terminava, era-lhes arrendadas parcelas de terreno onde construíram os seus abrigos. Surgiram assim as cabanas de pescadores, habitações familiares construídas com materiais precários, dispostas ao acaso e de forma espontânea, normalmente associadas a um pequeno terreno destinado ao auto-consumo.

Estes são os abrigos das famílias de pescadores, habitantes da Carrasqueira, que actualmente vivem da agricultura e da pesca trazida por eles até ao Cais Palafítico.

Os pequenos aglomerados populacionais situam-se normalmente ao longo do Sado e dos seus afluentes. É nas pequenas povoações, junto dos arrozais e das hortas, como nos vastos areais, se encontram os exemplos de habitação de maior interesse para este estudo. A tipologia das casas é semelhante à do Alentejo Litoral, mas os tipos de habitação são muito mais pobres e singelos.

“Se a constituição geológica do solo orienta e define o destino do homem no lugar, comumente o clima desse lugar determinará a sua vida, amoldando a sua existência física e psíquica e definindo a sua actividade, o seu comportamento, o seu agregado familiar, a sua habitação, o povoado e a região.” (...) O clima, caracterizando o meio, define inexoravelmente toda a actividade humana – o trabalho, a alimentação, a psicologia, a família, a casa” (Amaral, 1988, p.159).

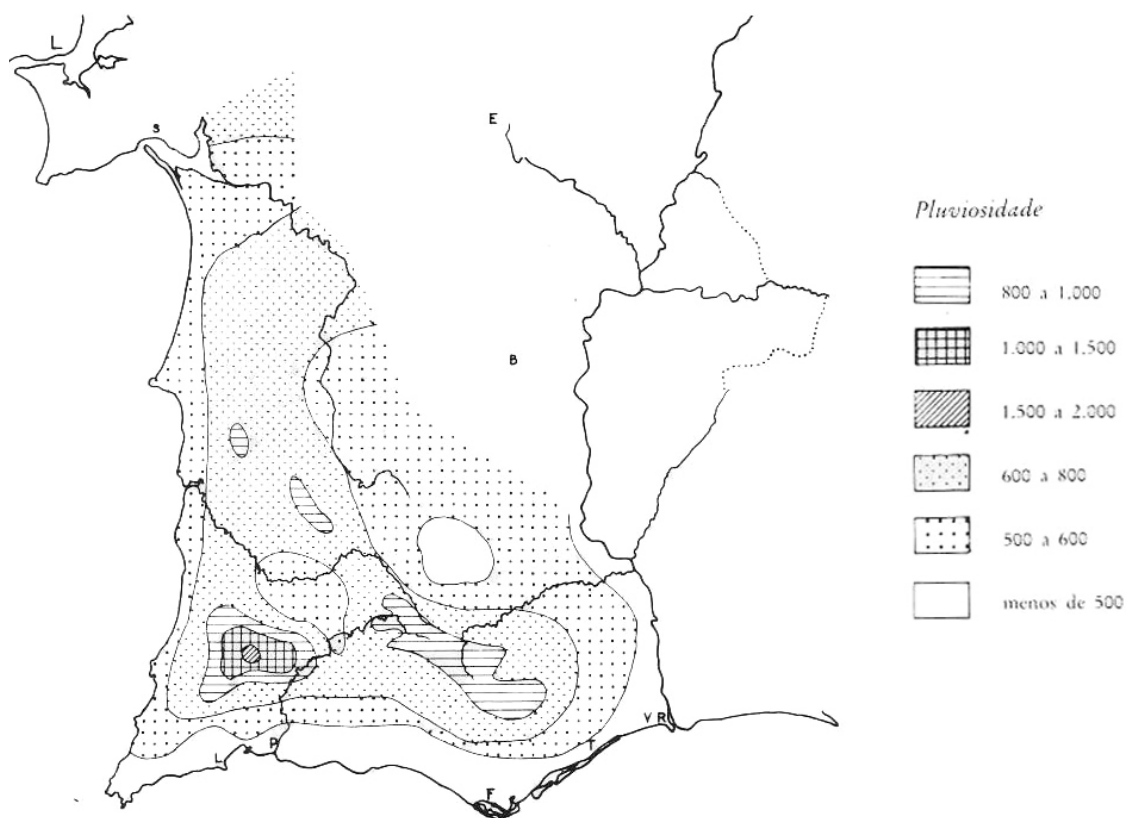


Ilustração 46 – “Pluviosidade”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.160)

Nesta zona de estudo, o clima caracteriza-se como tipicamente mediterrâneo. Os Verões são quentes e secos e os Invernos são moderados. As temperaturas médias mensais são por vezes muito elevadas, podendo ultrapassar os 35°C no Verão e geralmente não descendo para além dos 10°C no Inverno, tendo uma amplitude térmica anual moderada. Os valores de precipitação são baixos e ocorrem sobretudo no Inverno. A árvore predominante é o sobreiro, reflexo deste clima mediterrâneo tipicamente quente e seco.

O clima é um factor influente nas formas construtivas da arquitectura local. Esta zona não é excepção. Na área da Comporta, numa tentativa de adaptar as suas construções às condições geológicas e climatéricas, o Homem procura aproveitar ao máximo o melhor que a natureza lhe dá e procura, a técnica mais adequada para construir os seus abrigos. Em busca da orientação mais conveniente, as casas que se localizam nesta zona encontram-se viradas a Nascente, defendendo-as dos ventos e das chuvas do Oeste. Na fachada Este, concentram-se os vãos, abertos em número e nos locais que lhes parecem mais convenientes, deixando as restantes fachadas

limpas e rígidas, quase sem aberturas para protecção dos ventos e temporais característicos deste clima.

Também os materiais de construção e processos construtivos são influenciados pela geografia do País.

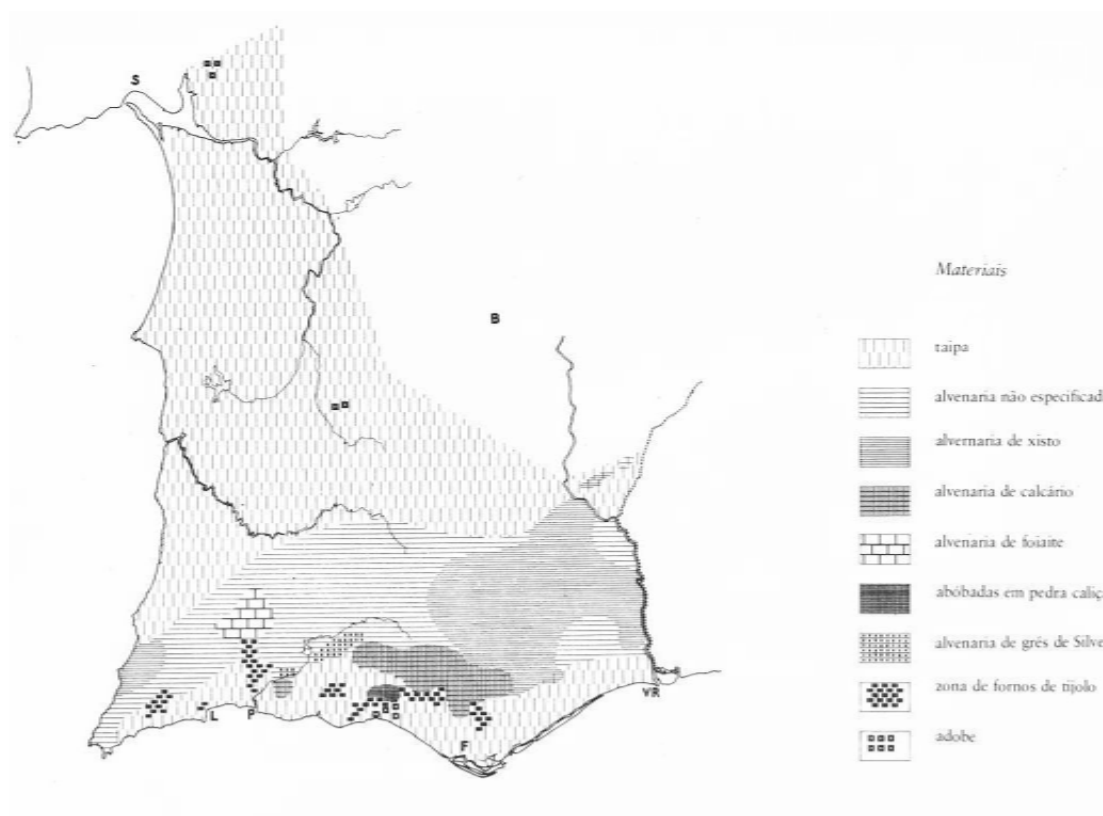


Ilustração 47 – “Materiais”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.174)

Analisando o mapa, rapidamente concluímos que o material mais predominante não só na zona da Comporta mas como na zona Sul de Portugal, é a taipa, e como tal, o uso deste material é muito típico.

As paredes em taipa, quando bem realizadas e rebocadas são muito duradouras e a sua espessura é um factor que confere boas condições de isolamento térmico. No entanto, este material necessita de algumas precauções na sua execução, sendo uma delas, o evitar o contacto com a humidade do solo para que este não apodreça. Para isso, constrói-se em todo o perímetro da construção um embasamento em alvenaria de pedra, que assenta directamente sobre o solo.

A execução das paredes em taipa é muito simples. Após a escolha da terra adequada, são retiradas as pedras e a cobertura vegetal, e no próprio local esta é amassada com pouca água. De seguida, é transportada para a obra, sendo colocada nos taipais, em camadas sucessivas, até cobrir o enxaimel em toda a sua altura.

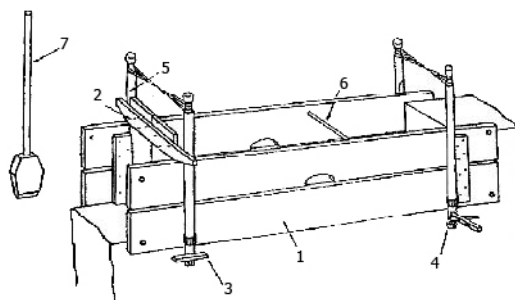


Ilustração 48 – “Sistema tradicional de taipais para compactação de um taipa.”. (Dissertação de Mestrado em Construção, 2006, p.22)

Legenda:1. Taipa / enxaimel ou enxaimel; 2. frontal; 3. agulhas; 4. alfinetes; 5. costeiros; 6. côvados; 7. malho.

Por cada camada de terra amassada é lançada mais água, ao mesmo tempo é batida a maço, até formar à superfície uma nata. Os taipais moldam a terra, formando blocos na própria parede, em fiadas horizontais, com juntas desencontradas e separados por uma camada de pedra.

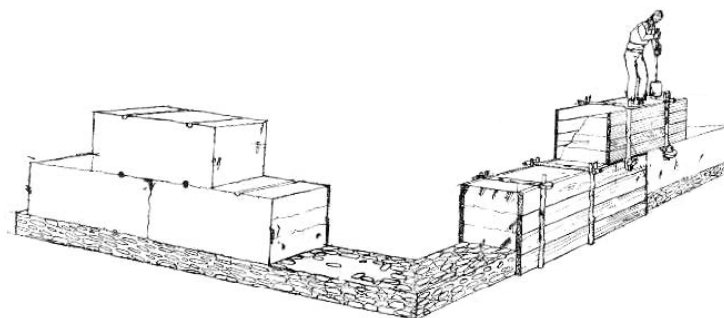


Ilustração 49 – “Esquema da construção em taipa”. (CORRAL, Madrid, 1979)

Os vãos e os cunhais são pontos frágeis de uma construção. Para aumentar a resistência nestes pontos, nos cunhais o travamento dos blocos é obtido por contrafiada e os vãos são abertos, depois de terminada a parede, sendo previamente colocadas padieiras em madeira para reforço.

Depois de passar um Inverno em que a água das chuvas lave as paredes erguidas em taipa, preenchem-se as juntas com argamassa hidráulica e, finalmente, a parede é rebocada ou simplesmente caiada.

Relativamente às coberturas, é muito comum a utilização do caniço.



ALTE — LOULÉ

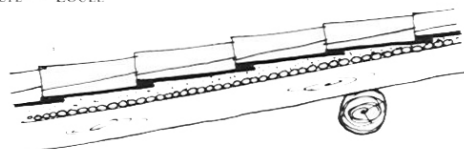


Ilustração 50 – “Encaniçado”, Alte, Loulé. (Arquitetura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.182)

O “encaniçado” é composto por um conjunto de canas amarradas umas às outras e aos barrotes por cordéis. Estendida sobre esta estrutura, prepara-se uma camada de argamassa para receber a telha, assegurando um regular isolamento térmico, em virtude da presença simultânea da cana. Por vezes, a cana é também utilizada em tectos falsos. Nesta situação, a cana é esmagada, espalmada e depois encanastrada para depois ser fixada a uma esteira de madeira e rebocada.

Mas este princípio pode estender-se ao exterior surgindo outro material natural muito comum na construção das habitações desta zona, e índice de baixo nível económico, o colmo. A sua utilização pode ser encontrada em coberturas de duas águas mas também ser utilizado para fazer paredes.

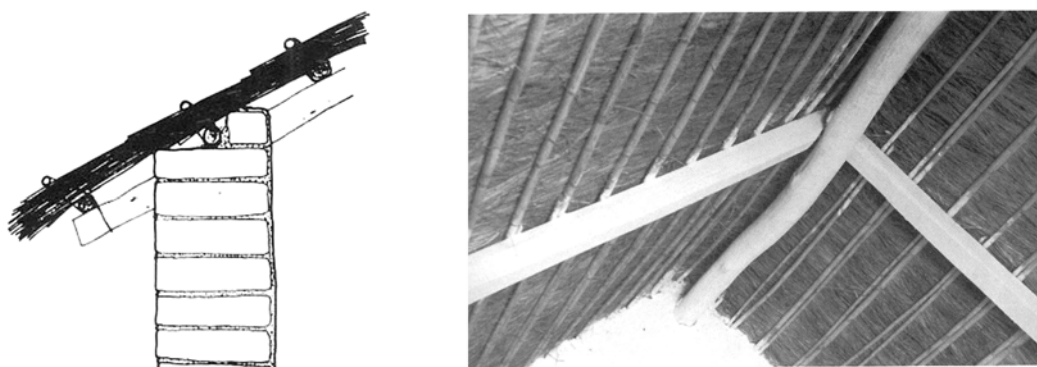


Ilustração 51 – “Construção em Colmo”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.174)

O processo de construção baseia-se na preparação de uma estrutura de madeira, que serve de base ao assentamento do bacejo que é preso com arame ou cordel, colocado, no caso das coberturas, no sentido da pendente e começando o assentamento pela periferia.

Para evitar que a água das chuvas não se infiltre, as camadas de colmo são sobrepostas em cerca de 2/3 do seu comprimento, presas entre si, formando um entrelaçado de colmo com uma espessura considerável para protecção das águas da chuva. No entanto, apesar de todo este engenho, no que diz respeito ao isolamento da água, este processo não é muito eficaz.

No caso das paredes, o assentamento do colmo ou bracejo começa por baixo, depois são pregadas à estrutura ripas exteriores, do que o construtor muitas vezes aproveita para dar o seu próprio efeito decorativo, quer pela disposição das ripas, quer pela caiação.

A característica principal deste tipo de habitação vernacular na zona de estudo, é a simplicidade. O seu exterior revela uma grande pureza de formas e de superfícies e no seu interior domina a simples disposição das peças que o compõe.

Actualmente ainda perdura o velho hábito de construir habitações na costa arenosa, onde é frequentemente utilizado o junto ou estorno. Geralmente, estas casas pertencem a pescadores pobres que vivem da actividade piscatória que prevalece na região da Comporta.

A sua planta é muito simples e geralmente constituída por duas divisões: a da entrada que é utilizada simultaneamente como sala de estar, comer e cozinhar; e o quarto de dormir de toda a família.

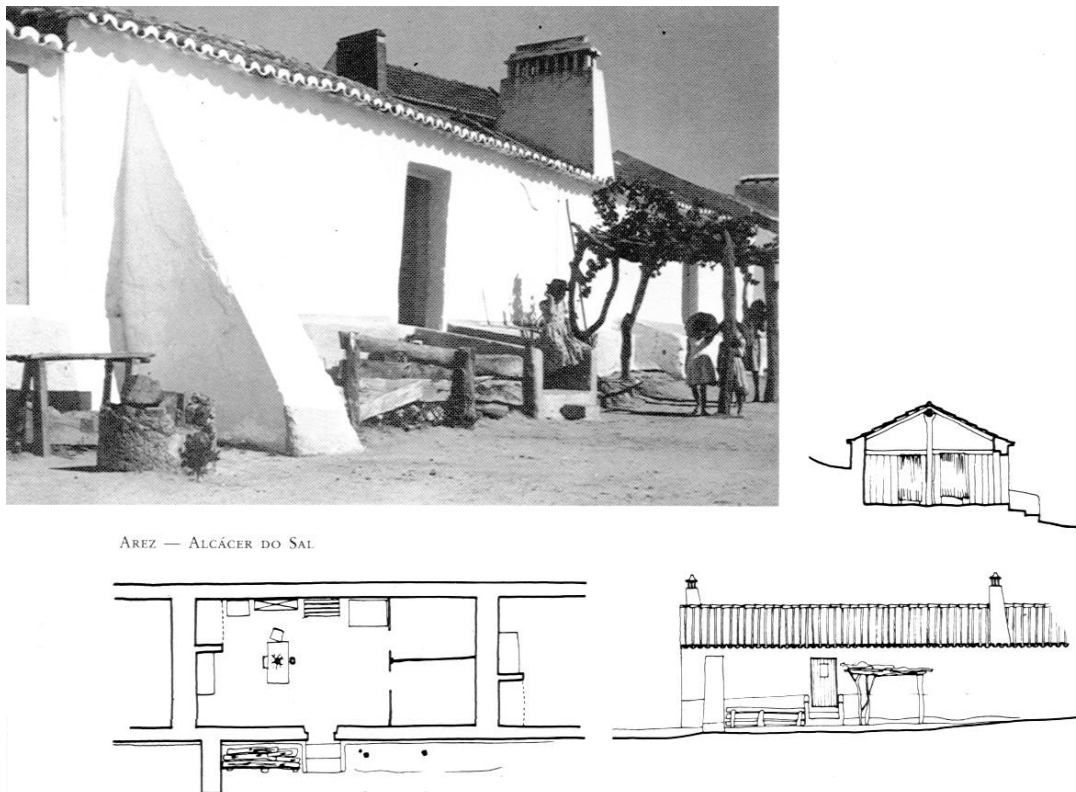
A iluminação interior é obtida através de pequenas janelas abertas nas paredes.



Ilustração 52 – “Habitação de Pescadores na costa arenosa”, Casa Branca, Alcácer do Sal. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.208)

Com a evolução destas construções encontra-se já uma melhoria no tratamento da cozinha uma vez que a necessidade remete para a construção de uma chaminé em alvenaria.

Ainda próximo dos areais, em terras de arrozais e hortas, de grandes propriedades, em pequenos e distanciados povoados, surgem as habitações do Vale do Sado, geralmente de compartimentação muito simples e restrita.



ÁREZ — ALCÁCER DO SAL

Ilustração 53 – “Povoação do Vale do Sado”, Árez, Alcácer do Sal. (Arquitetura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.224)

Dispõe apenas de uma zona principal que serve para cozinhar e comer, e outras duas para dormir. A única abertura é a porta de entrada, que uma vez aberta nos deixa observar todo o interior. No topo do compartimento principal, localizam-se os quartos definidos por frágeis e baixos tabiques. Sem portas, os vãos de acesso aos quartos, são apenas tapados por cortinas. O pavimento é de terra batida e o material utilizado nas paredes é a taipa rebocada e caiada. Exteriormente, volumosos contrafortes consolidam as paredes. A cobertura é de duas águas e em telha.

No Mapa Tipológico do Sul Litoral de Portugal (Ilustração 54), podemos observar dois tipos de habitação mais comuns na zona de estudo: habitação dos Pescadores nas costas arenosas e a habitação em fila das povoações do Vale do Sado, sendo que, no âmbito do desenvolvimento desta Dissertação, nos interessará mais o tipo de habitação dos pescadores, totalmente produzido em materiais leves.

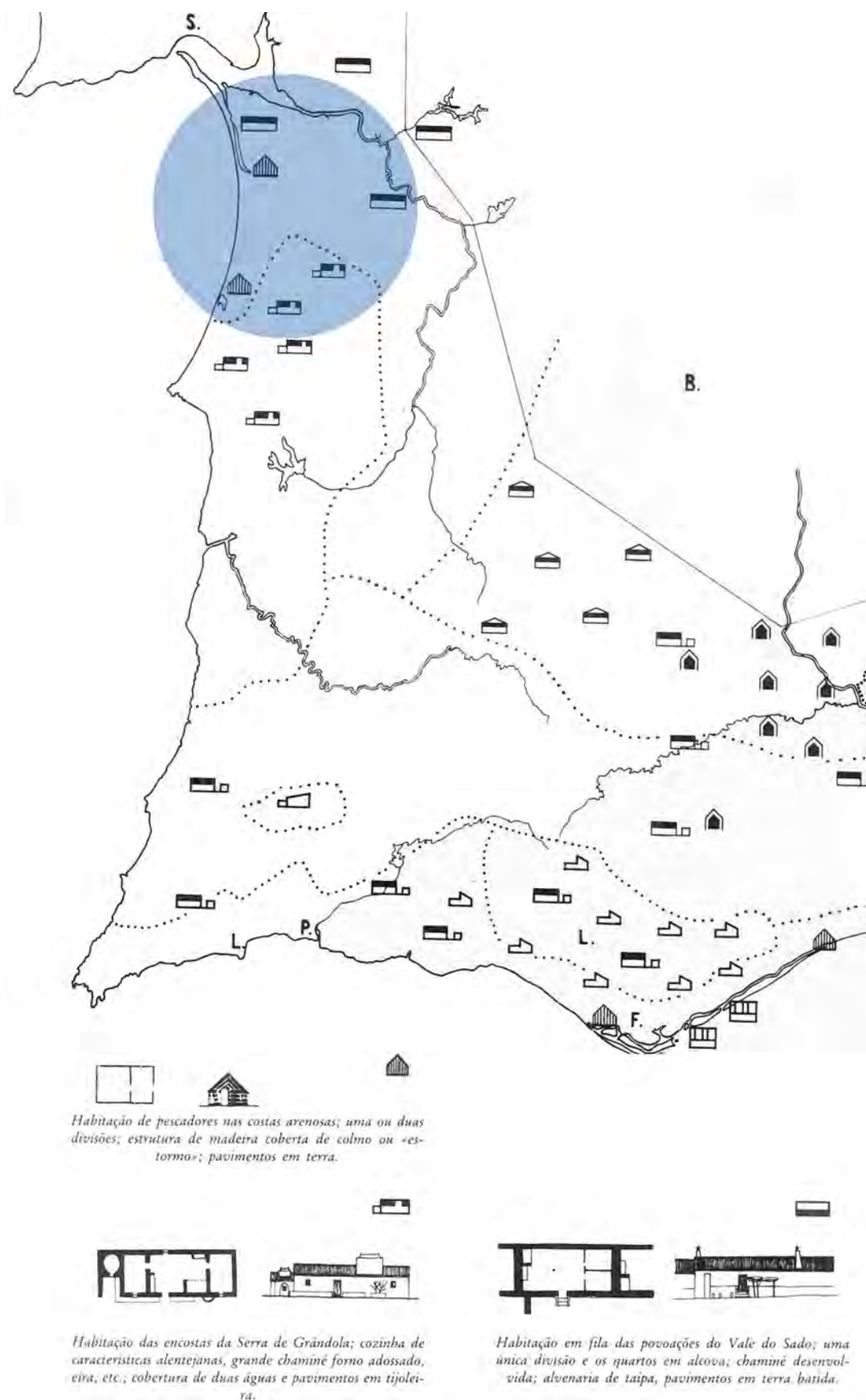


Ilustração 54 – “Mapa Tipológico”. (Arquitectura Popular em Portugal, AMARAL, 1988, p.226-227)

Na zona da Carrasqueira podem ser encontradas as originais cabanas do Estuário do Sado.

Com a cobertura de colmo, paredes revestidas a caniço e estorno e atravessadas por tábuas caiadas, portas e janelas azuis, as cabanas podem variar consoante sirvam para habitar ou guardar alfaias agrícolas.

Quando são de habitação, o material facilmente combustível aconselhou a divisão de duas cabanas por família: a cabana de lume, para cozinhar e tomar refeições, e a cabana grande, com quartos e salas.



Ilustração 55 – “Cabanas dos Pescadores”, Comporta. (Ilustração nossa, 2012)

## 4.2. INTERVENÇÃO À “CASA DA COMPORTA” DE AIRES MATEUS

“Uma casa só de areia, palha e madeira” (Garcia, 2010, Casa Vogue nº304).



Ilustração 56 – “Casa na Comporta” (Ilustração nossa, 2012)

Foi solicitado à dupla de Arquitectos Manuel e Francisco Aires Mateus que recuperassem quatro cabanas de pescadores na Comporta, a cerca de 2,5 km do Cais Palafítico.

O desafio proposto aos Arquitectos era tornar estas cabanas, outrora de pescadores-agricultores em casas de lazer, utilizando materiais da Arquitectura Vernacular, como madeira, alvenaria, caniço e colmo, concretizando uma união de rústico com requintes de modernidade e conforto.

Os Arquitectos Manuel e Francisco Aires Mateus transmitem muito a ideia de aproximação da Arquitectura Popular Portuguesa, mais precisamente a alentejana.

Não operam rupturas, sendo claro o seu fascínio por uma visão retrospectiva e pessoal da história da arquitectura. Esta apropriação da História serve-se do mundo arcaico e das grandes civilizações do passado, como a romana, devidamente filtradas pelo legado à cultura moderna e pós-moderna, ou seja, sem recurso directo a

processos construtivos mas sim, a princípios e valores de tipologia e espaço. Desta influência retiram a ideia de fachada como um limite que tem peso, que divide dois espaços , interior/exterior, que podem ser totalmente distintos.

Acreditam que a presença de uma obra pode valorizar a paisagem, e não o contrário.

Tal como a maioria dos Arquitectos, Manuel e Francisco Aires Mateus seguem um caminho próprio na forma como pensam e trabalham o espaço, que se reflecte nas suas obras, e esta não é excepção.

Para iniciar uma abordagem ao projecto das Casas da Comporta devemos entender a sua envolvente. Encontramo-nos perante uma paisagem em que as dunas, os arrozais, a agricultura, os pinheiros, as pequenas casas, e a povoação humilde que as habitam, lhe conferem um valor cultural.

Com uma visita ao lugar, facilmente entendemos o espaço pelas sensações que ele nos desperta. Silêncio... acordar e ouvir os animais que habitam esta natureza, escutar o vento a passar na vegetação, olhar... observar os caminhos de terra batida que foram marcados pela passagem dos carros e as trilhas de vegetação seca e partida marcadas pela passagem do homem...

Este projecto não tem a ambição de se exibir e saltar à vista, antes pelo contrário, a simplicidade da intervenção torna-a anónima. Pretende-se dar continuidade à paisagem mantendo o tipo de construção existente e preservando o tempo e a memória do lugar.

Quando observamos a paisagem desta zona da Comporta, deparamo-nos com estes abrigos construídos pelos pescadores, que se tornaram parte integrante da mesma. Estas cabanas ou abrigos são elementos que retratam memórias do passado.

Por parte dos arquitectos, a cultura e o tempo do lugar não lhes caiu no esquecimento, bem pelo contrário, as intervenções são contempladas pela preservação duma arquitectura característica do lugar que pretende reinventar a tradição. O que começou por ser um abrigo, uma necessidade, passou a ser uma contemplação da paisagem que se pretende preservar.

A casa está camuflada com a paisagem através de uma arquitectura vernacular composta por quatro volumes, recuperados de construções pré-existentes. Dois em

madeira e dois em alvenaria, que formam um conjunto unificado através da cobertura em colmo.

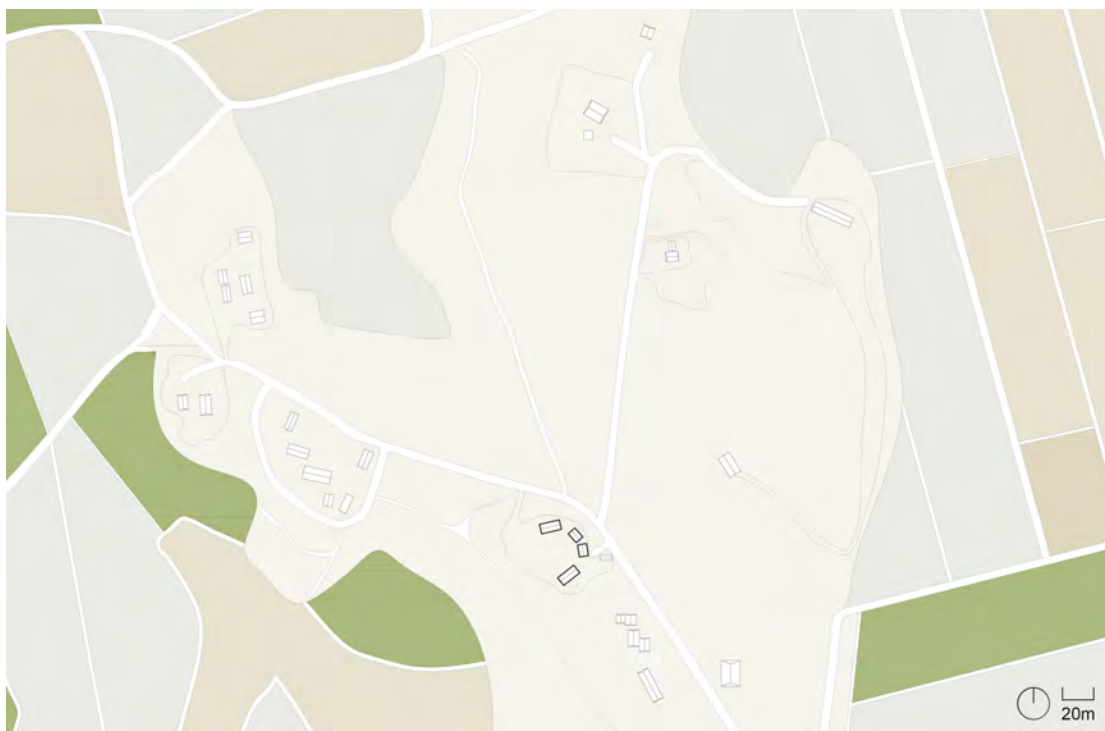


Ilustração 57 – “Implantação da Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012)

A implantação do projecto advém de antigas construções que faziam parte de um conjunto de cabanas habitacionais e de apoio à actividade agrícola que se praticava na propriedade em que se inseriam. Estas casas eram uma construção simples e rudimentar limitadas a responder às necessidades que o tempo lhe ia solicitando. Essas necessidades trouxeram até aos nossos dias construções que no seu interior não tinham qualidade mínima para se poder viver.

Os arquitectos mantêm a implantação original, tratando-a e requalificando-a de acordo com as necessidades actuais, conferindo uma nova utilidade que hoje se reflecte no turismo rural.

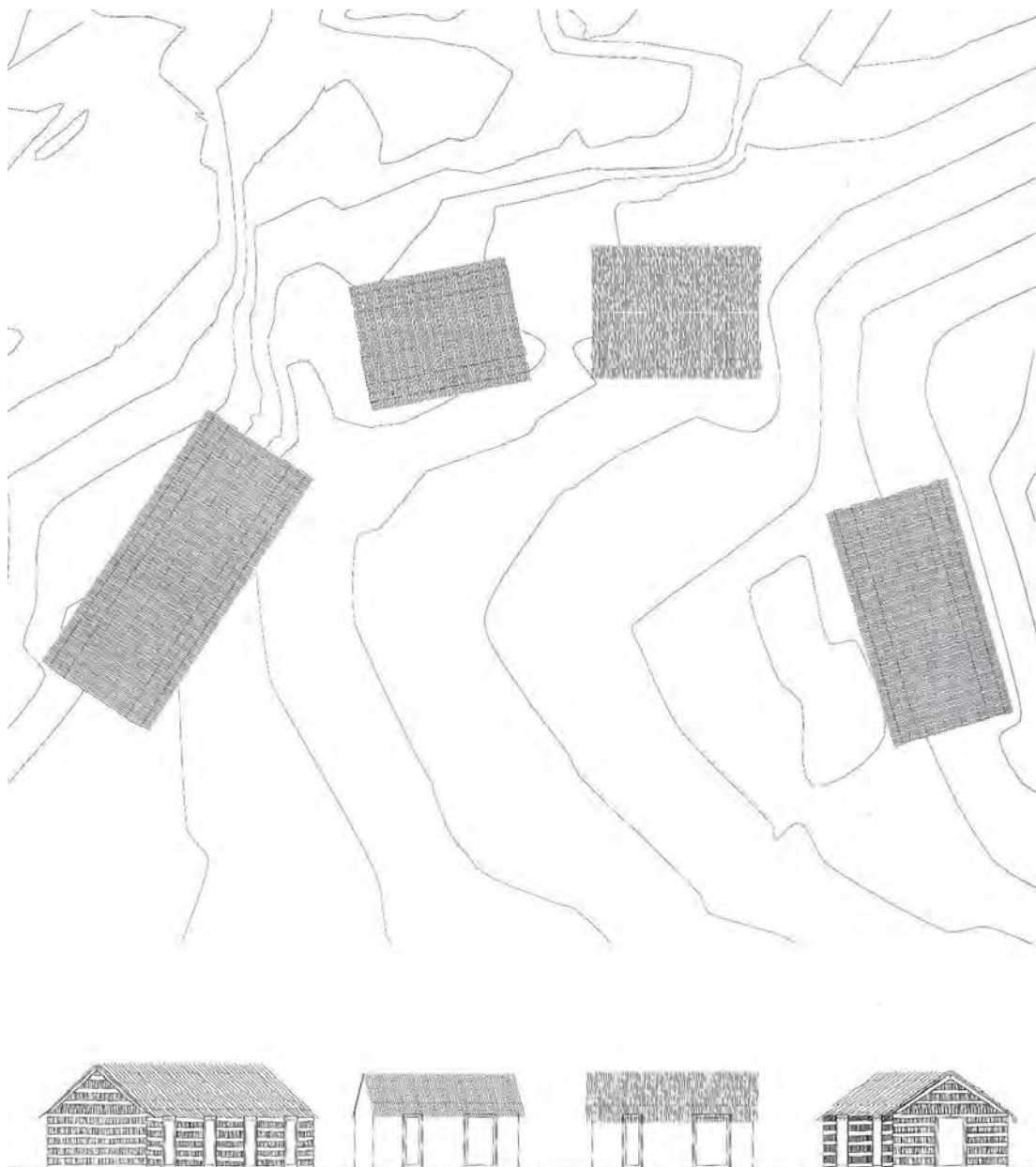


Ilustração 58 – “Implantação e Alçado da Casa na Comporta”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011)

Como é visível nesta imagem, a textura das coberturas características das habitações da Comporta é utilizada em toda a intervenção. Enquanto em planta parecem 4 volumes de materiais uniformes, no alçado é perceptível o uso de técnicas e materiais diferentes que conjugam o existente e o proposto. A relação que se estabelece entre as fachadas e os vãos novos, acentua a marca do tempo.

O processo de composição parte de uma clarificação dos valores existentes no lugar elevados a uma dimensão estruturante e referencial, dentro de uma poética que

conjuga fragmentos e memórias, reorganizando-as dentro de uma lógica integradora de princípios ordenadores do espírito do lugar.



Ilustração 59 – “Planta e Corte das Casa na Comporta”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011)

Esta imagem ilustra a organização espacial do programa adaptado às necessidades contemporâneas.

Os volumes centrais são em alvenaria e destinam-se a suites individuais; um dos volumes em madeira, o mais a norte, para duas suites; e o restante para sala de estar, de jantar e cozinha.

As salas e a cozinha ocupam o volume erguido directamente sobre a areia. Já nos quartos, o piso naturalmente arenoso foi substituído por cimento.

A distribuição é feita pelo espaço exterior, através do areal que liga todas as construções, conferindo aos espaços interiores uma escala invulgar.

“Na divisão do espaço é notável uma característica constante nas suas obras, refiro-me à utilização consciente do quadrado, como volume indispensável da construção. Este predomínio está relacionado com uma forma de perceber as dimensões de um edifício, que passa pelas formas clássicas de um palácio, ou mesmo pelas formas vernaculares da casa-pátio” (Trindade, 2010).

Esta ideia remete para a nova abertura dos vãos, direccionados para um espaço comum central. Na região da Comporta, devido às condições climáticas, em particular, o vento, as aberturas eram direccionadas consoante o programa. Nas casas de trabalho os vãos eram abertos a nascente, e nas casas de lazer a poente. Neste projecto, todos os vãos orientam-se a poente definindo a fachada do espaço de convívio central.



Ilustração 60 - “Pátio - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, 2012)

“Naquele projecto mexíamos no tempo, virando as casas que estavam a nascente, que eram de trabalhadores, a poente. E mexíamos na maneira como se queria usar o tempo da casa. Correu-se o risco, calculado, e acabou por ser uma lição, como são estas coisas que constituem saltos” (Trindade, 2010).

Estes “saltos” traduzem-se num processo evolutivo da concepção do projecto, acompanhando a era em que vivemos e respondendo às necessidades contemporâneas que se reflectem no programa do novo projecto.

Tal como é visível na Ilustração 60, a areia surge como elemento predominante que envolve a habitação. Vislumbra-se uma vontade de predominar uma condição unitária e monolítica dos volumes finais independentemente do que acontece no seu interior ou exterior.

A ideia da construção de limite entre o exterior e o interior é igualmente perseguida pela relação interior/exterior. Esta questão aparece sublinhada na existência de areia no interior de um dos volumes. O volume correspondente à sala de estar e à cozinha. A areia, surge associada ao convívio, tanto no exterior como no interior, realçando esta relação e a sua continuidade.

“A areia dá aos espaços interiores outra escala e o habitar ganha uma poética própria.” (Garcia, 2010, Casa Vogue nº304)



Ilustração 61 – “Sala - Casa na Comporta”. (Garrido, Comporta, 2011)

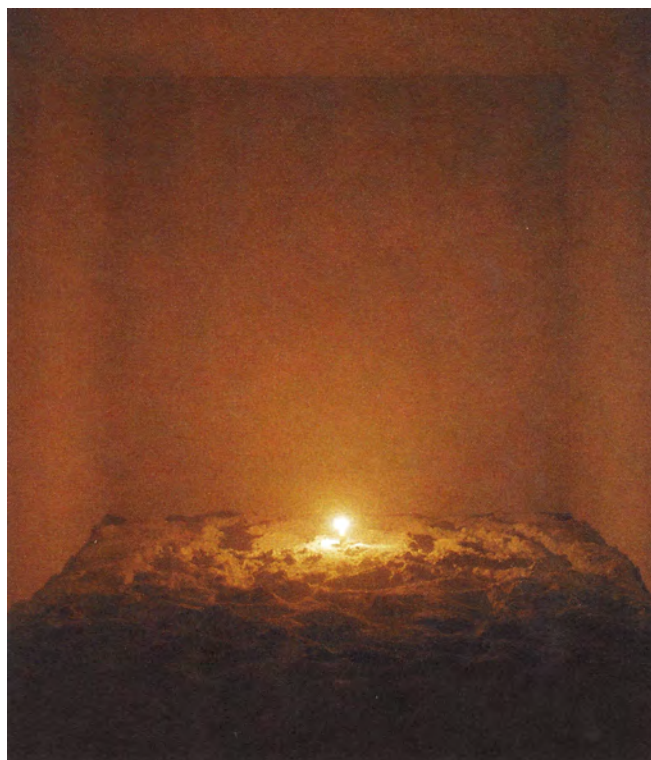


Ilustração 62 – “Volátil: pó de talco, vela, cheiro a gás”. (No place like, Meireles, 1980-84, p. 48)

Numa entrevista realizada para o jornal Público perguntou-se ao Arq.<sup>10</sup> Manuel Aires Mateus o que representou para ele o projecto da casa com o chão de areia, uma vez que este se apresenta como uma coisa completamente diferente do que tinha feito até aqui.

M.A.M.: “A casa do chão de areia aparece em condições especiais. Não faria sentido uma casa com chão de areia em Campo de Ourique. Na verdade, apareceu numa visita à Tate Modern numa exposição do Cildo Meireles. Uma das instalações era uma sala em pó talco com uma vela na ponta. O visitante descalçava-se e andava em cima do pó de talco até chegar à vela. Era uma sensação... reveladora, qualquer coisa de muito diferente. A casa do chão de areia foi construída numa procura de reinventar a tradição. Aceita-la (a tradição daquela construção em madeira e palha), mas reinventa-la.”

Nestas casas o que é procurado e explorado é o espaço que a areia ocupa, uma união, que ao mesmo tempo favorece um espaço interior e amplia a relação que este tem com o exterior, jogando com as nossas percepções. No fundo, é uma ideia muito própria que caracteriza a vivência de um espaço quase sem limite.

Segundo Delfim Sardo<sup>20</sup> em Aires Mateus, o trabalho realizado pelos Arquitectos tem uma influência do Barroco, materializada na procura de provocação de sentimentos nas pessoas que a vivenciam, na busca de contrastes e liberdade espacial. Nas suas obras, esta ideia é personificada na criação de surpresa que cada uma delas gera, tratando-se de um espaço que vai sendo desvendado ao longo do desenvolvimento da acção, como um espectáculo.

A cor branca é uma constante nas casas desenhadas pelos Arquitectos Aires Mateus, onde a disposição espacial cria o contraste luz/sombra, contribuindo para o factor surpresa.

Também neste projecto, à excepção do volume com chão de areia, todos os interiores são brancos. Esta decisão projectual, poderá ser justificada pela ambiência particular que encontramos em cada volume.

A sala, onde o chão é de areia, remete funcionalmente para um ambiente familiar. No passado o trabalho era em família, o trabalho era no exterior, quer no mar, quer em terra, o que vem fortalecer esta ideia do interior “ser” exterior e, levar-nos à contemplação de uma paisagem que fazia parte do ambiente familiar.

Os quartos, com vivências mais individuais, reflectem uma imagem em termos de materialidade e organização especial, mais contemporânea.

---

<sup>20</sup> Delfim Sardo (1962 - ) curador, docente universitário e ensaísta, actualmente Coordenador Executivo da Comissão Instaladora do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Desde 1990 dedica-se à curadoria de arte contemporânea e à ensaística sobre arte. De 2003 a 2005 foi Director do Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém, Lisboa. Foi fundador e director da revista Pangloss. Entre 1997 e 2003 foi Consultor do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1999 foi o Comissário da Representação Portuguesa à 48ª Bienal de Veneza.

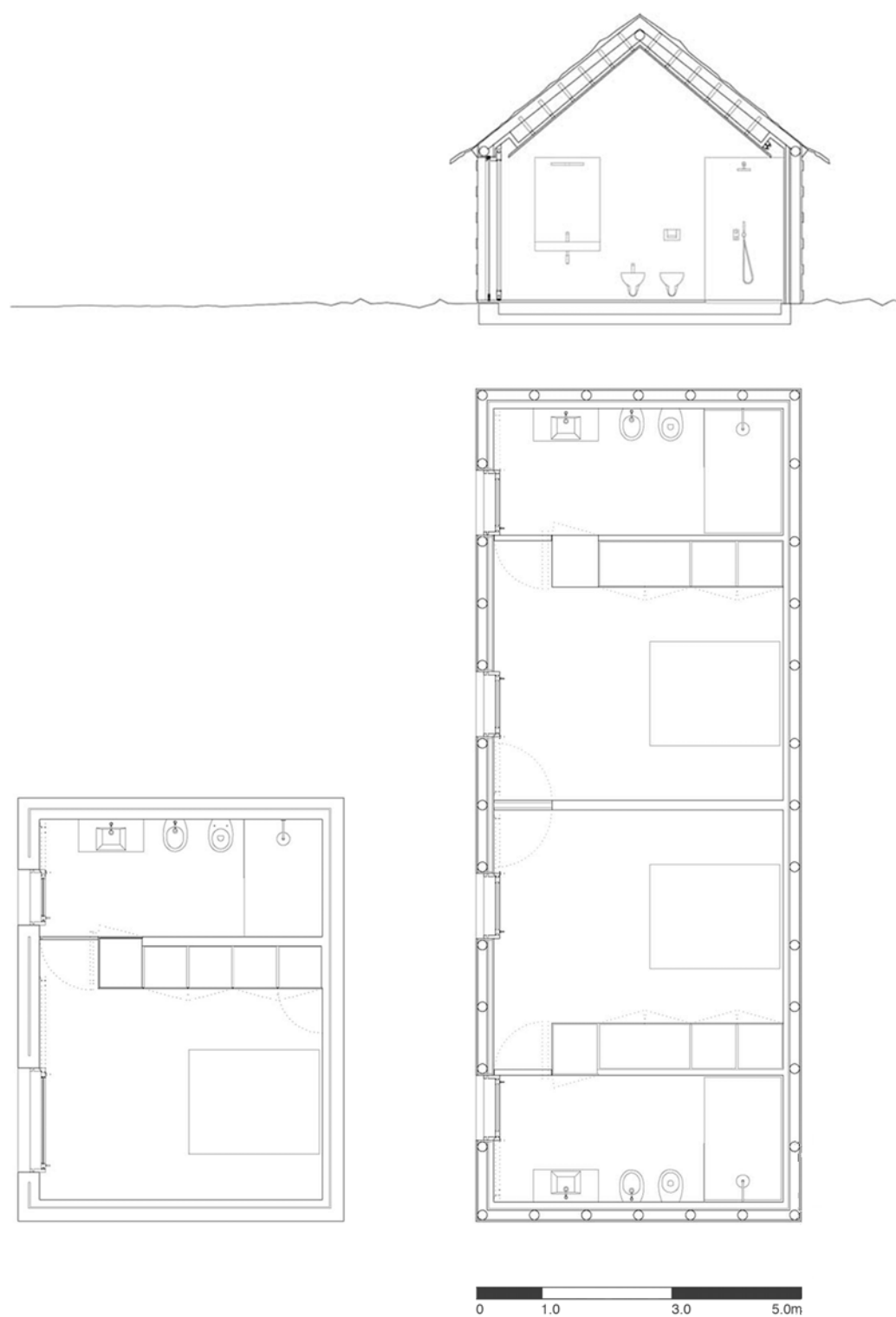


Ilustração 63 – “Quartos: Planta Suite | Planta e Corte Volume em caniço”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011)



Ilustração 64 – “Interior - Casa na Comporta”. (Garrido, Comporta, 2011)

O espaço interior enquadra-se no movimento moderno, em que a linguagem transmitida por parte do arquitecto é formal precisa e simples, sendo destituída de ostentação.

No interior das casas o desenho é simples prevalecendo a harmonia do lugar. A simplicidade interior faz destacar o exterior levando à sua vivência e contemplação da beleza da paisagem.



Ilustração 65 – “Paisagem - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

O tratamento do exterior segue obviamente as linhas mais tradicionais. As fachadas têm os mesmos materiais que a paisagem envolvente passando facilmente despercebidas.



Ilustração 66 – “Exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

Também o mobiliário exterior, ao contrário do interior que apresenta linguagem contemporânea, quase se perde na paisagem. Este é o caso dos bancos em madeira ou os troncos de árvore que por vezes escondem tomadas de fichas eléctricas.



Ilustração 67 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

A própria localização do mobiliário remete para uma vivência do exterior e da paisagem sem elementos que se assumam ou se destaquem, mantendo a tranquilidade do lugar.



Ilustração 68 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)



Ilustração 69 – “Mobiliário exterior - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

“Esta casa une areia, palha, madeira e poesia à ideia de viver bem com o mínimo”  
(Garcia, 2010, Casa Vogue nº304).



Ilustração 70 - “Areia, palha e madeira” - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

Após uma análise detalhada do projecto e seus pormenores construtivos, juntando ainda algumas pistas até agora reveladas pelos autores, elaborei dois esquemas que pretendem resumir, comparar e chegar a conclusões sobre o existente no passado e o existente no presente:

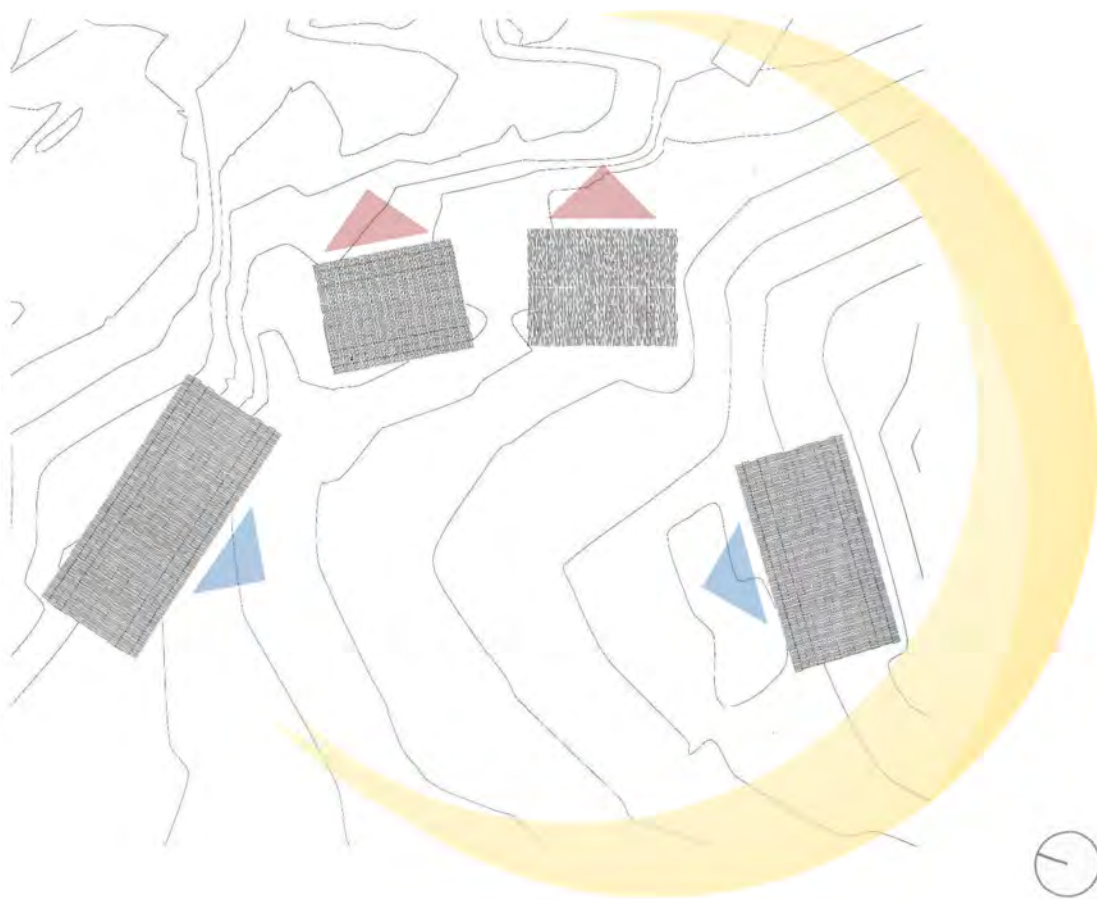


Ilustração 71 – "Orientação das Cabanas no Passado", Esquema interpretativo com base na Ilustração 58. (Ilustração nossa, 2012)

Como ilustra o esquema, as casas de trabalho estavam viradas a nascente e correspondem aos volumes de alvenaria, já as casas de lazer estavam viradas a poente e correspondem aos volumes de palha. Esta distribuição faz todo o sentido dado o movimento do sol. Quando o sol nasce ilumina as casas destinadas ao ofício criando boas condições de trabalho. Quando o sol se põe ilumina as zonas de lazer.

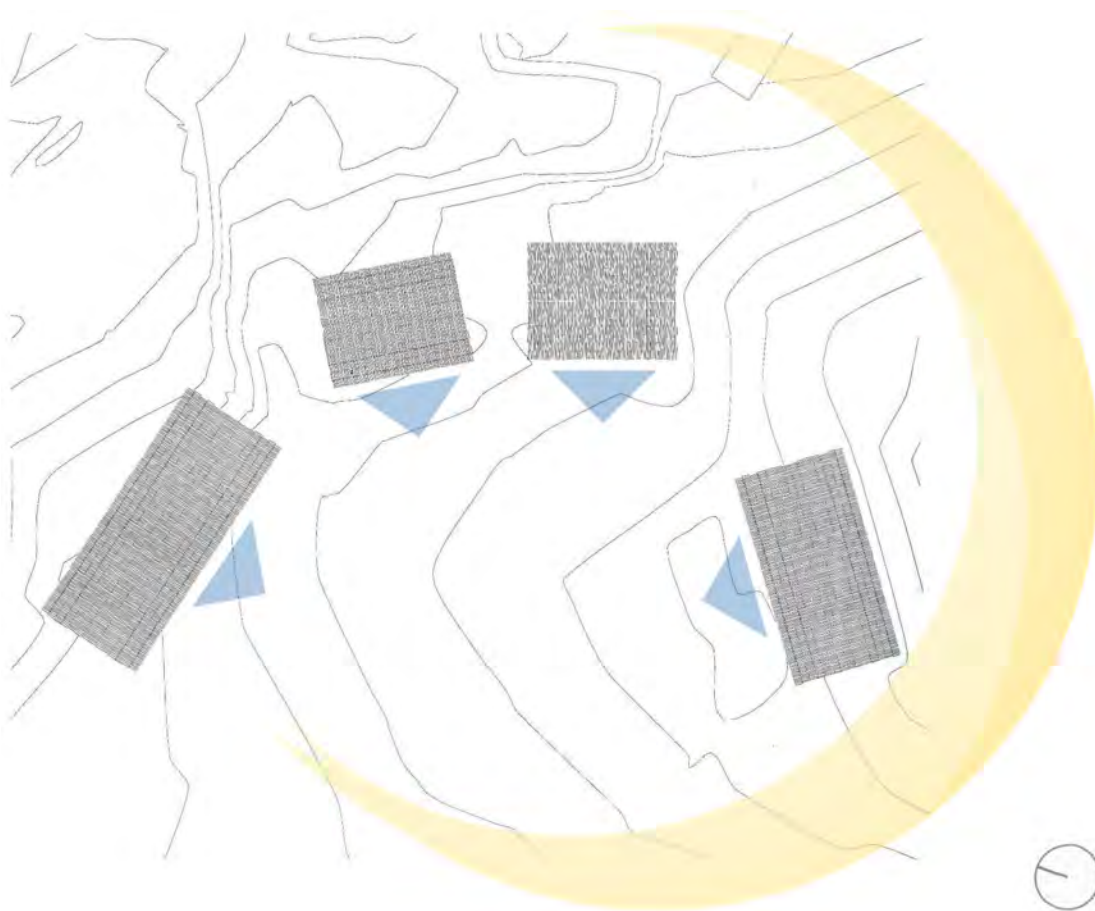


Ilustração 72 – “Orientação das Cabanas no Presente”, Esquema interpretativo com base na Ilustração 58. (Ilustração nossa, 2012)

Na adaptação dos novos usos, os quatros volumes destinam-se ao lazer, sendo portanto virados a poente. Esta situação reflectir-se-á nas técnicas e pormenores construtivos utilizados nesta intervenção.

Este facto explica a afirmação do arquitecto Francisco Aires Mateus: “Houve ali muitas descobertas. Há campos com os quais começamos a trabalhar que estavam além daquilo que eram as nossas preocupações. O Manuel explicou a ideia da Casa da Comporta, através do processo de inversão do tempo (porque ele se inverte nas aberturas das casas, na materialidade, no processo construtivo): seriam temas que não nos passariam pela cabeça antes” (Mateus, 2010).

Isso mesmo se sente através de uma análise detalhe do processo construtivo de cada volume:

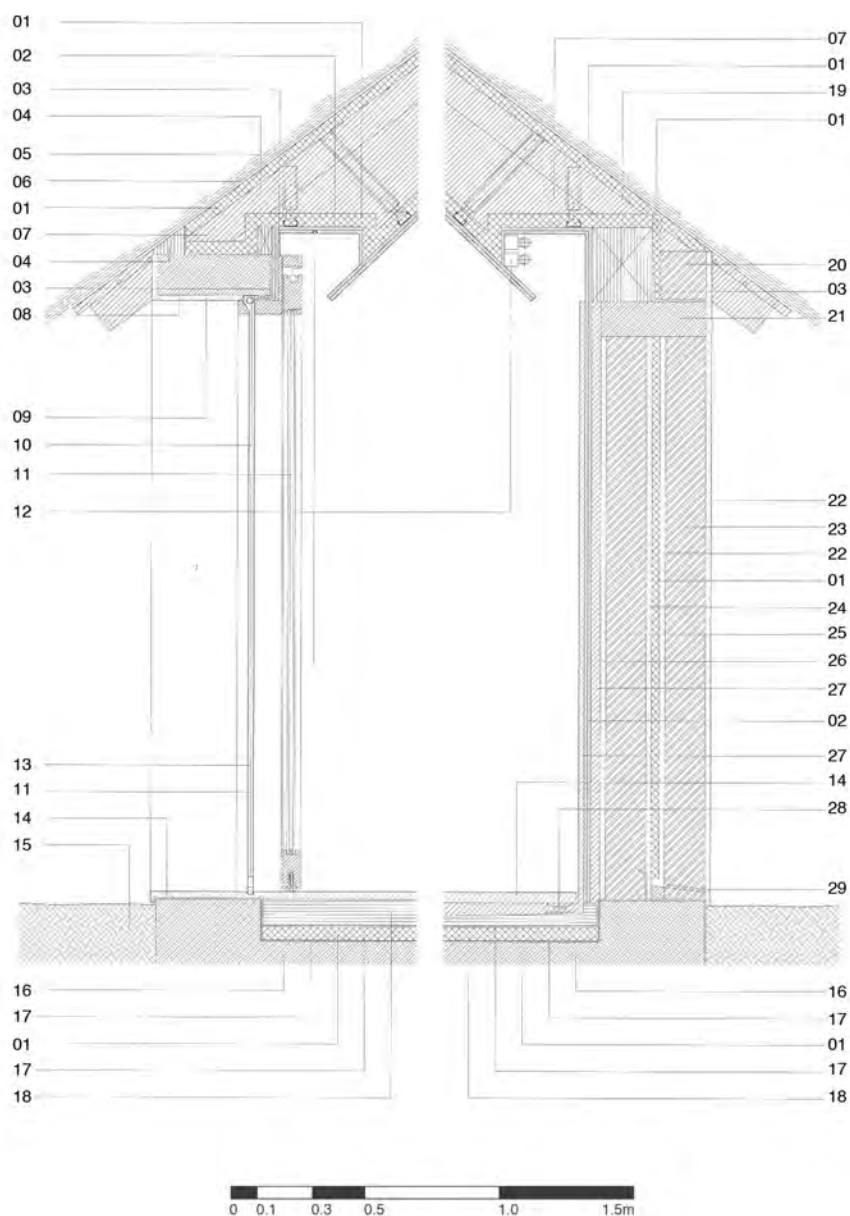


Ilustração 73 – “Detalhe – Volumes Suite”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011)

Legenda:

- |                                                                                  |                                                  |                                                                                   |
|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Isolamento térmico                                                            | 15. Terreno vegetal                              | 31. Lintel em madeira maciça                                                      |
| 2. Placa de gesso cartonado                                                      | 16. Laje em betão armado                         | 32. Caniço                                                                        |
| 3. Perfil de aço                                                                 | 17. Tela impermeabilizante                       | 33. Remate em madeira maciça de carvalho                                          |
| 4. Apoio em madeira                                                              | 18. Enchimento em betão leve                     | 34. Caixilho de correr em madeira maciça de carvalho com vidro duplo de segurança |
| 5. Telhado em colmo                                                              | 19. Viga em madeira                              | 35. Estrutura em madeira forrada a caniço                                         |
| 6. Chapa metálica zincada, ondulada                                              | 20. Enchimento em alvenaria                      | 36. Viga existente em madeira                                                     |
| 7. Estrutura em madeira                                                          | 21. Viga de amarração perimetral em betão armado | 37. Pré aro em madeira                                                            |
| 8. Lintel em betão armado                                                        | 22. Reboco existente                             | 38. Madeira existente                                                             |
| 9. Reboco estanhado pintado de branco                                            | 23. Parede existente                             | 39. Soleira em madeira maciça de carvalho                                         |
| 10. Rede mosquiteira em rolo                                                     | 24. Caixa de ar                                  | 40. Betão leve com sistema de aquecimento                                         |
| 11. Caixilho de correr em madeira pintado de branco com vidro duplo de segurança | 25. Parede nova em alvenaria                     | 41. Areia solta                                                                   |
| 12. Lâmpadas fluorescentes                                                       | 26. Perfil ómega                                 | 42. Isolamento térmico existente                                                  |
| 13. Guia lateral para rede mosquiteira                                           | 27. Pedra mármore branco, amaciado               |                                                                                   |
| 14. Betonilha afagada                                                            | 28. Apoios reguláveis                            |                                                                                   |
|                                                                                  | 29. Tubo ladrão                                  |                                                                                   |
|                                                                                  | 30. Calha para cortina                           |                                                                                   |

Esta imagem corresponde a um volume que antigamente se destinava ao trabalho, e hoje contém um programa de lazer: um quarto e uma casa de banho.

Neste detalhe construtivo os elementos que prevalecem da construção antiga são o telhado em colmo, e parte da sua estrutura em madeira e a parede simples de alvenaria rebocada a branco.

Fazendo a leitura do detalhe construtivo da direita para a esquerda temos reboco existente – parede existente – reboco existente – isolamento térmico. Este isolamento foi posteriormente adicionado pelos arquitectos seguido por uma caixa de ar e de uma nova camada de alvenaria, que para além de ser base do revestimento utilizado no interior vem conferir a este espaço condições habitacionais.

Os revestimentos interiores das paredes são em gesso cartonado pintado de branco e em mármore branco amaciado. Para o pavimento os arquitectos utilizam betonilha afagada. Juntamente com o vidro estes novos materiais vem conferir ao espaço interior uma imagem simples e pura que se relacionam muito bem com o tradicional. Dando continuidade a imagem pura do exterior.



Ilustração 74 – “Volumes Suite - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

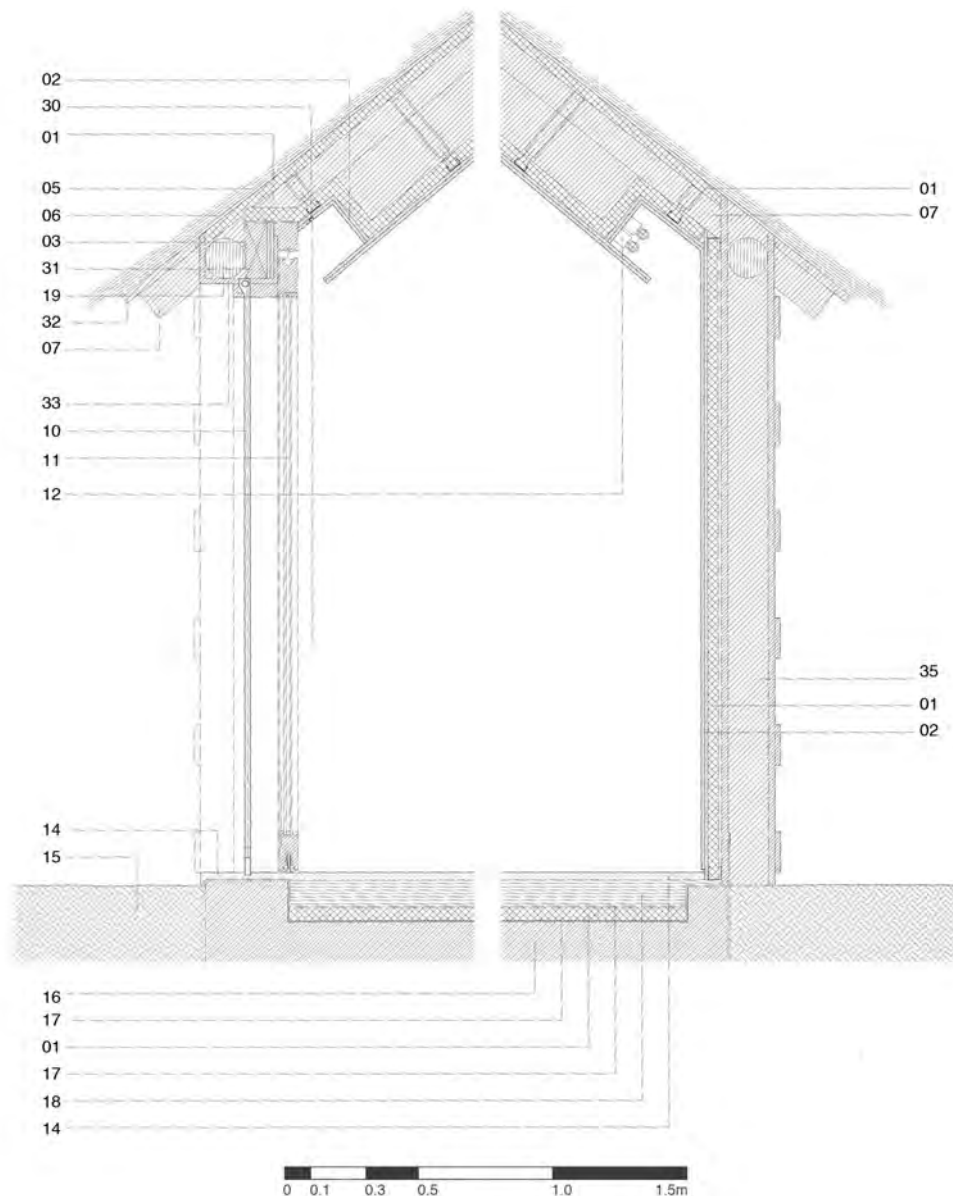


Ilustração 75 – “Detalhe – Volume em caniço - Quartos”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011)

Legenda:

- |                                                                                        |                                                     |                                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Isolamento térmico                                                                  | 15. Terreno vegetal                                 | 32. Caniço                                                                              |
| 2. Placa de gesso cartonado<br>hidrófugo pintado de branco                             | 16. Laje em betão armado                            | 33. Remate em madeira maciça de<br>carvalho                                             |
| 3. Perfil de aço                                                                       | 17. Tela impermeabilizante                          | 34. Caixilho de correr em madeira<br>maciça de carvalho com vidro<br>duplo de segurança |
| 4. Apoio em madeira                                                                    | 18. Enchimento em betão leve                        | 35. Estrutura em madeira forrada a<br>caniço                                            |
| 5. Telhado em colmo                                                                    | 19. Viga em madeira                                 | 36. Viga existente em madeira                                                           |
| 6. Chapa metálica zincada, ondulada                                                    | 20. Enchimento em alvenaria                         | 37. Pré aro em madeira                                                                  |
| 7. Estrutura em madeira                                                                | 21. Viga de amarração perimetral em<br>betão armado | 38. Madeira existente                                                                   |
| 8. Lintel em betão armado                                                              | 22. Reboco existente                                | 39. Soleira em madeira maciça de<br>carvalho                                            |
| 9. Reboco estanhado pintado de<br>branco                                               | 23. Parede existente                                | 40. Betão leve com sistema de<br>aquecimento                                            |
| 10. Rede mosquiteira em rolo                                                           | 24. Caixa de ar                                     | 41. Areia solta                                                                         |
| 11. Caixilho de correr em madeira<br>pintado de branco com vidro duplo<br>de segurança | 25. Parede nova em alvenaria                        | 42. Isolamento térmico existente                                                        |
| 12. Lâmpadas fluorescentes                                                             | 26. Perfil ómega                                    |                                                                                         |
| 13. Guia lateral para rede mosquiteira                                                 | 27. Pedra mármore branco, amaciado                  |                                                                                         |
| 14. Betonilha afagada                                                                  | 28. Apoios reguláveis                               |                                                                                         |
|                                                                                        | 29. Tubo ladrão                                     |                                                                                         |
|                                                                                        | 30. Calha para cortina                              |                                                                                         |
|                                                                                        | 31. Lintel em madeira maciça                        |                                                                                         |

Este volume antigamente destinado ao lazer e actualmente mantendo a natureza do programa, constituído por dois quartos e duas casas banhos preserva a sua imagem exterior: cobertura em colmo e paredes de madeira forradas a caniço.

No interior é colocado isolamento térmico, e placas em gesso cartonado pintadas de branco. O pavimento é revestido a betonilha afagada. Estes traduzem-se numa imagem de interior confortável



Ilustração 76 – “Volume Quartos - Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

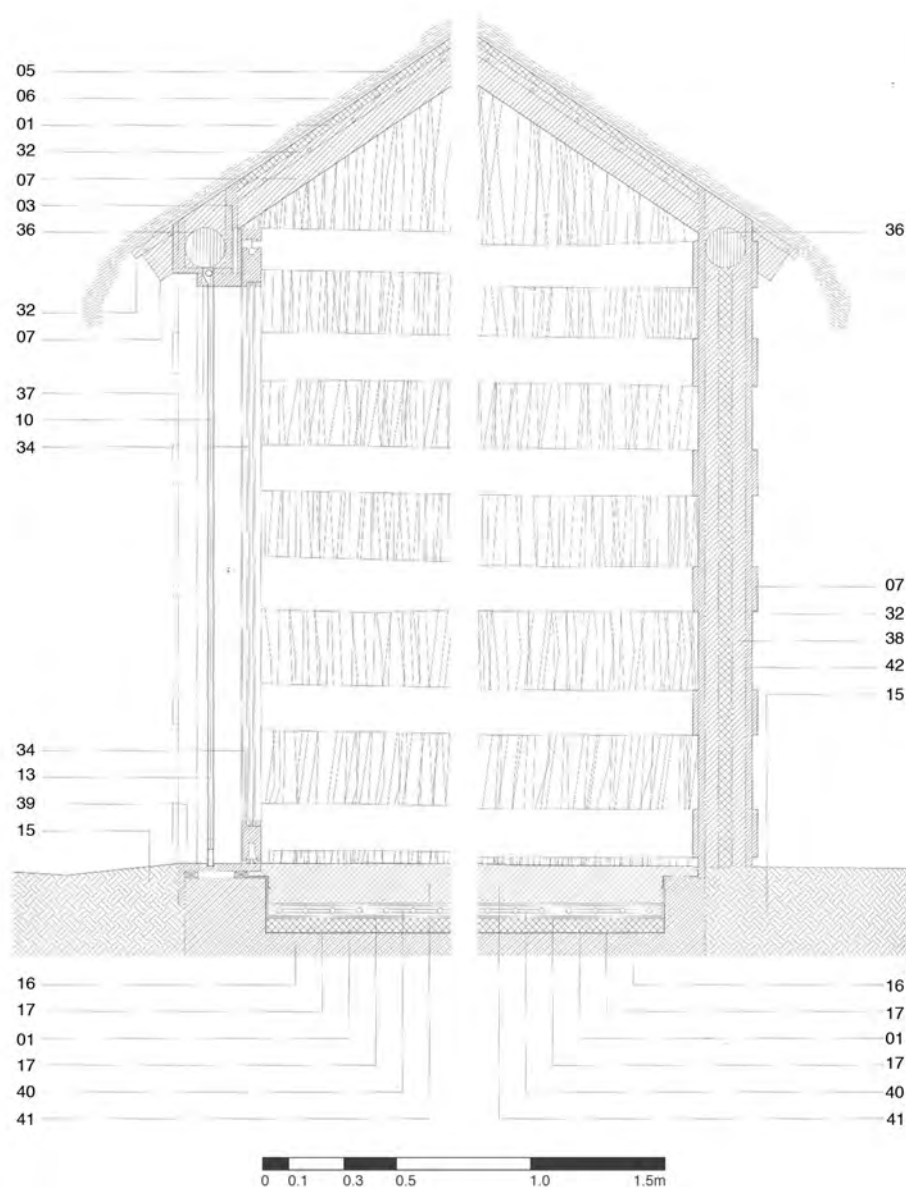


Ilustração 77 – “Detalhe – Volume em caniço – Sala”. (Publicado no Archdaily, MATEUS, 2011)

Legenda:

- |                                                                                  |                                                  |                                                                                   |
|----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Isolamento térmico                                                            | 15. Terreno vegetal                              | 32. Caniço                                                                        |
| 2. Placa de gesso cartonado hidrófugo pintado de branco                          | 16. Laje em betão armado                         | 33. Remate em madeira maciça de carvalho                                          |
| 3. Perfil de aço                                                                 | 17. Tela impermeabilizante                       | 34. Caixilho de correr em madeira maciça de carvalho com vidro duplo de segurança |
| 4. Apoio em madeira                                                              | 18. Enchimento em betão leve                     | 35. Estrutura em madeira forrada a caniço                                         |
| 5. Telhado em colmo                                                              | 19. Viga em madeira                              | 36. Viga existente em madeira                                                     |
| 6. Chapa metálica zincada, ondulada                                              | 20. Enchimento em alvenaria                      | 37. Pré aro em madeira                                                            |
| 7. Estrutura em madeira                                                          | 21. Viga de amarração perimetral em betão armado | 38. Madeira existente                                                             |
| 8. Lintel em betão armado                                                        | 22. Reboco existente                             | 39. Soleira em madeira maciça de carvalho                                         |
| 9. Reboco estanhado pintado de branco                                            | 23. Parede existente                             | 40. Betão leve com sistema de aquecimento                                         |
| 10. Rede mosquiteira em rolo                                                     | 24. Caixa de ar                                  | 41. Areia solta                                                                   |
| 11. Caixilho de correr em madeira pintado de branco com vidro duplo de segurança | 25. Parede nova em alvenaria                     | 42. Isolamento térmico existente                                                  |
| 12. Lâmpadas fluorescentes                                                       | 26. Perfil ómega                                 |                                                                                   |
| 13. Guia lateral para rede mosquiteira                                           | 27. Pedra mármore branco, amaciado               |                                                                                   |
| 14. Betonilha afagada                                                            | 28. Apoios reguláveis                            |                                                                                   |
|                                                                                  | 29. Tubo ladrão                                  |                                                                                   |
|                                                                                  | 30. Calha para cortina                           |                                                                                   |
|                                                                                  | 31. Lintel em madeira maciça                     |                                                                                   |

Este volume é o menos trabalhado a nível formal mas mais rico conceptualmente. Sendo ele de lazer e permanecendo intacto em relação a sua função, transpõe a sua fachada exterior para dentro, criando a sensação de um interior lá fora. A areia que surge como pavimento desta divisão reafirma a ideia de continuidade do espaço para o exterior. Esta técnica construtiva torna-se uma provocação dos conceitos de limite e de fachada.



Ilustração 78 – “Interior|Exterior – Casa na Comporta”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

“Uma fachada não é uma lâmina, constitui um campo entre dois limites, um com o interior e outro com o exterior, coincidentes ou não. O que nos interessa é como actuar operativamente entre dois limites” (Mateus, 2004, p.39-45).

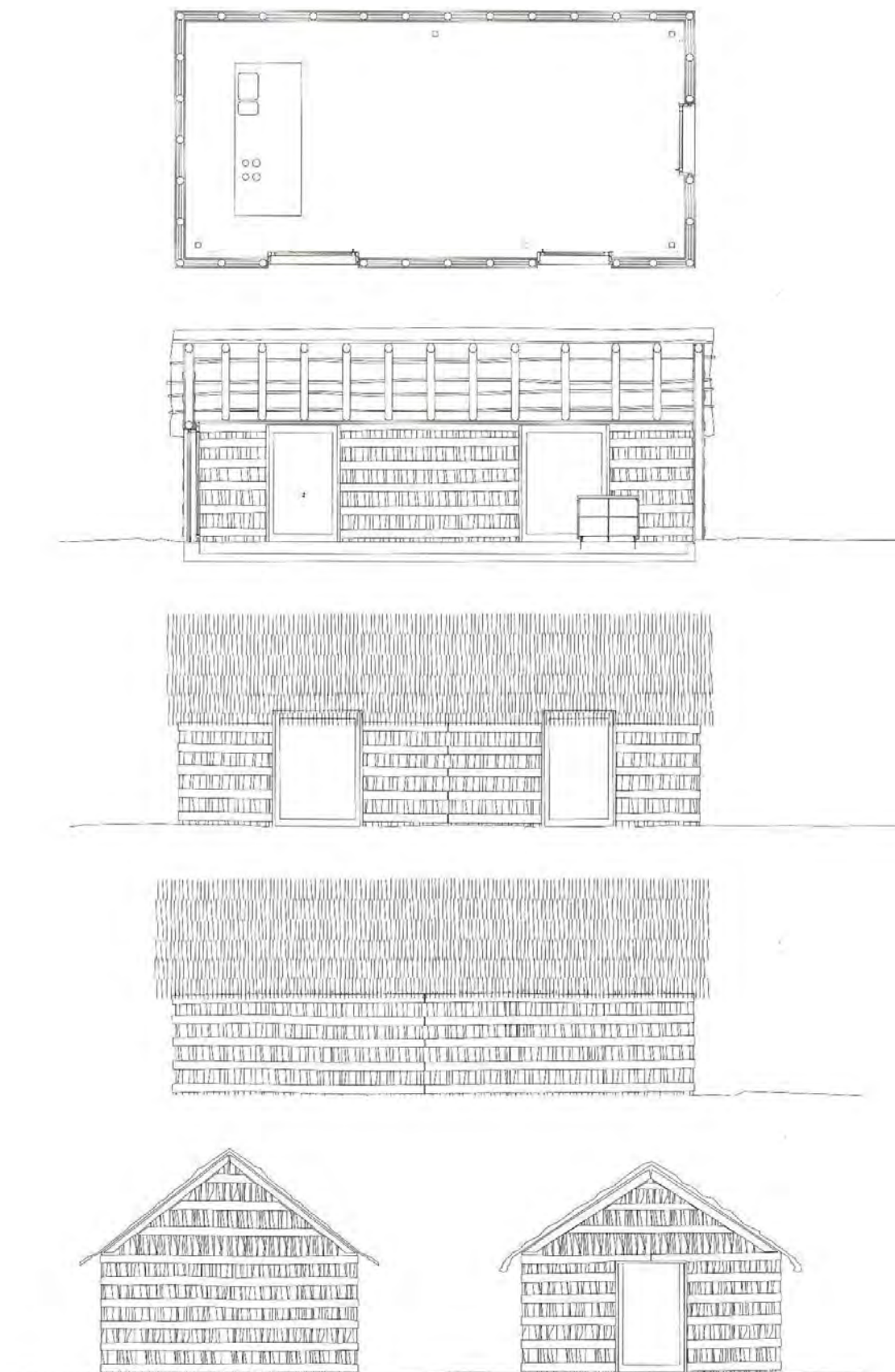


Ilustração 79 – “Volume em caniço – Sala e Cozinha”. (Arquitectura Ibérica, MATEUS, 2011)

Através dos pormenores construtivos já existentes, os arquitectos assimilam conhecimentos dos materiais característicos do lugar, procurando evidência-los a um nível conceptual.

Esta casa é uma referência arquitectónica da Comporta. Valoriza o lugar pela sua permanência inalterada, a sua memória prevalece, através de uma adaptação da forma de construção da paisagem. A história deste lugar é revitalizada. A identidade do lugar é mantida e respeitada.

Podemos ainda dizer que a simplicidade do desenho das casas está associada ao comportamento e ao pensamento das pessoas da zona rural, tendo o enquadramento adequado ao local em que existe, tal como acontece nas palafitas – a “desorganização” já referida.

Este projecto tem implícito, por parte do arquitecto, um gesto critico e poético, não pela sua implantação ou uso de materiais, mas por achar que o existente é importante manter, apesar de ter sido construído com intuito de abrigo, a sua forma segue a função, o seu processo construtivo está adequado ao clima e ao lugar, os materiais utilizados para esta construção são próprios do local e fazem parte da sua identidade.



Ilustração 80 – “A Casa e a Envolvente”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

Com a intervenção do arquitecto a ideia do que existia não se perde, antes pelo contrário, as casas continuam a ser um abrigo. Hoje, este abrigo tem implícita uma contemplação da paisagem, uma paisagem que é o projecto. Sem a paisagem ele não faria sentido.

### 4.3. CURTA-METRAGEM “CASA NA COMPORTA” DE JOÃO SALAVIZA

No âmbito da Bienal de Arquitectura de Veneza em 2010, surge uma curta metragem que tem como intenção a apresentação do projecto da “Casa na Comporta” dos Arquitectos Aires Mateus.

Uma vez que a arquitectura não vive sozinha, tornava-se interessante haver por parte de outras artes interpretações deste projecto arquitectónico.

Ainda mais interessante se torna quando a curta metragem, ao apresentar o projecto seleccionado, remete também para os Pescadores da Carrasqueira e para toda a Paisagem envolvente.

Numa primeira abordagem, rapidamente se identificam dois sujeitos: o Martinho que representa a cultura moderna/contemporânea na pele do turista; e o Pescador Germesindo que representa a cultura do passado.

A curta metragem tem início no centro da casa – o pátio de areia, num cenário que descreve um momento sossegado e calmo da paisagem, onde Martinho aproveita para relaxar.

Já Germesindo está no Cais Palafítico a preparar-se para um dia de pesca, onde o desgaste do sol e do mar é nítido no seu rosto e mãos.

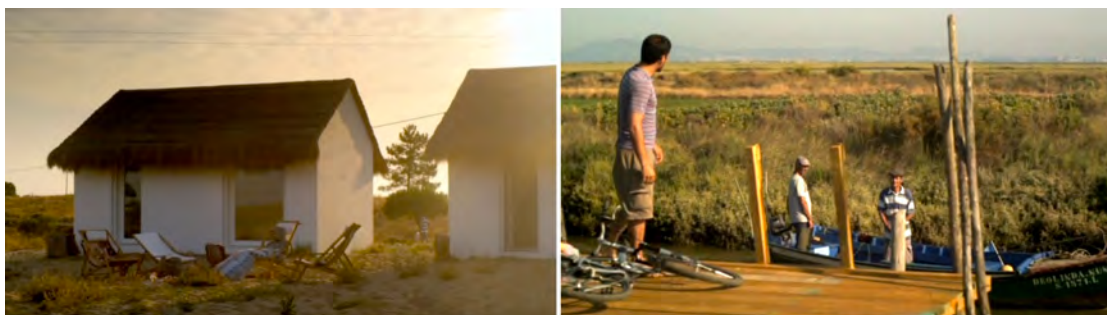


Ilustração 81 – “A Casa e o Cais”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.0 e min.4)

Esta paisagem remete-nos para um conjunto de formas que exprimem as heranças das sucessivas relações entre o Homem e a Natureza.

Enquanto Martinho passa o dia na praia usufruindo dos mergulhos no mar e da areia quente para descontrair, Germesindo pesca debaixo de um sol abrasador, na tentativa de trazer subsistência para a sua família.



Ilustração 82 – “A Praia e a Pesca”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.6 e min.5)

Na Comporta, existe uma diversidade de paisagem que se perde ao olhar. Partindo do interior, de uma paisagem rural, agrícola, onde se insere o projecto, passamos pelo Cais Palafítico, onde toda aquela vegetação (gramíneas, arbustos de pequeno porte, a morraça, o junto e a tamargueira) cobre o lodo que sustenta as estacas de madeira, que permite à maré levar os barcos para um horizonte longínquo, e finalmente, numa cena paralela, encontramos as dunas e os vastos areiais da Comporta, banhados pela água salgada do oceano, que não tem fim.

Para a apresentação/explicação do projecto da Casa da Comporta, o cineasta tem a preocupação de dar a conhecer ao público a sua envolvente, não só em termos visuais, como ao nível das vivências, isto é, da cultura e quotidiano dos seus habitantes. Assim, através das personagens Martinho e Germesindo, o autor dá-nos a conhecer diferentes tipos de quotidiano, que curiosamente se vêem a convergir.

Na curta-metragem, quando os personagens regressam a casa, encontram-se e Germesindo, na sua carrinha de caixa aberta oferece boleia a Martinho, que se senta junto dos utensílios de pesca já com grande desgaste e cobertos de lodo. A ocasião, e a expressão utilizada pelos actores remete para um habitar comum, quase como se morassem na mesma casa.



Ilustração 83 – “Vai para casa?”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.9 e min.10)

É aqui, que o Germesindo representante da história do lugar, conta a Martinho como “era antigamente”. A sua maneira de expressar é rural, sendo difícil entender o que diz, mas nota-se que Germesindo é uma pessoa honesta, humilde e disponível para ajudar. Explica a Martinho como era a vida do povo da Comporta, e como se adaptaram às alterações dos novos tempos.



Ilustração 84 – “Partilha de conhecimentos”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.11 e min.12)

Ao longo do caminho de estradas alcatroadas envoltas de sobreiros densos que se fundem com campos agrícolas, com hortas e vastos arrozais, onde os caminhos são em terra batida e difícil acesso, Germesindo e Martinho finalmente chegam à Casa da Comporta. Dada a cumplicidade de ambos, Martinho convida Germesindo para jantar. Melhor que um pescador para fazer umas sardinhas na brasa não podia haver.



Ilustração 85 – “A chegada a Casa”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.14)

Juntos fazem o jantar num cenário que traduz a paisagem da Comporta, de calma e descontração, expresso na forma como Martinho e Germesindo preparam o jantar, em permanente contemplação da paisagem. Germesindo mesmo depois de um dia de trabalho aproveita para se divertir e usa o seu acordeon para tocar. Já Martinho, ao som desta música, cansado do dia de praia, aproveita para apreciar o que de melhor tem a natureza, a liberdade de pensamentos.



Ilustração 86 – “O convívio”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.15 e min.18)

Apesar de ambos, terem inícios de dia distintos, têm o mesmo final. O tempo passa, os hábitos alteram-se, mas o “cenário” (paisagem) mantém-se.



Ilustração 87 – “O princípio e o fim”, Cenas da Curta Metragem. (No place like, SALAVIZA, 2010, min.0 e min.18)

A análise da curta metragem, vem mostrar como o passado se adapta ao presente e o presente se adapta ao passado.

As famílias de Pescadores continuam a existir (apesar de ser em menor número) mas a maneira como encaram a paisagem e tiram proveito dela continua a existir, e esta forma de viver é hoje, apreciado por quem visita e usado como um lugar atrativo para os turistas.

Exemplo disso é a Casa da Comporta e o Cais Palafítico, em que o cineasta evidencia e valoriza o que de bom tem esta paisagem.

Estar ali, no meio das hortas, arrozais ou dunas, respirando aquele ar puro, com o aroma de sobreiros e pinheiros que circulam a região, traz a qualquer um que frequente o local uma profunda sensação de paz. Lá reina o silêncio e a harmonia entre o Homem e a Natureza.

## 5. CONCLUSÃO

### 5.1. COMPARAÇÃO DOS CASOS DE ESTUDO

Ao analisar cada caso de estudo, inevitavelmente percebemos que estes se relacionam.

A proximidade da localização do Cais Palafrítico e das Casas da Comporta, é propositada. Com a exploração dos recursos vivos do Estuário do Sado, surge a ideia de construção de um Cais que permitisse ultrapassar as imposições do meio. A Carrasqueira reunia todas as condições necessárias: um vasto terreno com a inclinação ideal e coberto de lodo, capaz suportar uma estrutura que resistisse à fraca ondulação existente e à variação das marés.

O projecto das Casas da Comporta é uma remodelação de antigas Cabanas de Pescadores que viviam dos recursos que a natureza lhes dava. Não só da pesca, mas também da agricultura, sendo a sua localização a cerca de 2,5km da Carrasqueira, rodeada de arrozais e terrenos agrícolas.

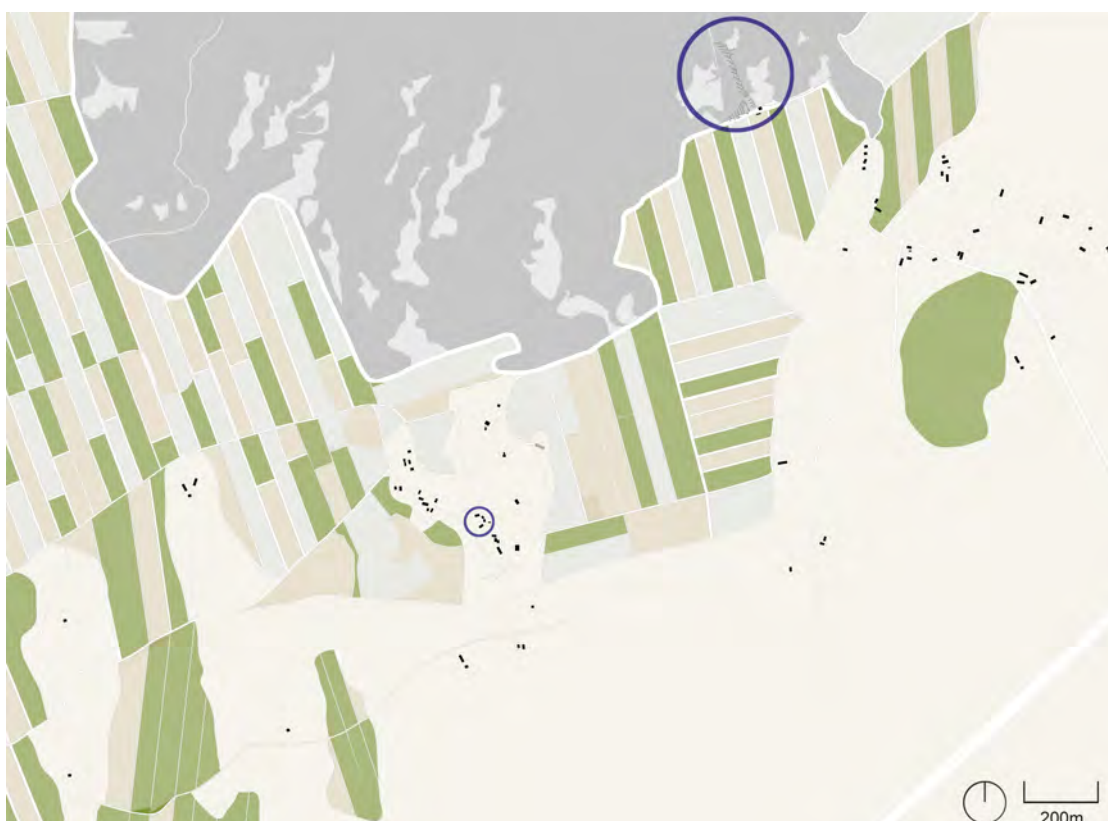


Ilustração 88 – “Localização do Cais Palafrítico e das Casas na Comporta”. (Ilustração nossa, adaptado de Google Maps, 2012)

Nesta terra do povo da Carrasqueira, existem campos agrícolas que se estendem até às casas de paredes brancas e caniço. Em frente às casas existem várias vegetações, que exalam perfumes agradáveis e suaves. Já ao lado da casa existe um caminho que subindo, avista o Cais Palafítico repleto de barracas e barcos coloridos, onde predominam caminhos de madeira em ziguezague apoiados por estacas presas ao lodo. Quando a maré sobe o Cais ganha vida, enche-se de Pescadores cheios de vontade de ir para o mar.

Todas estas intervenções que estão na planta (Ilustração 88) foram construídas por autóctones.

No Cais Palafítico, cada dois pescadores se encarregavam de erguer o devido prolongamento da estrutura iniciada, para atracar os seus barcos. Cada família de pescadores-agricultores, era responsável por construir os seus abrigos e cultivar os seus terrenos. Assim, foram aparecendo casas perto do Cais, associadas a pequenas extensões de terreno – as hortas da família.

Na Casa da Comporta, os arquitectos trabalham a leveza da construção, partindo de uma ocupação existente, no meio de areais incultos envoltos de pequenas vegetações e arrozais.

O Homem desde sempre que tem a necessidade de dominar o espaço. Em arquitectura, o espaço é definido mediante a disposição de limites físicos e orientações, quer sejam espaços interiores ou mesmo exteriores. No entanto, “o espaço é por natureza ilimitado, invisível e intangível” (Correia, 2012).

Estas três características estão na base de uma intervenção ligeira. Através de simples e leves acções, pretende-se fortalecer as relações próprias do lugar. A leveza da construção tem implícita um propósito de relacionamento entre o novo e o existente.

No Cais Palafítico existe uma adaptação ligeira e conhecimento da natureza por parte do Homem, através do controlo do movimento das marés, que lhe permitiu desenvolver uma estrutura palafítica resistente, concedendo continuidade à “linha terra”. O Homem com esta construção “acrescenta terra” ao espaço que, naturalmente pertence à água.

Na Casa da Comporta também existe esse domínio do espaço. É trabalhada a relação entre o exterior e o interior, através da areia, material que caracteriza a envolvente, que se funde com o interior.

Da mesma forma acontece no Cais Palafítico, onde de uma forma natural, a madeira se funde com o lodo e com a água, através do movimento da maré.

Os materiais escolhidos apresentam grande protagonismo na forma de construção da paisagem. No Cais Palafítico, a construção existente é mantida, continuando a construir-se da mesma forma que antigamente.

Com maior complexidade, nas Casas da Comporta, a forma de construção da paisagem desta intervenção contemporânea, para além de utilizar tradicionalmente o caniço, adapta-se no sentido de manter a paisagem.



Ilustração 89 – “Integração das Intervenções na Paisagem.”. (Ilustração nossa, Comporta, 2012)

Em ambos os casos de estudo existe uma linha ténue que segue o percurso natural da envolvente, transmitindo uma cultura, costumes e valores pré-existentes. Os materiais contribuem para o enquadramento dos projectos na paisagem, reflectindo-se numa valorização da mesma.

## 5.2. CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho, foi-me possível organizar ideias sobre a forma de construção da paisagem.

Cada paisagem ou lugar tem marcada a sua história, caracterizada pelo seu posicionamento geográfico e pela sua cultura e isso não pode ser indiferente ao Arquitecto.

É necessário não só um estudo de culturas locais como o vivenciar do quotidiano do povo, para que haja uma ligação entre o Homem Arquitecto e o Meio / Homem.

Ao entendermos o lugar ao nível histórico e cultural, percebemos como a paisagem interage com o Homem, e como Homem se deixa influenciar pela mesma, ou seja, facilmente entendemos a existência de uma forma de construir. Esta, deverá ser considerada e trabalhada, com a consciência que a presença de uma obra deve valorizar a paisagem.

Devido às novas tecnologias, à diversidade de materiais e às soluções arquitectónicas que actualmente se encontram disponíveis, reparamos que algumas paisagens estão a ser descaracterizadas. São introduzidas novos materiais que não se preocupam com a sua integração no lugar, acabando por nascer construções diferenciadas e que não servem à comunidade e não se relacionam com a paisagem.

Tal como dizem os Arquitectos Aires Mateus, "...é necessário projectar de acordo com a poética do lugar" (Mateus, 2010). Assim como fizeram nas Casas da Comporta, a forma de construção deve valorizar a identidade cultural do lugar. Esta, deve ser revitalizada para que haja mais interesse de ocupação rural.

Assim como existiu um primeiro pescador a colocar as primeiras estacas na margem daquelas terras lamacentas, tendo ao longo do tempo aparecido mais pescadores que seguiram a mesma linha de construção para chegarem aos seus barcos levando até à estrutura que hoje existe; também existiu uma primeira família de pescadores que construiu daquela forma aquelas cabanas, seguindo as mesmas técnicas e utilizando os mesmos materiais, tendo-se estas multiplicando. Esta foi a forma de construção da paisagem da Carrasqueira.

Como tal, fazia todo o sentido seguir a mesma linha de construção da paisagem, partido do que já lá existe. Após uma interpretação do lugar por parte dos Arquitectos, no projecto da Casa da Comporta, tomaram consciência de que este era um local com maior potencial para ser vivido num determinado período de tempo, do que para ser habitado por tempo definitivo, querendo assim, levar o visitante a viver a poética daquele lugar na sua verdadeira essência.

Assim, com um projecto, tiveram a oportunidade de dar a conhecer a vida e os costumes do povo da Carrasqueira a quem lá os fosse visitar. Através da história e cultura locais este projecto faz renascer algo que já lá existiu, lembrando as suas memórias e as suas vicissitudes, onde a forma de construção da paisagem se adapta através de intervenções ligeiras, que respeitam o meio onde se inserem.

Ao intervir desta forma, os arquitectos acabam por deixar o testemunho de uma cultura e de um povo que cada vez mais tem vindo a desaparecer.

Para cada local existe algo que faz sentido mas que nem sempre passa por viver a paisagem, como o projecto apresentado. Torna-se necessário perceber o que faz falta e se adequa a cada lugar.

Relativamente à materialidade, com o evoluir da tecnologia, existe uma tendência para experimentar materiais, técnicas e conceitos inovadores. Essa experiência deverá ser cuidadosa e equilibrada. Não devem ser utilizados estes elementos por serem inovadores, deixando que o local e as necessidades nos levem à escolha adequada dos materiais, que no final vão traduzir a imagem global da obra.

Os arquitectos foram inovadores na forma como utilizaram os conhecimentos da época em que vivemos, adaptando-os às técnicas construtivas utilizadas daquele lugar.

É importante que o arquitecto tenha um sentido crítico, capaz de identificar os pontos que devem ser trabalhados em cada projecto individual.

A forma da construção de uma paisagem deverá traduzir-se num equilíbrio ponderado entre a visão íntima do arquitecto, quer emocional como racional, e o conhecimento pleno da circunstância envolvente.

Este é o verdadeiro desafio da Arquitectura.



## REFERÊNCIAS

ALBANI, Julia; MATEUS, José; PALMA, Rita; SARDO, Delfim – No Place Like – 4 Houses 4 Films. 12<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, Direcção-Geral das Artes, Ministério da Cultura. Lisboa, 2010, p.8-23.

ALMEIDA, A. Campar – Apreciação da paisagem na Serra da Boa Viagem. Inforgeo, Coimbra, 1999 p.37-46.

ALMEIDA, A. Campar – Apreciação da paisagem na Serra da Boa Viagem. Actas de Encontros de Geomorfologia, Coimbra, 1999 p.181-186.

ANTROP, Marc – Geography and landscape science. Belgeo, 2000 p. 9-35

MARTINS, Artur Pires; CASTRO, Celestino; TORRES, Fernando – Arquitectura Popular em Portugal. Associação Arquitectos Portugueses. Zona 6, Algarve. Lisboa, 1988, p.121-233.

BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ Ana Maria - Palafita: da arquitectura vernacular à contemporânea. Argumentum, Lisboa, 2009, p.8-19

BERTRAND, George – Le paysage entre la nature et la société. Revue Géographique des Pyrénées et Sud Ouest, 1978 p.2

CAMPO BAEZA, Alberto – No Place Like – 4 Houses 4 Films. 12<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, Direcção-Geral das Artes, Ministério da Cultura. Roma, 2010, p.43.

CORRAL, José – Cobijo. Madrid: Blume, 1979

DOLLFUS, Olivier – L'analyse géographique. Paris, PUF, 1971

FERNANDES, J.; MATEUS, Ricardo – Arquitectura vernacular: uma lição de sustentabilidade. Edições iISBE Portugal, 2011

FIELDS, Lucy (2009) – Estuário do Sado, Por aí: Disponível em : WWW:  
<http://poraipontocom.blogspot.pt/2009/05/estuario-do-sado.html>.

FIDALGO, Ricardo; RAIMOND, Patricia – Cais Palafítico Carrasqueira. Disponível em WWW: <http://www.flickr.com/groups/carrasqueira/#group-info>, 2008.

RIBEIRO, Ana Bela Mota – Os Aires Mateus são dois mas são um. Disponível em: <http://www.publico.pt/Cultura/os-aires-mateus-sao-dois-mas-sao-um-1467461>, 2010.

GARCIA, Cynthia – Uma casa só de areia, palha e madeira. Casa Vogue, n.º304. Disponível:WWW:<http://revista.casavogue.globo.com/interiores/uma-casa-so-de-areia-palha-e-madeira/>, 2010.

JACINTO, Rui – As outras geografias: a literatura e as leituras do território. Cadernos de Geografia n.º14. Coimbra. Instituto de Estudos Geográficos. 1995.

LONG, Richard – The Sahara Desert 1988. Disponível em: <http://www.richardlong.org/>. 2012.

Land Art. In Infopédia (Em linha). Porto: Porto Editora, 2003-2012. (Consult. 2012-12-22). Disponível na www: url: [http://infopedia.pt/\\$land-art](http://infopedia.pt/$land-art).

MACHADO, Elizabeth – A Dinâmica Litoral. Disponível em: WWW:<http://www.prof2000.pt/users/ildamac/geo/litora.htm>. 2012

MATEUS, Manuel Aires, MATEUS, Francisco Aires – No Place Like – 4 Houses 4 Films. 12<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, Direcção-Geral das Artes, Ministério da Cultura. Lisboa, 2010, p.48.

MATEUS, Manuel Aires. (2011) – Services in a (post)Arquitectura.pt. Reference Services Review. Entrevista aos Arq.tos Aires Mateus.

MATEUS, M<sup>a</sup> de Lurdes Roxo – Terciarização dos espaços rurais. Cadernos de Geografia, n.º10. Coimbra. Instituto de Estudos Geográficos. 1991.

MATEUS, Francisco Aires; MATEUS, Manuel Aires – Aires Mateus, Almedina. 2005.

RIBEIRO, Ana Bela Mota – Os Aires Mateus são dois mas são um, Disponível em WWW:<http://www.publico.pt/Cultura/os-aires-mateus-sao-dois-mas-sao-um-1467461>. 2010.

DUARTE, Rui Barreiros – Conceptualizar os campos de tensões. (Arquitectura e Vida, n.º54) Lisboa: Editora Loja de Imagem. 2004. p.39-45.

MATEUS, Luís – Caracterização de revestimentos usados em construções de taipa no Barlavento Algarvio. Dissertação de Mestrado em Construção. Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. 2006.

MATEUS, Francisco Aires; MATEUS, Manuel Aires – Casa na Areia, Disponível em WWW: <http://www.archdaily.com/119742/casa-na-areia-aires-mateus/>. 2011.

NASSAUER, Joan Iverson – Culture and changing landscape structure. Landscape Ecology. 1995. p.229.

PEREIRA, Miguel Marques – A descaracterização da Paisagem. Artigo Opinião. Jornal Arquitecturas. 2009.

RUDOLFSKY, Bernard – Architecture Without Architects. A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture. University of New Mexico Press. 1964.

SALAVIZA, João – No Place Like – 4 Houses 4 Films. 12<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, Direcção-Geral das Artes, Ministério da Cultura. Lisboa, 2010, min 0 a 20.

SANTIAGO BAPTISTA, Luís – No Place Like – 4 Houses 4 Films. 12<sup>th</sup> International Architecture Exhibition, La Biennale di Venezia, Direcção-Geral das Artes, Ministério da Cultura. Lisboa, 2010, p.26-39.

SANTOS, Milton – A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. Universidade de São Paulo. 2006.

SILVA, Maria Eleonora – A Construção em Taipa na Aldeia da Trindade. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. 2009 .

SOUTO MOURA, Eduardo – Depois de visitar Macchu Picchu. 2G, nº5, Editora: GG. 1998. p.134.

SOUTO, Henrique – Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. 1998.

TRINDADE, Mafalda – Reabilitar para Habitar. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. 2010.

ZUMTHOR, Peter – Peter Zumthor Works: Buildings and Projects. 1979-1997. Baden, Switzerland. 1998.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. Campar – Paisagens: um património e um recurso. Instituto de Estudos Geográficos .Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. 2006.

ANDRESEN, Teresa – Para a critica da paisagem. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro. 1992.

BLOGGER – No tempo em que a praia era o povo!. Disponível em: WWW:  
<http://komporta.blogspot.com/2011/05/no-tempo-em-que-praia-era-do-povo.html>. 2011

BLOGGER – Os Pescadores: porque é das minhas memórias..., Disponível em:WWW:  
<http://komporta.blogspot.com/2011/06/os-pescadores-porque-e-das-minhas.html>. 2011.

BLOGGER – Viagem pelo Sado. Disponível em: WWW:  
<http://komporta.blogspot.com/search?q=viagem+pelo+sado&x=0&y=0>. 2009.

CORREIA, Ana Judite de Almeida – Espaço, limite e transição. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura e Artes Universidade Lusíada de Lisboa. 2012.

CRUZ, A. F.; QUINTA, R. G. – Inquérito Agrícola e Florestal do Concelho de Alcácer do Sal. Plano de Fomento Agrário. 1951. p.200.

DUARTE, Rui Barreiros – A poética do lugar. (Arquitectura e Vida, n.º23). Lisboa: Editora Loja de Imagem. Janeiro 2002. p.44-49.

DUARTE, Rui Barreiros – Conceptualizar os campos de tensões. (Arquitectura e Vida, n.º54), Lisboa: Editora Loja de Imagem. Novembro 2004. p.39-45.

FERNANDES, J.; MATEUS, Ricardo – Arquitectura vernacular: uma lição de sustentabilidade. Edições iisBE Portugal. 2011.

FERNANDES, J.; CORREIA, Manuel – Intervenção e lugar. (Arquitectura e Vida, n.º65). Lisboa Editora Loja de Image. 2005. p.62-71.

FERREIRA, Silvana R. – Carrasqueira. Disponível em: WWW:  
[olhares.sapo.pt/carrasqueira-31-foto5194407.html](http://olhares.sapo.pt/carrasqueira-31-foto5194407.html). 2012.

FOTÓGRAFO – Comporta, Herdade da Comporta. Disponível em: WWW:  
<http://www.herdadedacomporta.pt/pt>. 2012.

GUILLAUD, Hubert; HOUBEN, Hugo – Traité de Construction en Terre. Ed. Parenthèses. Marseille. 1989.

LINO, Raul – Casas Portuguesas. Valentim de Carvalho. Lisboa. 1993.

LUCAS, Isabel – Lodo no cais palafítico da Carrasqueira. Disponível em: WWW:  
[http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=644421](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=644421). 2006.

MAGALHÃES, J. – Dos Ranchos Migratórios em Portugal. Relatório Final do Curso de Engenharia Agrónoma. Instituto Superior de Agronomia. Universidade Técnica de Lisboa. 1956.

MATEUS, Francisco Aires; MATEUS, Manuel Aires – Casas na Areia. (Arquitectura Ibérica, n.º37) Hotéis. Editora Caleidoscópio. 2011. p.60-71.

MATEUS, Francisco Aires; MATEUS, Manuel Aires – Leitura do espaço intersticial. (Arquitectura e Vida, n.º42). Lisboa: Editora Loja de Imagem. 2003. p.80-85.

MATEUS, Francisco Aires – Sociedade Anónima na Foz do Lizandro. (Architècti, n.º7) Lisboa: Editora Trifório. 1990. p.37-39.

MATEUS, José – O perene e o efémero. Linha. Lisboa: Editor Expresso. 2004. p.33-39.

REPORTER – Entre a Terra e o Mar. Disponível em: WWW:  
<http://www.tvi.iol.pt/videos/13500173>. 2011.

SALEMA, Isabel – Transformar uma geografia é a ambição de todos os Arquitectos. Disponível em: WWW: [http://www.publico.pt/Cultura/transformar-uma-geografia-e-a-ambicao-de-todos-os-arquitectos\\_1487183](http://www.publico.pt/Cultura/transformar-uma-geografia-e-a-ambicao-de-todos-os-arquitectos_1487183). 2005.

SOUTO, Henrique – Comunidades de Pesca Artesanal na Costa Portuguesa: Estudo Geográfico. Dissertação de Doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. 1998.

TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. Universidade do Porto FAUP. publicações 5ª Edição. Porto. 2004.

TRINDADE, Mafalda – Reabilitar para Habitar. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. 2010.